



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD CIENCIAS, JURÍDICAS, POLÍTICAS Y DE LA
COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

**A INFLUÊNCIA DA INCLUSÃO DA PESSOA IDOSA NO ENSINO
SUPERIOR NO MUNICÍPIO DE BELÉM NO ESTADO DO PARÁ EM
SUA QUALIDADE DE VIDA**

MARILENE DO ROSÁRIO MENEZES

Asunción,Paraguay

2019

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN PARAGUAY

MARILENE DO ROSÁRIO MENEZES

**A INFLUÊNCIA DA INCLUSÃO DA PESSOA IDOSA NO ENSINO
SUPERIOR NO MUNICÍPIO DE BELÉM NO ESTADO DO PARÁ EM
SUA QUALIDADE DE VIDA**

Dissertação apresentada ao
Programa de mestrado em ciência
de La educación, em La
Universidad, autónoma de
asunción UAA, (Paraguay)

Orientador Dr. Luis Ortiz Jimenez

Asunción, Paraguay

2019

MARILENE DO ROSÁRIO MENEZES

**A INFLUÊNCIA DA INCLUSÃO DA PESSOA IDOSA NO ENSINO
SUPERIOR NO MUNICÍPIO DE BELÉM NO ESTADO DO PARÁ EM
SUA QUALIDADE DE VIDA**

Relatório final apresentado pela Universidad Autónoma de
Asunción Paraguay(UAA) como parte das exigências
para obter o título de Maestria em Ciências de La
Educación

Local, _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Asunción,Paraguay

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar á Deus, por ter sido meu guia durante toda essa caminhada, pelo seu amor misericordioso, porque sem a vontade dele eu não teria chegado onde eu cheguei e sem o seu amor não teria conseguido suportar tantas incertezas, dificuldades e desânimos quando aparecem. Eu te agradeço Deus por ter sido meu fiel amigo e companheiro.

Ao meu orientador, Dr. Luis Ortiz Jimenez, que para mim é um exemplo de vida, dedicação e inteligência, por ter me orientado na elaboração deste importante trabalho. E por ter acreditado em mim durante a minha caminhada no curso. O senhor me fez ver novos horizontes e acreditar que posso fazer a diferença naquilo que amo. Muito obrigada!

A minha mãe á quem dedico a minha vida, meus irmãos queridos que estiveram sempre ao meu lado , e meu marido e companheiro especial por toda dedicação, amor, carinho, compreensão, força e suporte. Todos são meus exemplos de como a superação faz parte da vida e que não importa a dificuldade, pois em nenhum momento vocês deixaram de me estender à mão e acreditar no meu potencial. Agradeço pelo amor e tudo que vocês me proporcionaram, porque sei, que se hoje sou o que sou, foi por conta de tudo que vocês me ensinaram.

Em especial á meu filho amado, que é minha vida e o motivo de tanto esforço, e dedicação, é o verdadeiro incentivo de não desistir em momento algum.

Despertei...

Sou um ser único...

Desenvolvo minhas capacidades,
minha inteligência, meu ser...

Melhero minha auto-imagem...

Busco aplicar meus talentos para fins
nobres e elevados.

Ouço o melhor, falo no melhor,

Penso no melhor.

Trabalho, trabalho, trabalho
na construção de um mundo melhor.

O pensamento é vida...

A velhice é vida...

A vida é paixão...

A vida é expansão...

Coloco gotas diárias
de alegria, otimismo, ideal, amor e
confiança.

Movimento tudo...

Turbino minha vida;

Desperto, vivo...revivo...

Acredito, venço.

Dirce Encarnacion Tavares – 2008

RESUMEN

Brasil, siguiendo la tendencia mundial, presenta un aumento significativo de ancianos. Hoy tiene una población de 15 millones, con la expectativa de que en 2025 sea de 34 millones de ancianos. La Universidad de la Amazonia (UNAMA), en el cumplimiento de sus funciones de enseñanza, investigación y extensión, y apoyada en la Política Nacional del Anciano y en el Estatuto del Anciano creó en 1991, el Programa de la extensión de la Universidad para la tercera edad (UNITERCI) el objetivo de desarrollar acciones socio educativas para las personas mayores, en la perspectiva de la resignación de la vejez, de la valorización de la persona anciana, de la reflexión sobre el proceso de exclusión social y de la mejora de la calidad de vida en la tercera edad, a través del Proyecto de extensión "Actualización Cultural en la Tercera Edad ". La meta es proporcionar la autonomía e independencia del anciano para que tenga una vejez con calidad, llevándolo a fortalecer lazos afectivos, elevar su autoestima y redescubrir habilidades y potencialidades.

Se concluyó que, a medida que los ancianos contaban sus historias, se detectaron razones fundamentales para tener un envejecimiento diferente y significativo a través de la construcción de nuevos ideales. La vuelta a los estudios mostró que, aun siendo anciano, hay vida, hay sueños, hay posibilidades, e Inhibirlos, es morir!

PALABRAS CLAVE: envejecimiento humano, educación permanente, calidad de vida

RESUMO

O Brasil, seguindo a tendência mundial, tem apresentado um aumento significativo de idosos. Hoje possui uma população de 15 milhões, com a expectativa de em 2025 ser de 34 milhões de idosos. A Universidade da Amazônia (UNAMA), no cumprimento de suas funções de ensino, pesquisa e extensão, e apoiada na Política Nacional do Idoso e no Estatuto do Idoso criou em 1991, o Programa da extensão da Universidade para a terceira idade (UNITERCI) com objetivo de desenvolver ações sócias educativas para pessoas idosas, na perspectiva da resignação da velhice, da valorização da pessoa idosa, da reflexão sobre o processo de exclusão social e da melhoria da qualidade de vida na terceira idade, por meio do Projeto de extensão “Atualização Cultural na Terceira Idade”. A meta é proporcionar a autonomia e independência do idoso para que tenha uma velhice com qualidade, levando-o a fortalecer laços afetivos, elevar sua autoestima e redescobrir habilidades e potencialidades.

Concluiu-se que, à medida que os idosos contavam suas histórias, foram detectadas razões fundamentais para se ter um envelhecimento diferente e significativo por meio da construção de novos ideais. A volta aos estudos mostrou que, mesmo sendo idoso, há vida, há sonhos, há possibilidades, e Inibi-los, é morrer!

PALAVRAS-CHAVE: envelhecimento humano, educação permanente, qualidade de vida.

SUMÁRIO

RESUMO ESPAÑOL _____	05
RESUMO EM PORTUGUÊS _____	06
LISTA DE FIGURAS _____	10
LISTA DE TABELA _____	11
INTRODUÇÃO _____	12
Justificativas da pesquisa _____	12
Definições do problema _____	15
OBJETIVOS _____	17
Objetivos Gerais _____	17
Objetivos Específicos _____	17
DELIMITAÇÃO DE ESTUDO _____	18
Espacial _____	18
Temporal _____	18
Teórica _____	18
CAPÍTULO I QUALIDADE DE VIDA DO IDOSO _____	20
1.1 QUALIDADE DE VIDA NO OLHAR DO IDOSO _____	20
1.1.1 A política municipal da pessoa idosa no município de Belém obedecerá as seguintes diretrizes _____	24
1.1.2. Nas implementações das ações governamentais da política municipal da pessoa idosa em Belém, desenvolveu-se os seguintes programas envolvidos para a educação _____.	25
1.2 SUPERAÇÃO _____	29
1.3 IMAGEM DO ENVELHECIMENTO _____	33
1.4 POR UMA NÃO EXCLUSÃO DO IDOSO _____	38
1.5 CARACTERÍSTICAS NORMATIVAS DO ENVELHECIMENTO _____	40

1.5.1 Alterações fisiológicas _____	41
1.5.2 Alterações psicológicas _____	43
CAPITULO II DIREITOS DO IDOSO _____	48
2.1 DIREITOS DO IDOSO _____	48
2.1.1 O direito à liberdade _____	48
2.1.2 O direito ao respeito _____	48
2.1.3 O direito à dignidade _____	48
2.1.4 O direito à alimentação _____	49
2.1.5 O direito à saúde _____	49
2.1.6 O direito à profissionalização e ao trabalho _____	51
2.1.7 O direito à previdência social _____	52
2.1.8 O direito à assistência social _____	52
2.1.9 O direito à habitação _____	52
CAPITULO III O IDOSO UNIVERSITÁRIO _____	56
3.1 QUESTIONAMENTOS EDUCACIONAIS DO IDOSO _____	56
3.2 INCLUSÃO DO IDOSO NA EDUCAÇÃO _____	60
3.3 UNIVERSIDADES SENIOR _____	65
3.3.1 Origem _____	65
3.3.2 Portugal _____	66
3.3.3 Projetos de inclusão para terceira idade _____	70
3.3.3.1 Inclusão digital para os alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) – Universidade Estadual Paulista (UNESP)/Marília _____	70
3.3.3.2 O programa da Universidade Aberta da Terceira Idade (UNATI) na Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE/Campus de Toledo. _	71

3.3.3.3 O projeto da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), da Universidade Católica de Goiás- UCG_____.	71
3.3.3.4 A influência da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia no processo de viver e envelhecer dos idosos estudantes/integrantes_____	73
3.4 OPINIAO DAS PESSOAS IDOSAS SOBRE A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO_____	73
3.5 FERRAMENTAS PARA MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA_____	78
3.5 1 Motivações _____	80
CAPITULOIV PROCESSO METODOLÓGICO DA PESQUISA_____	87
4.1Tipos da pesquisa_____	88
4.1.1 Quanto á natureza_____	90
4.1.2 Quanto aos objetivos_____	91
4.1.3 Quanto á abordagem_____	92
4.1.4 Quanto aos procedimentos_____	92
4.1.5 Quanto á natureza_____	93
4.1.6 Quanto ao modelo_____	93
4.2 Participantes do estudo_____	93
4.3 Instrumentos para coleta de dados _____	95
4.4 Dinâmica da pesquisa_____	97
CAPÍTULO V- ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS _____	99
5.1 Dados dos entrevistados_____	100
5.2 Entrevistas_____	108
CONCLUSÃO_____	130
REFERÊNCIAS_____	135
ANEXO I_____	142
ANEXO II_____	143

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.....	28
FIGURA 2.....	34
FIGURA 3.....	41
FIGURA 4.....	100
FIGURA 5.....	101
FIGURA 6.....	102
FIGURA 7.....	103
FIGURA 8.....	104
FIGURA 9.....	105
FIGURA 10	106
FIGURA 11.....	107

LISTA DE TABELA

TABELA 1 Instrumentos para coletas de dados.....	94
---	-----------

INTRODUÇÃO

Justificativas da pesquisa

Os estudos sobre idosos são recentes e tendem a aumentar porque estão ganhando visibilidade social cada vez maior. Um dos aspectos dessa crescente visibilidade é numérico por conta do crescimento da taxa de idosos inseridos em grupos familiares. Considerando que atualmente no Brasil há aproximadamente uma população de dezenove milhões de pessoas idosas o que representa 10,5% da população do país (IBGE, 2009), torna-se de fundamental importância a efetivação de políticas públicas que venham a garantir os direitos. A OMS calcula que o Brasil, até o ano de 2025, será o sexto país mais envelhecido do mundo. Até o ano de 2020, 1 em cada 13 brasileiros será idoso.

Nessa constituição do trabalho, foi fundamental assumir, como linha teórica principal, a interdisciplinaridade, apesar de revelar-se na sua estruturação e organização, isto implica em que, mesmo o trabalho sendo disciplinar, é com o olhar da interdisciplinaridade que posso compreendê-lo como um todo e nas suas particularidades, no trabalho de constituição do perfil do idoso. Como ele vive, sente e age em relação aos estudos; como se julga, se compreende e se revela; quais são os seus sonhos e ideais. Portanto, o problema do tema escolhido visa a uma análise e interpretação sobre o que tem levado os idosos a ingressarem numa universidade e porque não são inclusos com igualdade aos demais alunos?

O envelhecimento é um processo normal pelo qual passa todo ser humano. Desde que somos concebidos já estamos envelhecendo, e esse processo se estende por toda a vida do indivíduo, sendo mais perceptível por volta dos 50/60 anos e com isso precisamos entender, com o processo de envelhecimento surgem alterações fisiológicas no organismo do indivíduo, à medida que a idade avança, a capacidade funcional diminui, seja ela sensorial, dos reflexos, do fluxo sanguíneo, das fibras musculares e do tônus muscular. Além de ocorrer com mais frequência enfermidades como hipertensão arterial osteoporose, dentre outras. Tudo isso fragiliza e assusta a pessoa idosa deixando-a abalada emocionalmente, levando-a

assim a se retrair e se afastar do convívio social, culminando muitas vezes em falta de estímulo para viver. Associada a isso a desvalorização social do idoso agrava essa situação.

O idoso em nosso país tem que voltar a ser importante, porque, de fato, ele perdeu essa importância. Ele o é enquanto dignidade, mas perdeu seu valor social (Cortella, 1998, pag.2).

Então, com essa resistência social a questão do envelhecimento vem ganhando representatividade, visto que o prolongamento da expectativa de vida da população e o crescimento do número de idosos em todo o mundo vêm aumentando progressivamente. A condição social do idoso acaba criando uma situação controversa. Por um lado, esta se mostra como uma situação positiva: o idoso possui controle e experiência de vida, pode usufruir dela em seu benefício. Por outro lado, é um problema social, pois muitas vezes o idoso não possui dinheiro para custear seu bem-estar; muitas vezes não encontra boas oportunidades para curtir a vida; associado a isso há um progressivo crescimento da população etária inativa e uma diminuição da população ativa. Diante disso torna-se necessário, que a sociedade contribua para uma desejável qualidade de vida do idoso, em relação às condições econômicas e de convívio. É necessário que se crie uma infra-estrutura social que contribua para a independência e autonomia das pessoas idosas, além disso, é necessário que a sociedade se prepare para modificar seu comportamento em relação ao idoso, valorizando-o, respeitando-o e procurando soluções objetivas para seus problemas.

Tendo em vista que a população idosa cresce progressivamente e que os meios sociais muitas vezes não estão adaptados a esse crescimento torna-se importante a compreensão das necessidades do idoso no âmbito profissional, pessoal e econômico, bem como sua participação nesses aspectos, na tentativa de detectar as dificuldades encontradas por estes no mercado de trabalho, as suas necessidades e aspirações, a sua relação pessoal com os membros da família, a fim de buscar uma melhor interação entre o idoso e o meio em que vive.

Nesse sentido objetiva-se compreender como se dá a inclusão do idoso nas universidades, bem como sua importância enquanto cidadão e os problemas enfrentados por ele na busca de sua realização pessoal e profissional.

Segundo algumas possíveis ferramentas, descrevo alguns dos programas educativos destinados a pessoas idosas, as Universidades Abertas à Terceira Idade (UnATIs) por exemplo, que destacam-se pela manutenção da educabilidade dos idosos, da oportunidade de fortes interações sociais e da promoção da qualidade de vida.

E a metodologia aplicada nesses casos será além da convivência, o pensar, o fazer e o aprender que favorecem o bem-estar, apresentar a educação permanente como norteadora da proposta pedagógica de programas para idosos. como referencial para a prática docente, uma proposta pedagógica de educação permanente direcionada a adultos maduros e idosos, mas que pode abranger todas as idades, no processo de indagar e refletir acerca de sua própria realidade para descrevê-la e explicá-la, gerar conhecimento e atuar sobre ela. Isso porque, à medida que o homem reflete sobre o seu contexto e responde aos seus desafios, ele se compromete, cria cultura, constrói a si mesmo e se torna sujeito.

Na medida em que cresce a população de idosos no Brasil. Agigantam-se os problemas sociais. Poucos são os idosos que envelhecem em um contexto favorável a grande maioria sobrevive no meio urbano em condições socioeconômicas inadequadas. Além disso, nosso sistema educacional atende com dificuldades as necessidades dessa população.

A abordagem educacional destinada como ferramenta ao idoso, tem peculiaridades e requer a imersão neste universo para compreendê-lo e uma prática pedagógica específica, considerando as características físicas, psicológicas e sociais desta faixa etária. O importante é aprender a envelhecer com qualidade de vida. Por isso o idoso deve buscar desenvolver novas capacidades e potencialidades que permita acompanhar os constantes avanços tecnológicos. Pois a velhice não precisa significar necessariamente um tempo de tristeza, depressão e

lamentação. A velhice passa a ser um momento para colocar em prática velhos sonhos de como frequentar uma universidade e reorganizar projetos de vida que foram deixados de lado durante a vida.

A universidade na totalidade procura incluir no seu mundo a população idosa à possibilidade de desenvolver as suas capacidades e competências, a sua inserção no exercício pleno da cidadania a melhora da sua qualidade de vida e de uma fruição de tempo livre. Busca ampliar oportunidades para os idosos no mercado de trabalho e criar oportunidades de convivência com um ambiente cultural enriquecedor.

Neste trabalho mostrarei que a Terceira Idade é o momento de avaliar a vida, em virtude de suas experiências acumuladas ao longo dos anos, com o prolongamento da expectativa de vida, a cada um é dado o direito de vivenciar em uma nova etapa relativamente longa, um tempo em que se elaboram novos valores. O avanço da idade mostra um percurso de diferenciação. Quanto mais a pessoa avança uma determinada idade, mais irá se diferenciar dos outros, formando uma imagem a partir das suas experiências adquiridas ao longo dos anos e repassadas de geração para geração

A longevidade acarretou o compromisso de conquistar lugares de cidadania para o idoso e as políticas que favorecem a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade e a paz. Então por isso devemos identificar neste trabalho a faixa etária considerada coerente para ser apresentada como idosa.

Definição do problema

Nas últimas décadas uma das grandes preocupações da sociedade contemporânea é o fenômeno do envelhecimento humano. O mesmo tem motivado a atenção e pesquisa em diferentes áreas relacionada à educação, principalmente pelas intercorrências da qualidade de vida, preconceito de ser idoso, e a mudança no estilo de vida.

Os avanços sobre os idosos conhecerem ferramentas para melhoria de vida, a motivação e as relações de interdependência com a aprendizagem, a inteligência, a memória, a consciência e a reflexão, encontram-se em uma forma de análise de como serão aplicados seus esforços, que possibilita à criação de espaços de aprendizagem capazes de estimular o interesse, a atenção, a curiosidade, à vontade e o esforço para aprender.

A consciência da necessidade de estudos aprofundados para conhecer essas ferramentas de aprendizagem se faz presente de forma explícita na área da educação, entretanto, isto não acontece sobre aspectos educacionais relacionados à gerontologia a relação que existe em investir nos estudos que permitam identificar as metas, facilitando a organização de espaços de aprendizagem motivacionalmente mais favoráveis, para fundamentar com consistência o argumento de que idosos têm potencial e interesse em aprender e a usar novas tecnologias.

Diante dos pressupostos argumentos até aqui expostos, destaca-se a relevância de aprofundar o conhecimento sobre metas motivacionais de idosos que buscam alternativas no ambiente universitário, para uma educação continuada, e inserção na contemporaneidade, o que pode significar uma longevidade populacional menos onerosa para os cofres públicos.

Outro aspecto importante é a compreensão da representação social de um envelhecimento populacional mais sadio e produtivo, para que se resolva o problema dentro da inclusão do idoso dentro das universidades que é a qualidade de vida.

As mudanças que constituem e influenciam o idoso para o retorno aos estudos são complexas. No nível biológico, o envelhecimento é associado ao acúmulo de uma grande variedade de danos moleculares e celulares. Com o tempo, esse dano leva a uma perda gradual nas reservas fisiológicas, um aumento do risco de contrair diversas doenças. e um declínio geral na capacidade intrínseca do indivíduo. Em última instância, resulta no falecimento. Porém, essas mudanças não

são lineares ou consistentes e são apenas vagamente associadas à idade de uma pessoa em anos.

Por estes pequenos problemas em questão avalia-se o entendimento sobre inclusão, que é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência física, para os que têm comprometimento mental, para os superdotados, para todas as minorias e para a criança que é discriminada por qualquer outro motivo.

No campo teórico da Gerontologia, podemos apontar indicadores empregados para dimensionar necessidades e possibilidades aos idosos. Pesquisas que venham, portanto, a contribuir para a reflexão do processo da inclusão do idoso nas universidades, possibilitando discussões que oportunizem melhoria na qualidade de vida desse segmento, têm muito a acrescentar às possibilidades de intervenções interdisciplinares, até mesmo ampliando-as.

De acordo com o exposto, apresenta-se a seguinte pergunta, que motivou a investigação:

- - Como a influência da inclusão dos idosos no ensino superior no município de Belém estado do Pará afeta a qualidade de vida dos mesmos?

Objetivos da pesquisa

Assim estabeleceu-se como objetivo geral:

- - Analisar a qualidade de vida para Pessoa idosa do ensino superior do município de Belém no Estado do Pará?

Com isso, a necessidade de aprofundamento da reflexão quanto à importância da qualidade de vida do idoso culminou na formulação dos seguintes objetivos específicos:

- - Identificar o que a pessoa idosa entende como qualidade de vida na terceira idade.
- - Identificar a opinião das pessoas idosas sobre a inclusão na educação;
- - Constatar se os idosos possuem alguma ferramenta para melhorar sua qualidade de vida;
- - Sugerir algumas possíveis ferramentas para melhorar a qualidade de vida dos idosos na cidade de Belém no Estado do Pará no ensino superior.

Delimitação do estudo

Espacial

- O estudo se concentra na UNAMA- Universidade da Amazônia – na cidade de Belém no Estado do Pará.

Temporal

- Embora a empresa UNAMA- Universidade da Amazônia da cidade de Belém no Estado do Pará tenha sido criada no ano de 2002, esta pesquisa foi realizada no ano de 2018.

Teórica

- O foco do referencial teórico será sobre conceitos e justificativas de alinhamento da inclusão do idoso em diversas áreas, para desta forma balizar e fundamentar o tema principal da influência da inclusão da pessoa idosa no ensino superior no município de Belém no Estado do Pará, e o crescimento do conhecimento através de uma atualização sobre o assunto abordado.

Dessa forma, esse estudo encontra-se estruturado da seguinte forma:

O primeiro capítulo– trata da construção do objeto de estudo, que procura salientar a problemática do estudo, objetivos geral e específicos, justificar,

questionar, guiando o interesse pelo estudo, a relevância do fenômeno do envelhecimento e da qualidade de vida no olhar de idosos.

O segundo capítulo– abordagem teórica que menciona os aspectos importantes sobre o assunto principal que é a inclusão do idoso nas universidades no município de Belém no Estado do Pará; principalmente na universidade alvo da pesquisa, fazendo também uma breve abordagem de conceitos, dimensões, funções e processos formadores das representações sociais enquanto aporte teórico importantes nesse estudo.

O terceiro capítulo– enfoque metodológico trata do delineamento metodológico do estudo, como: tipo de pesquisa, população e definição da amostra e aspectos éticos, instrumentos utilizados para coleta de dados, procedimento e análise dos dados coletados.

O quarto capítulo apresenta o resultado da pesquisa aprendida. Por último, salientam-se as **conclusões** do estudo apresentando, o que pensam os idosos sobre envelhecimento e qualidade de vida acreditando-se que as informações acerca do comportamento sócio-afetivo dos idosos frente ao envelhecimento e qualidade de vida possam contribuir para novos estudos e no dimensionamento de novas práticas em saúde no campo do envelhecimento.

CAPITULO I QUALIDADE DE VIDA DO IDOSO

1.1 Qualidade de vida no olhar do idoso

Hoje se tem dado grande importância à concepção de qualidade de vida a pessoa idosa e, de certo modo, esta se associa a uma maior longevidade. Sobre este aspecto, no Brasil, Neri (1999) aponta inúmeras variáveis relacionadas ao grande tema, tratando-os como indicadores de bem-estar na velhice, e considera, na longevidade, a saúde biológica, a saúde mental, a satisfação, o controle cognitivo, a competência social, a produtividade, atividade, a eficácia cognitiva, o status social, a renda, a continuidade de relações informais em grupos primários e rede de amigos. A autora salienta que essas multiplicidades de indicadores estão relacionadas à qualidade de vida na velhice e podem ter diferentes impactos sobre o bem-estar subjetivo.

Entre as pesquisas sobre qualidade de vida na terceira idade estão os estudos de Fleck et al. (2003,p.793-799), que investigaram as condições que permitem uma boa qualidade de vida na velhice.

O resultado desse estudo mostrou que os idosos constituem um grupo particular e, como tal, apresenta especificidades de importante relevância para a qualidade de vida. Este estudo mostrou que a idéia de qualidade de vida constitui um constructo multidimensional. Há uma tendência de associação entre qualidade de vida e bem-estar ou sentir-se bem. Os aspectos de qualidade de vida salientados pelo grupo focal foram: saúde, sociabilidade, suporte social, atividade física, possibilidade de dar suporte e apoio e sentimento de utilidade. Alguns grupos apontaram religiosidade, condições financeiras estáveis e boas condições de vida como fatores importantes de qualidade de vida.

Paschoal (2000, p.120) salienta que qualidade de vida é uma palavra de difícil conceituação, que veio sofrendo transformações ao longo do tempo. Em sua pesquisa a palavra qualidade é definida como indicador de superioridade e a palavra vida inclui a saúde, relações familiares satisfatórias, condições financeiras estáveis,

entre outros aspectos. Deste modo, entendemos que o conceito de qualidade de vida não pode ser fechado e irá variar de acordo com o que está em questão, ou seja, quais aspectos estão sendo analisados; qualidade de vida então não pode ser vista como um conceito único.

Ainda nesta linha de raciocínio, Paschoal (2000, p.178) explica que na ocasião da Segunda Guerra Mundial o conceito de “boa vida” foi utilizado para expressar a conquista de bens materiais como: casa, carro, rádio, televisão, aplicações financeiras, boa aposentadoria, viagens etc. Mas, logo surgiram referenciais econômicos para mensurar e comparar qualidade de vida entre cidades, países e culturas diferentes. O PIB (Produto Interno Bruto) passou a ser um indicador, assim como a renda *per capita*, taxa de desemprego entre outros; dessa forma, concluía-se que os países com um melhor poder econômico teriam suas populações com uma melhor qualidade de vida.

Com tantas transformações esse conceito cresceu, ultrapassou as barreiras econômicas e passou a abranger também o desenvolvimento social, envolvendo: saúde, educação, trabalho, lazer e outros; ampliando mais ainda os indicadores como a mortalidade infantil, a taxa de evasão escolar, o nível de escolaridade, o nível de poluição, bem como as condições de moradia e trabalho, entre outros.

Partindo desta concepção, Paschoal (2000, p.205) prefere avaliar a qualidade de vida de forma subjetiva, ou seja, considera a qualidade de vida *percebida pela pessoa* (grifo nosso). De modo que o autor passa a valorizar a opinião dos indivíduos, pois não poderia avaliar a qualidade de vida dentro de um modelo construído previamente, já que o importante era conhecer a percepção das pessoas sobre o que era qualidade de vida para elas. Assim, sugeriu que se fizesse uma seleção dos aspectos mais relevantes, como o “experencial da vida”, e incluiu a soma das sensações, percepções, emoções, humores e atos cognitivos do indivíduo; as “atividades realizadas na vida”, em que se encaixam as ações da vida; as “realizações na vida”, que são os resultados das ações; os “eventos na vida”, são aqueles que a pessoa tem ciência e são atribuídos a ela e as “circunstâncias da vida”, que são como os eventos da vida.

Podemos afirmar que a velhice faz parte do ciclo natural da vida, configurando-se como um processo complexo que envolve perdas e ganhos, os quais são intensificados conforme os fatores internos e externos, estrutura social e cultural onde o sujeito é situado.

Rosa (1993, p. 159-165) esclarece que as formas de desadaptação costumam aparecer no processo de somatização, pode em alguns casos ser extremamente violenta e até levar à morte. Neste processo, o idoso transforma seus medos em problemas físicos, como hipertensão, diabetes, colites ulcerativas, enfarte, asma brônquica, histerias de conversão nas suas diferentes formas de paralisia, cegueira etc. A hipocondria vai se acentuando de tal maneira que acaba por não admitir que o indivíduo tome parte da vida, reduzindo-o a um estado vegetativo. Embora não sejam frequentes esses casos extremos, essas perdas orgânicas podem ser sentidas como insuportáveis e levam ao suicídio.

Com relação aos problemas emocionais dos idosos entendemos que a perda é o tema predominante característico das experiências emocionais dos idosos. Uma pessoa deve lidar com a tristeza de múltiplas perdas (morte do cônjuge, amigos, familiares e colegas), mudança de status e prestígio profissional e declínio das habilidades físicas e saúde.

Na velhice, as perdas se tornam mais marcantes. Quando falamos em perdas, estamos nos referindo não apenas a morte, mas também as outras perdas que nos acompanham durante toda a nossa vida.

Nas palavras de Viorst (1998,):

(...) perdemos, não só pela morte, mas também por abandonar e ser abandonado, por mudar e deixar coisas para trás e seguir nosso caminho. E nossas perdas incluem não apenas separações e partidas do que amamos, mas também a perda consciente ou inconsciente de sonhos românticos, expectativas impossíveis, ilusões de liberdade e poder, ilusões de esperança – e a perda de nosso próprio eu jovem, o eu que se julgava para sempre imune às rugas, invulnerável e imortal. (Viorst, 1998, p.13-14).

As perdas são necessárias à vida, pois para desenvolvermos precisamos perder, abandonar e desistir. Mas na velhice estas renúncias, sem dúvida, geram ansiedade, tristeza e dor. O medo da morte também aparece, e apesar de não ser universal, é um sentimento que a maioria das pessoas não pode suportar. Diante de tantos sentimentos e emoções vivenciados pelos idosos, alguns se tornam introspectivos e isolados, tendo poucas atividades; outros idosos mantêm uma vida ativa, substituindo antigos projetos por novos relacionamentos; e outros ainda que puderam amadurecer com as experiências da vida, buscando fazer o que ainda se pode de acordo com os limites da idade.

Quando um indivíduo se sente bem, ele valoriza a vida e, portanto, o “estar pronto” para morrer é muito relacionado à qualidade de vida. O futuro para os idosos torna-se menos longínquo e a proximidade da morte suscita nos idosos uma menor tolerância às banalidades (Boemer et al., 1991,p.119-127).

A análise feita neste trabalho mostrando que os idosos estão inseguros, empobrecidos, com dificuldade de locomoção, acesso precário à saúde, à educação e a outros serviços. A má qualidade de vida dos idosos brasileiros é uma realidade que pode ser notada diariamente, tanto nas grandes cidades quanto na zona rural. Mas, o Dia Internacional do Idoso, traduz um quadro em números colocando o Brasil em 58º lugar numa lista de 96 nações avaliadas, atrás mesmo de países reconhecidamente mais pobres, como Bolívia, Equador e El Salvador.

O idoso que tem mais de 60 anos atualmente está numa faixa que engloba 11,5% da população brasileira. Em 2050, serão 29%. Apesar disso, as políticas públicas não têm sido suficientes para atender a essas pessoas. Segundo o relatório Global, que levou em conta a opinião de mil idosos entrevistados no país e outros milhares nos demais 95 países avaliados as piores notas do país são relativas a segurança e transporte público.

Então foi tentando entender o aproveitamento do envelhecimento como convém e como se recomenda, buscando a sabedoria, que as universidades do município de Belém, assimilaram que depende da circunstância do homem e da

própria pessoa, como o idoso em questão, que os esforços do governo no que diz respeito ao investimento na tecnologia e incentivo de avanços técnicos, se o ser idoso não obtiver noção e consciência do próprio sentido de sua vida, não irão obter sucesso nas suas conquistas.

O idoso está incluído na política municipal de Belém com a finalidade de:

- 1- A Política Municipal da Pessoa Idosa, objetiva assegurar e programar os direitos sociais do idoso, criando condições próprias para a promoção da sua autonomia, integração, participação e capacitação efetiva na sociedade.
- 2- Considera-se pessoa idosa, para os efeitos desta Lei Municipal, a pessoa a partir de sessenta anos de idade, de conformidade com o estabelecimento na Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994, regulamentada pelo decreto n. 1948, de 03 de julho de 1996 e que instituiu a política nacional do idoso.

1.1.1 A Política Municipal da Pessoa Idosa, no município de Belém obedecerá as seguintes diretrizes:

I - Promover sob diversas formas e garantir, a participação da pessoa idosa em atividades para a sua integração com crianças, jovens e adultos, através de suas organizações representativas, na formação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos à serem desenvolvidos no Município de Belém;

II - Priorizar o atendimento a pessoa idosa através de suas próprias famílias, evitando-se o internamento asilar, exceto aquela que não possua condição que lhe garanta sua própria sobrevivência;

III - Formação, capacitação e aperfeiçoamento de Recursos Humanos nas áreas de envelhecimento humano e na prestação de outros serviços, envolvidos no trabalho com a pessoa idosa;

IV - Manter a pessoa idosa permanentemente informada sobre os serviços, planos e projetos implementados pelo Governo;

V - Estabelecer mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais do envelhecimento;

VI - Garantir o atendimento qualificado da pessoa idosa nos órgãos públicos e privados prestadores de serviços;

VII - Impedir a permanência de pessoas idosas portadoras de doenças que necessitam de assistência médica ou de enfermagem permanente em instituições asilares

VIII - Promover e apoiar estudos e pesquisas sobre as questões do envelhecimento.

1.1.2 E nas implementações das ações governamentais da política municipal da pessoa idosa em Belém, desenvolveu-se os seguintes programas envolvidos para a educação:

a) Estimular a criação de cursos de alfabetização da pessoa idosa;

b) Inserir nos currículos mínimos nos três níveis de ensino, conteúdos transversais sobre o processo do envelhecimento;

c) Desenvolver programas educativos, inclusive nos meios de comunicação para informar a população sobre o processo do envelhecimento com objetivo de eliminar preconceitos e de valorizar a pessoa idosa;

d) Promover a participação e integração da pessoa idosa na comunidade estimulando a convivência intergeracional;

e) Estimular o acesso a pessoa idosa nos cursos das universidades abertas para terceira idade e Instituições de Ensino Superior;

f) promover cursos de formação política capacitando a pessoa idosa ao exercício da cidadania;

Embora se observe, de modo geral, as precariedades de atendimento destinadas a idosos de baixa renda neste mesmo município, estas não deixam de ser um lócus privilegiado para o sistema educacional, pois aí se concentram idosos geralmente mais fragilizados e/ou socialmente vulneráveis

Guardini (2012, p.193) afirma que envelhecer, como se deve, depende para além das conjunturas culturais e materiais, da favorável aceitação da própria idade pelo idoso.

Dentre outros aspectos, trata-se de superação dos preconceitos que são disseminados entre os jovens, além de superar as angústias contra tudo o que é atual, moderno. Essa aceitação de si deve perpassar, necessariamente, pela cognição de que todos são seres que têm como fim a morte e, a partir do reconhecimento desses fatores negativos, sugere-se aproveitar a vida com qualidade, enquanto há tempo.

Nessa perspectiva, levando-se em consideração que o processo do envelhecimento carrega consigo muitas alterações anátomo-fisiológicas, é válido pensar em traçar estratégias para aproveitar e viver a vida de forma harmoniosa, equilibrada e com qualidade de vida (Silva et al.,2011,p.145-166).

Como meio de promover a qualidade de vida na terceira idade, autores afirmam que a atividade física está entre os principais fatores por apresentar efetividade para todas as populações, melhorar a saúde e facilitar os contatos sociais, desde que seja adaptada à faixa etária do indivíduo. Este estudo obteve como resultado que o idoso que praticar exercícios físicos regularmente e manter uma vida social e atividade mental ativa pode garantir a independência e viver com um bom nível de qualidade de vida. Além disso, a literatura menciona que a atividade física pode contribuir na melhora das atividades de vida diária e no bem-estar emocional, além de impactar a percepção de qualidade de vida

Estudos também mostram que a atividade física como meio para melhorar a qualidade de vida na terceira idade, objetivou examinar se a aderência das atividades de intervenção de educação em saúde contribui para melhorar a qualidade de vida geral e suas dimensões específicas. Os aspectos utilizados na intervenção incluíram atividades físicas e recomendações sobre hábitos alimentares, que foram abordados através de grupos e oficinas, bem como cartazes e folhetos. Abordou ainda o aspecto social, ao promover a realização de teatro popular, com documentários em vídeos, workshops e reuniões de grupos na comunidade. Os resultados encontrados demonstraram que a adesão às atividades propostas contribuiu para a melhoria da qualidade de vida.

Figura 1: Quanto às variáveis: autores, ano, base de dados, nível de evidência, objetivos, método, práticas de educação em saúde utilizadas e principais resultados.

Autores/Ano/Base de dados/Nível de evidência	Objetivos	Método/Práticas educativas realizadas	Principais resultados
Zabalegui et al.2006 MEDLINE II	Determinar a eficácia, ao longo de 12 meses, do Programa Educativo de Autocuidado do Idoso (PECA) sobre a qualidade de vida, o estado nutricional e o apoio social percebido de pessoas maiores de 65 anos que vivem em seu próprio domicílio.	Ensaio clínico, aleatorizado. Programa educativo sobre atividade física, estado nutricional e apoio social.	Encontraram-se diferenças estatisticamente significativas entre observações pré e pós-intervenção no estado nutricional.
Rana et al.2009 MEDLINE II	Examinar se a aderência das atividades de intervenção de educação em saúde contribui para melhorar a qualidade de vida geral e suas dimensões específicas.	Estudo de intervenção. Aconselhamento, reuniões de grupos e oficinas com orientações e recomendações sobre atividade física e hábitos alimentares e distribuição de cartazes e folhetos.	No grupo não aderente as probabilidades de escores maiores foram menos prováveis na qualidade de vida global. Entre o grupo controle, escores maiores foram menos prováveis nas dimensões física, espiritual, social, ambientais e qualidade de vida global.
Tamari et al.2012 MEDLINE III	Examinar os efeitos de curto prazo de um programa educacional de 3 meses estruturado na qualidade de vida entre os residentes na comunidade de povo japonês com 65 anos e mais velhos.	Estudo de intervenção de braço único pareado por idade, sexo e índice de massa corporal. Programa educacional através de palestras, conselhos, aula de exercício físico em grupos	Melhorias significativas foram observadas nas subescalas de saúde e de vida gerais do Short-Form 36 no grupo educativo.

Costa et al.2012 SciELO III	Investigar se o nível de qualidade de vida da terceira idade é influenciado pela utilização de exercícios psicomotores como estratégia de educação em saúde.	Estudo descritivo, de abordagem quantitativa e delineamento quase experimental apenas com o pós-teste. Grupo educativo de exercícios cinético-funcionais.	Os domínios físico, psicológico, relações social e ambiental e qualidade de vida total apresentaram diferenças estatísticas significantes entre idosos ativos e inativos, bem como no teste de Berg, que avaliou o equilíbrio funcional.
--------------------------------	--	---	--

Fonte: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n6/1413-8123-csc-20-06-1763.pdf>

1.2 Superação

Superação é uma palavra que cabe bem no vocabulário de aposentados que decidiram voltar aos estudos. Enquanto muitos adultos e idosos acreditam que é tarde demais para realizar seus sonhos, outro tem sede por novas perspectivas, cursando eles acreditam demonstrar ser entusiasta de uma vida ativa e de colaborativismo, enfatizam que nunca é tarde demais para aprender e que não há nada mais gratificante do que ajudar o próximo e compartilhar conhecimentos.

Esses idosos são exemplos de garra e determinação, são pessoas que deram duro na vida sem desistir dos seus sonhos, eles prestam vestibular sem desânimo tentando uma vaga sem parar não importa a quantidade de vezes e sem se importar com a colocação, o importante é não desistir nunca.

Vieira (1996) ressalta que as mudanças na função social do indivíduo podem ser traumáticas com a aposentadoria, uma vez que passa de trabalhador ativo para aposentado, de responsável por filhos menores a pai de filhos emancipados, de um grande círculo de relações a um pequeno grupo. Desta forma, os desafios gradativamente cessam, logo, sem desafios não há reações, sem reações, a vida perde o seu grande sentido.

A aposentadoria é um marco no processo de envelhecimento, afastando o aposentado do mundo produtivo e enfraquecendo sua sociabilidade, que era construída a partir das relações de trabalho, além de deixá-lo em uma situação de disponibilidade e ociosidade. (Vieira, 1996; Peixoto, 1997, p. 69-84).

A aposentadoria é conceituada por como a ação na qual o empregador confere a seu funcionário a dispensa do serviço a que estava sujeito, embora prossiga pagando remuneração, ou parte dela, a que tem direito, como se estivesse em efetivo exercício de seu cargo. É uma idéia moderna, até tempos recentes as pessoas ao envelhecer diminuían progressivamente suas atividades profissionais ou optavam por uma tarefa com ritmo compatível às suas idades sem deixar o trabalho.

A aposentadoria tem sido a marca registrada da velhice e da inutilidade social, uma vez que a própria nomenclatura, isto é, aquele que fica no aposento, reflete isso claramente. A transição de um período ativo para outro sem motivações objetivas e reconhecimento social, com diminuição do padrão de vida e com exteriorizações físicas do envelhecimento, acarreta perdas significativas do status social e financeiro ao indivíduo.

As implicações da aposentadoria na vida cotidiana do idoso levam-no à perda da autoestima, à diminuição dos ganhos econômicos e, frequentemente, à manifestação de enfermidades psíquicas e físicas.

“Preconceitos vivenciados na família e por membros da sociedade que não enxergam a importância da Educação na vida das pessoas” somam-se aos fatores que dificultam a aprendizagem dos alunos da Terceira Idade, mesmo diante de todas as implicações referidas, Palácios (1995, p.397) sustenta que as pessoas mais velhas são capazes de aprender, mas a “falta de motivação, a baixa autoestima, as expectativas escolares prévias desagradáveis ou a pouca familiaridade com o sistema educacional atual” podem levá-los a terem dificuldades durante o processo da aprendizagem escolar.

Os idosos, de maneira geral, sentem dificuldade em conteúdos específicos, como “conta de vai um”, “empresta um” e “raiz quadrada”. Entretanto, quem não tem dificuldades? As dificuldades são sinônimas de superação, desafio que precisam ser enfrentados com determinação, como a manifestação a seguir mostra:

Eu aprendi que o seguinte, você não pode desanimar nunca e eu não desanimo mesmo não. Às vezes, alguma coisa assim, meio difícil, complicada, eu dou um tempo e depois volto a fazer aquela mesma coisa até conseguir, tem que ter determinação, porque muitas das vezes eu perdia trabalho por causa disso: „Ah, está difícil!“ Eu largava pra lá e não é desse jeito. Então, hoje está difícil, é aí que eu vou em cima mesmo pra conseguir. Então, eu aprendi muita coisa sobre isso. (Grossi, 2015, p.6)

Por outro lado, nem todos os alunos idosos têm o mesmo sentimento de superação. Pelo contrário, observamos nos desabafos dos educandos alguns medos e traumas relacionados à encarar a vida Escolar principalmente universitária, frutos de experiências pessoais, nem sempre agradáveis, como sujeitos influenciados pela sociedade atual de que é “difícil” e poucos conseguem. Essas sensações e sentimentos que emanam de muitos cidadãos preconceituosos.

Frente às manifestações dos educandos idosos, de traumas, medos, surpresas, esperanças e repúdio em relação inclusão á estes estudantes, observamos que as escolas não tem apenas como função transferir conhecimentos que são veiculados e valorizados pela sociedade. Todavia, ainda que os idosos não aprendam os conteúdos específicos da disciplina, eles estão conversando e encontrando com outras pessoas. Mesmo ficando nervosos ansiosos e preocupados, é por meio dessa dialética que sobrevive como companheiros, amigos, pessoas solidárias em um espaço de atuação humana, enfrentando dificuldades na aprendizagem na vida escolar. Mas a escola de adultos idosos percebe poucas essas socializações necessárias.

Nós defendemos que é necessário levar em consideração quem são os sujeitos que estão aprendendo a Matemática, que idade tem com que propósitos procuram a escola e seus sentimentos diante do ato de aprendê-la.

É que eles não podem mais ser envergonhados nem se envergonharem. Mas também acreditamos que não se trata só de uma questão de “método”, mas também de uma consciência política de quem é o sujeito que se apresenta para a prática educativa. Aqui, somar é sempre melhor do que dividir.

Uma citação muito interessante é pontuada por Birman (1995, p.23) e que nos ajuda a refletir sobre os conceitos.

“Velho na percepção dos “envelhecidos” das camadas médias e superiores está associada à pobreza, à dependência e à incapacidade, o que implica que o velho é sempre o outro”. Já a noção de “terceira idade” torna-se sinônimo dos “jovens velhos”, os aposentados dinâmicos que se inserem em atividades sociais, culturais e esportivas. Idoso, por sua vez, é a designação dos “velhos respeitados”. A expressão “idosa” designa uma categoria social, no sentido de uma corporação, o que implica o desaparecimento do sujeito, sua história pessoal e suas particularidades. Além disso, uma vez que é considerado apenas como categoria social “o idoso é alguém que existiu no passado, que realizou o seu percurso psicossocial e que apenas espera o momento fatídico para sair inteiramente da cena do mundo”.

Então consideramos o envelhecimento como um processo, a velhice como uma etapa da vida, e idoso como o resultado.

Assim consciente de todos os termos e seus devidos significados proposto, podemos perceber que a construção desses significados acaba envolvendo mitos, estereótipos e preconceitos, depreciando o fenômeno de envelhecimento, trazendo sofrimento e desconforto para essa geração.

Na nossa sociedade atual, a observação feita é a substituição do “velho” pelo “novo”, está imposto pela mídia e pela própria sociedade que enaltece aquele que é jovem.

Acreditamos que não é possível categorizar uma etapa da vida que vive em constante processo, porém também temos consciência de que em nossa sociedade, algumas considerações tornam-se inviáveis, uma vez que o “velho” perdeu o lugar que ocupava antes.

É importante que possamos entender que esta fase da vida é única e importante, e que traz modificações biopsicossociais que devem ser respeitadas. Que esta etapa de vida não pode ser vista como negativa, pois os idosos ainda têm muito a nos ensinar sobre a vida.

Respeitar o idoso é respeitar nosso próprio futuro!

1.3 Imagem do envelhecimento

Ao mencionar o conceito de estereótipo, é importante enquadrar o mesmo, dentro de um referencial teórico bem estruturado. Neste trabalho, o conceito de estereótipo surge inserido num outro conceito, mais global, o de imagem. No contato com o meio ambiente que nos rodeia, os indivíduos são capazes de captar representações que permitem classificar e organizar os dados percebidos. Estas percepções recebidas pelos sentidos perduram na presença desses dados obtidos. Esta realidade fica assim armazenada através de imagens. Estas não constituem uma cópia fiel da realidade, pois estão susceptíveis a distorções, podendo ser influenciadas por fatores de natureza física, social e psicológica (Sánchez, 1982, p. 363-383).

Segundo Ribeiro (2007, p.38), a imagem “é um conjunto de conceitos e valores que as pessoas associam a determinada pessoa, objeto, produto ou instituição. Nesta definição, a imagem construída pela pessoa, aliada a um sistema de valores (cultura), exerce inevitavelmente influência na construção da percepção e do pensamento”. Este autor preconiza ainda, que a imagem resulta de “um comportamento, estereótipo, representação, ou de um mito”.

As imagens têm como funções principais fazer juízos sobre os outros, e prover informações que regulam as interações com os outros.

O conceito de imagens pode ser ainda caracterizado como:

- a) Imagens mentais, que incluem estereótipos, percepções do “eu” e do “nós” e sobre os “outros”;
- b) Imagens sociais, envolvendo representações, comportamentos, discriminação atitudes e preconceitos e
- c) Imagens culturais, que abrangem os mitos, crenças e tabus.

Figura 2 Caracterização de imagens mentais, sociais e culturais

Imagens mentais	Imagens sociais	Imagens culturais
Percepções do “eu”, do “nós” e dos “outros” -Estereótipos	-Representações Sociais -Discriminação Social -Atitudes -Preconceito	- Mitos -Crenças

Fonte: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2500/3/Disserta%C3%A7ao.pdf>

Nos dias atuais, o envelhecimento aparece associado a doenças e perdas, e é na maioria das vezes entendido como apenas um problema médico. Para Neri e Freire (2000), o envelhecimento ainda está ligado à deterioração do corpo, ao declínio e à incapacidade. “Na base da rejeição ou da exaltação a crítica da velhice,

existe uma forte associação entre esse evento do ciclo vital com a morte, a doença, o afastamento e a dependência” (Neri & Freire, 2000, p. 8).

A velhice começou a ser tratada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais a partir da segunda metade do século XIX. O avanço da idade dar-se-ia como um processo contínuo de perdas e de dependência, que daria uma identidade de falta de condições aos idosos e seria responsável por um conjunto de imagens negativas associadas à velhice.

As associações negativas relacionadas à velhice atravessaram os séculos e, ainda hoje, mesmo com tantos recursos para prevenir doenças e retardá-la, é temida por muitas pessoas e vista como uma etapa detestável. A célebre frase de uma artista brasileira idosa famosa, “*o envelhecimento é a prova de que o inferno existe*” ,demonstra o quanto a velhice é uma experiência individual que pode ser vivenciada de forma positiva ou negativa, em consonância com a história de vida da pessoa e da representação de velhice que está enraizada na sociedade em que vive. Assim, pode-se inferir que não importa a quantidade de anos que o indivíduo tem, mas sim, o que ele fez com os anos vividos, e como a sociedade trata alguém com aquela idade.

Estudos realizados em sociedades não ocidentais apresentam imagens positivas da velhice e do envelhecimento, ensinando que a representação de velhice enraizada nas idéias de deterioração e perda não é universal. À medida que o envelhecimento é documentado em outros povos, constata-se que ele é um fenômeno profundamente influenciado pela cultura.

As concepções de velhice nada mais são do que resultado de uma construção social e temporal feita no seio de uma sociedade com valores e princípios próprios, que são atravessados por questões multifacetadas, multidirecionadas e contraditórias. Na época contemporânea, florescer do século XXI, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e sua importância social. Vive-se em uma sociedade de consumo na qual apenas o novo pode ser valorizado, caso contrário, não existem produção e

acumulação de capital. Nesta dura realidade, o velho passa a ser ultrapassado, descartado, ou já está fora de moda. Pode-se entender um pouco mais a dinâmica da sociedade atual nas palavras de Pacheco (2005), que toma como exemplo o fenômeno dos aparelhos celulares:

Em poucos anos, eles se modificaram centenas de vezes. Desenhos modernos, bonitos e funcionais são criados para que as pessoas pareçam antenadas, jovens e bem-sucedidas. O medo da transformação que surge com a velhice assemelha-se um pouco ao fenômeno dos celulares. Tem-se medo de envelhecer como se tem receio de ser ridicularizado ao usar o aparelho antigo de dez anos, como os tijolões dos 'tiozinhos'. O ser humano envelhecido é-nos apresentado, pela ideologia dominante, como o aparelho ultrapassado. Fala, mas ninguém quer! (Pacheco, 2005, p.65).

O status reduzido das pessoas idosas é também devido à ênfase contemporânea na juventude, beleza, autonomia, independência e na habilidade de ser produtivo ou reprodutivo. Assim, "ser velho" assume uma conotação negativa, remetendo à perda de atributos tão valorizados pelo meio social e, simultaneamente, pelo próprio idoso.

Para Jones (2006, p.79-91) o significado social relacionado às pessoas mais velhas é amplamente negativo, embora não seja exclusivamente assim. Os estereótipos negativos são atribuídos principalmente pelos próprios idosos, que não se reconhecem como tal e falam da categoria "velha" como se não fizessem parte da mesma. Tal atitude seria uma falsa consciência ou uma atitude preconceituosa? Por que a percepção da maioria das pessoas sobre os idosos é pior do que a realidade? Por que muitos têm preconceito contra os idosos e a velhice?

Uma das razões, segundo Berger (1994.p.257), é que a cultura nos Estados Unidos enfatiza o crescimento, a força e o progresso, com uma exagerada veneração aos jovens. Outra explicação dada por ele é que, para muitas pessoas, interagir com velhos é lembrar-se da proximidade com a morte. Assim, o preconceito serviria como fator protetor porque manteria afastadas as idéias de declínio e de morte.

O envelhecimento é visto em diversas culturas como indesejável. Os estereótipos refletem idéias errôneas comuns, como: as pessoas idosas são doentes, são rabugentas e excêntricas. Esses estereótipos são prejudiciais e geram uma imagem distorcida da velhice, pois se sabe que a maioria dos idosos não é doente, além de apresentarem dimensões de personalidade que teceram ao longo de toda a vida.

Embora a velhice seja nada além do que um construto social, o preconceito continua florescendo. A idade é uma categoria embutida dentro dela mesma, é discutível e obsoleta. Enquanto todos os outros estágios da vida são planejados e construídos social e culturalmente e não existem conflitos para eliminar a infância, a adolescência e a idade adulta do panorama do desenvolvimento humano, a velhice é colocada à margem, pois ao mesmo tempo em que as pessoas querem viver muito, não querem ficar velhas nem se parecer com velhos.

O envelhecimento surge associado a um processo marcado por alterações a nível biológico, psicológico e social, que podem refletir ao nível do comportamento do idoso, no tipo de atividades que mantém, em como nas interações sociais. O envelhecimento é ainda um processo que ocorre ao longo do tempo, de forma progressiva, e que varia de indivíduo para indivíduo, pois se sabe que as pessoas não envelhecem todas da mesma forma. No entanto, para além das perdas e limitações que podem advir com o envelhecimento, este é também visto como uma fase de maior maturidade e experiência de vida. É, no entanto com o envelhecimento patológico que aspectos negativos tendem a surgir, como a incapacidade, a dependência, imaturidade e tristeza.

Face ao processo de envelhecimento que se verifica atualmente, a imagem de idoso e de velhice, nas sociedades modernas, é marcada pela decadência física e pela ausência de papéis sociais, onde não é dado o devido valor ao idoso, e onde por vezes se recusa o próprio processo de envelhecimento.

Assim, prevalece uma visão negativa do idoso e do processo de envelhecimento, onde lhe são atribuídas imagens e estereótipos negativos.

Assim, parece importante fazer uma breve referência à institucionalização do idoso, e a algumas características que a acompanham, visto que, esta tem sido uma constante na sociedade atual, não só devido ao aumento da população idosa, mas também devido às novas exigências da competitividade e do mundo do trabalho, que deixam muitas vezes a família sem tempo para cuidar do idoso.

Falando um pouco sobre as causas que podem levar o idoso à institucionalização, encontram-se a idade avançada do idoso, o morar sozinho, a existência de doenças, limitações ao nível das atividades da vida diária, ausência de suporte social ou pobreza. Também a viuvez, a existência de deficiências físicas ou mentais e dificuldades econômicas são apontadas como possíveis causas da institucionalização.

1.4 Por uma não exclusão do idoso.

Dentre os diversos caminhos a se seguir, diminuir a exclusão parece o mais complexo deles. O envelhecimento em si deveria ser motivo de alegria, de um contentamento genuíno, não aquela alegria comercial vazia, mas como uma conquista, pois envelhecer é uma vitória. E não apenas a vitória de um indivíduo, mas do coletivo.

Apesar de algumas dificuldades persistirem, o acesso às instituições de saúde aumentou bastante, melhorias no saneamento básico e os avanços da medicina garantiram uma chance maior para que o ser humano possa envelhecer. Mas a sociedade não acompanhando os avanços científicos parece não ter tido a sensibilidade para entender o significado deste avanço.

O envelhecimento populacional constitui uma das maiores conquistas do presente século. Poder chegar a uma idade avançada, já não é mais privilégio de poucas pessoas. Em contraposição, muitas sociedades não são consequentes com essas mudanças demográficas, no seguinte sentido: as mesmas atribuem valores relacionados com a competitividade para seus grupos, valorizam a

capacidade para o trabalho, para a independência e para a autonomia funcional, entre outras. Só que, na realidade, muitas dessas crenças e valores, nem sempre podem ser acompanhados pelos idosos, se levar em consideração algumas mudanças e perdas que frequentemente se associam à velhice. (Veloz; Nascimento-Schulze; Camargo, 1999, p.3).

Mas tal conquista do século XX parece não ter sido bem assimilada pela sociedade moderna. Uma pessoa que não produz renda, que remete à finitude do ser humano e pode representar tudo aquilo considerado ultrapassado, não deveria desfrutar dos mesmos “privilégios” que os jovens e adultos possuem, portanto o velho deveria ser substituído por um jovem ou até mesmo ser descartado, pois o velho significava tudo aquilo que os mais jovens não queriam se tornar. Uma sociedade idealizada para receber o novo, agora tratava de excluir o velho.

São novos valores que configuram uma nova visão de mundo, de sociedade, de um novo período histórico que se constrói globalmente. O processo de globalização, impulsionado pela revolução tecnológica (com suporte nas tecnologias microeletrônicas e da era cibernética), é marcado pela instantaneidade e descartabilidade favorecendo o culto da juventude, da beleza, da virilidade e da força física em detrimento da idade madura e da velhice que são associadas à improdutividade e decadência. Há até quem fale em “ideologia da juventude”. (Rodrigues; Soares, 2006 p. 5).

A tal “ideologia da juventude” (Rodrigues; Soares, 2006) tratou de impor uma condição de vida que busca “ser jovem para sempre”, por sinal esta frase é citada em um comercial de um tonalizante para cabelos grisalhos masculinos. Essa busca advém do estigma negativo que a velhice carregou por séculos.

Mas o que há de negativo em ser velho ou idoso? Novamente a questão estética travestida como “questão de saúde” se faz presente. A velhice não é vista como padrão de beleza aceitável para uma sociedade que valoriza apenas como beleza, o padrão caucasiano, esbelto e jovem.

Idosos tem um potencial que vai além do consumismo que o mercado apregoa, eles poderiam ser a fonte de conhecimento perdido para uma geração que se acostumou com parafernálias tecnológicas e não dá valor sequer à sua própria história. A convivência entre diferentes gerações, desde que não seja de forma imposta ou forçada, sempre será positiva.

Desde que a mulher começou a conquistar seu espaço no mercado de trabalho e passaram a trabalhar também fora de casa, muitos idosos passaram a ocupar um papel mais próximo de seus netos e até bisnetos. Essa convivência poderia ser explorada pelas escolas realizando trabalhos que se utilizariam da “história oral” para que os laços entre as gerações fossem fortalecidos e principalmente os mais jovens tivessem contato com outras visões de mundo menos efêmeras e imediatistas. Especialmente com aqueles idosos com algum tipo de incapacidade física.

Devemos estimular, como espectadores críticos e ativos, os meios de comunicação de massa a promoverem imagens que destaquem a sabedoria, os pontos fortes, as contribuições, o valor e a criatividade de mulheres e de homens idosos, inclusive daqueles idosos com incapacidades. (Santana, 2003, p. 5)

1.5 Características normativas do envelhecimento

Perante a dificuldade na sua definição, de modo geral, entende-se que o envelhecimento deve ser encarado como um processo biopsicossocial, não devendo ser explicado sem considerar dimensões biológicas, sociais e psicológicas que lhes estão inerentes.

De seguida, são apresentadas algumas dessas alterações.

1.5.1 Alterações fisiológicas

Ao que foi referido, o envelhecimento é um processo que tende a ocorrer em todos os indivíduos, e se expressa predominantemente pela perda de adaptação e diminuição da funcionalidade, estando, sobretudo associado a características biológicas e físicas. Esta última, é possivelmente aquela que mais cedo revela o envelhecimento, e aquela que pode alterar a capacidade funcional dos indivíduos, modificando a sua qualidade de vida. Segue as alterações a nível fisiológicos mais evidentes abaixo.

Figura 3: As alterações a nível fisiológicos mais evidentes.

<p>Alterações Físicas</p>	<p>- Aparecimento de rugas; pele torna-se seca, rija, pálida, surgem manchas escuras, e podem aparecer verrugas e estrias Acentuação de proeminências ósseas, nariz e orelhas alongam-se, há um aumento de pelos no nariz e nas orelhas, os ombros ficam mais redondos(Ribeiro, 2007;)</p>
<p>Sistema respiratório</p>	<p>Risco de infecções respiratórias (Ribeiro, 2007).</p>
<p>Sistema Cardiovascular-</p>	<p>Diminui o bombeamento sanguíneo; os vasos sanguíneos tornam-se mais espessos; maior risco de hipertensão, AVC's, enfartes do miocárdio (Ribeiro, 2007;Santos, 2008 a);</p>

Sistema Urinário	Riscos de incontinência urinária (Ribeiro, 2007)
Alterações musculares	Diminuição da velocidade e da coordenação dos movimentos; Diminuição da força e da massa muscular; encurvamento da coluna vertebral e diminuição da estatura (Ribeiro, 2007; Santos, 2006); os ossos tornam-se mais frágeis (Santos, 2008 a)
Sistema Reprodutor-	Na mulher,a capacidade de reprodução tende a diminuir aos 50-55 anos, o tamanho do útero e produção de lubrificação diminuem, a mucosa vaginal atrofia dificultando o ato sexual; resposta sexual mais lenta, mas com possibilidade de orgasmo.No Homem,a quantidade de esperma diminui, a ereção é mais difícil, mas possível (Ribeiro, 2007).
Alterações sensoriais-	Diminuição da percepção visual, auditiva, gustativa, olfativa e tátil (Ribeiro, 2007).Diminuição da regulação da temperatura e da percepção da dor(Santos, 2008a)
Alterações cerebrais-	Perda de neurônios e dificuldade de replicação;Lentidão na tomada de

	<p>decisões; Alterações ao nível da memória e da atenção; capacidade de aquisição de novos conceitos e o raciocínio abstrato ficam também prejudicados; aumento da insônia e cansaço durante o dia (Ribeiro, 2007)</p>
--	--

Fonte: <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/15e71c3a01c10398?projector=1>

1.5.2. Alterações psicológicas

As alterações psicológicas decorrentes da velhice e do envelhecimento manifestam-se principalmente a nível cognitivo e emocional. De fato, as capacidades cognitivas do indivíduo podem ficar afetadas, não em função da idade cronológica, mas podem estar relacionadas com doenças, circunstâncias psicossociais desfavoráveis (nível de escolaridade, viuvez, dificuldades econômicas, perdas ao nível do meio envolvente), podendo levar à construção de uma identidade pessoal própria desta fase da vida.

A cognição pode ser vista a partir de várias perspectivas, sendo uma delas a inteligência. Uma expectativa típica acerca do desenvolvimento intelectual é de que a inteligência tende a aumentar até a idade adulta, e que diminui ao longo do envelhecimento. Contudo, várias teorias tendem a contrariar este fenómeno, por exemplo, os adultos poderiam ser treinados para melhores performances em testes de inteligência. Por sua vez, associava o declínio intelectual ao declínio físico, referindo que é possível manter bons níveis de desempenho, se os idosos mantivessem a preocupação de se manter ativos.

Nos anos 60, referiram existência de mais de uma categoria de inteligência, com as noções de Inteligência Fluida e Cristalizada. A primeira diz respeito às competências intelectuais associadas ao processo de aprendizagem, enquanto a

Inteligência Cristalizada está mais relacionada com as competências adquiridas através das experiências de aprendizagem, no processo de socialização (Mennocchi, 2009). De acordo com esta teoria, a inteligência fluida tende a diminuir com o envelhecimento, por estar mais relacionada com aspectos fisiológicos e neurológicos (Mennocchi, 2009), enquanto existe tendência para que a inteligência cristalizada se mantenha ou aumente durante a velhice, por estar mais relacionada com o conhecimento acumulado durante a vida.

Outro aspecto relativo ao domínio intelectual é a tendência que existe em acreditar que a criatividade diminui com a idade, as pessoas que tiveram durante a vida profissões que exigiam grande nível de atividade, continuam com essa necessidade ao longo das suas vidas. (Este autor defendia que é possível a diminuição da criatividade nas idades mais avançadas, porém este declínio, raramente transforma de forma imediata uma pessoa criativa para uma pessoa não criativa) o grau de criatividade e de produtividade dos idosos depende mais da sua experiência anterior de vida, do que propriamente da idade, não existem evidências para referir que o declínio das capacidades criativas esteja diretamente relacionado com um declínio a nível intelectual. Até idosos que iniciem outro tipo de atividades, podem ter oportunidade de demonstrar o seu potencial criativo (Lerner, Easterbrooks & Mistry, 2003).

Relativamente às capacidades podem ser susceptíveis de algumas alterações. Ao nível da memória episódica, que diz respeito aos acontecimentos pessoais experiêcia dos pelo indivíduo (por exemplo, recordar nomes, conversar, localizar um objeto), é o tipo de memória que mais cedo parece demonstrar sinais de um declínio gradual. No que diz respeito à memória semântica, importante na aquisição e retenção de fatos e conhecimentos gerais, e semelhantes à noção de inteligência cristalizada, o que se sabe, é que é possível os idosos reterem e evocarem tantas informações de conhecimento geral como os jovens, contudo, o que pode acontecer, é os idosos acederem a esse tipo de informação de forma mais lenta que os jovens (Lerner, Easterbrooks & Mistry, 2003).

Finalmente, ao falar na memória a curto e longo prazo, as investigações referem que esta é aquela em que os idosos tendem a apresentar mais dificuldades. Assim, os idosos apresentam melhores capacidades para recordar acontecimentos que já ocorreram há anos, do que para recordar acontecimentos mais recentes. Contudo, os dados indicam que apesar dessa dificuldade, os idosos, na ausência de patologias, conseguem relembrar informação tão bem quanto os mais novos.

Assim, de fato, pode existir uma diminuição da capacidade de resposta dos idosos, mas mais relacionada com a velocidade de processamento de informação que propriamente com a competência e capacidades dos idosos: eles continuam capazes da realização das tarefas, apenas demoram mais tempo nessa realização. Seria de fato esta lentificação do processamento de informação que levaria ao declínio da inteligência no idoso?

A lentificação do processamento de informação verifica-se também nas aprendizagens, em que o tempo levado a cabo para aprender informações novas tende a aumentar, principalmente quando estas não estão relacionadas com conteúdos já assimilados.

Segundo Fonseca (2004), alguns declínios cognitivos apresentados pelos idosos não se devem diretamente ao seu envelhecimento, mas sim ao estilo de vida de cada indivíduo. É importante não esquecer a grande variabilidade entre os idosos, pois existem muitas diferenças individuais no grau de declínio, tanto em função da idade como no gênero. De fato, muitos sujeitos com 70 anos não mostram qualquer grau de declínio, apresentando muitos deles até ganhos nas capacidades intelectuais.

No domínio do envelhecimento psicológico, é ainda possível referir o modelo de Paul Baltes, de Envelhecimento Bem Sucedido, que compreende o envelhecimento através do modelo de seleção, otimização e compensação, consideradas mecanismos que procuram a maximização dos ganhos e a minimização das perdas (Gonçalves, Martín, Guedes, Cabral-Pinto & Fonseca, 2006).

Neste modelo, é o conceito de compensação, que explica a capacidade do idoso em continuar a ter um bom desempenho em determinadas capacidades mesmo experienciando alguma perda em outros domínios. Assim, os idosos podem ser capazes de compensar alguns declínios, com outras competências ainda intactas, podendo recorrer tanto a recursos internos, como externos (Lerner, Easterbrooks & Mistry, 2003). Os processos de compensação são uma forma de resposta às perdas e incluem processos psicológicos ou comportamentais para melhorar ou aumentar a funcionalidade.

Acontecimentos normativos como a perda do papel profissional ou a viuvez podem prejudicar a estabilidade psicológica do idoso, fragilizando-o, na medida em que podem causar isolamento e perda de interesse pelo mundo, salientando o fato de que a maioria dos problemas associados ao envelhecimento advém mais da perda de papéis, situações de stress, doença ou cansaço, do que propriamente pela diminuição das funções cognitivas.

Ainda do ponto de vista psicológico, pode referir-se a personalidade como algo que permanece consideravelmente estável ao longo do tempo. Segundo a literatura revista, idosos com depressão, apresentaram, também quando jovens essas mesmas características, mostrando a tendência que existe para a estabilidade (Moñivas, 1998, p. 13-25). Podem ocorrer, no entanto algumas mudanças em alguns traços de personalidade, mas estes estão mais relacionados com determinados acontecimentos ao longo da vida.

Ao nível dos problemas de saúde, pode mencionar-se a demência, como um dos problemas mais marcantes no processo de envelhecimento. Embora considerada uma doença neurológica, esta traz consequências a nível social e psicológico, visto levar a uma diminuição das capacidades cognitivas, podendo alterar a personalidade e estrutura psicológica do indivíduo. É importante acrescentar, que a demência não deve ser, no entanto percebida como uma doença exclusiva do processo de envelhecimento, pois no geral, todas as doenças podem ter início antes dos 65 anos de idade (Ribeirinho 2005).

Em síntese, apesar de algumas perdas que podem ocorrer com a idade, são, no entanto referidas algumas capacidades menos afetadas, como a capacidade de adaptação, maior prudência e precisão na realização de tarefas, maior agilidade na resolução de problemas, melhor capacidade para interpretar informações verbais, maior facilidade na execução de tarefas familiares e no uso de conhecimento acumulado (Ribeiro, 2007; Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004).

CAPITULO II DIREITOS DO IDOSO

2.1 DIREITOS DO IDOSO

Todos os direitos fundamentais da pessoa humana, tais como, direito à liberdade, de ter uma vida saudável e digna, à saúde, dentre outros previstos no art.º 2º, da Lei 10.741.

2.1.1 O direito à liberdade:

- a) O idoso pode ir vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários;
- b) Pode expressar a opinião;
- c) Crença e culto religioso;
- d) Prática de esportes e de diversões;
- e) Participação na vida familiar e comunitária;
- f) Participação na vida política, na forma da lei;
- g) Faculdade de buscar refúgio, auxílio e orientação.

2.1.2 O direito ao respeito:

- a) Consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, idéias e crenças, dos espaços e dos objetos pessoais.

2.1.3 O direito à dignidade:

- a) Coloca o idoso a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

2.1.4 O direito à alimentação:

- a)** Quando o idoso não tiver condições de manter sua sobrevivência tem direito de pedir seu sustento aos seus familiares, cabendo a todos os membros da família prestá-lo;
- b)** O Promotor de Justiça e o Defensor Público podem intermediar acordo entre os familiares no sentido de prestarem a melhor assistência ao idoso. No caso do idoso e seus parentes não possuírem recursos, cabe ao Poder Público esse provimento, no âmbito da assistência social.

2.1.5 O direito à saúde:

- a)** Atenção integral à saúde do idoso, por intermédio do Sistema Único de Saúde – SUS;
- b)** Ao idoso que esteja no domínio de suas faculdades mentais é assegurado o direito de optar pelo tratamento de saúde que lhe for reputado mais favorável;
- c)** Acesso universal e igualitário, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente os idosos;
- d)** Atendimento domiciliar, incluindo a internação, para quem dele necessitar e esteja impossibilitado de se locomover, inclusive para idosos abrigados e acolhidos por instituições, nos meios urbano e rural;
- e)** Cabe ao Poder Público fornecer aos idosos, gratuitamente, medicamentos, especialmente os de uso continuado, assim como próteses, órteses e outros recursos relativos ao tratamento, habilitação ou reabilitação;
- f)** É vedada a discriminação do idoso nos planos de saúde pela cobrança de valores diferenciados em razão da idade;

g) Ao idoso é assegurado o direito à acompanhante, devendo o órgão de saúde proporcionar as condições adequadas para a sua permanência em tempo integral, segundo o critério médico;

h) É vedado exigir o comparecimento do idoso enfermo perante os órgãos públicos, hipótese na qual será admitido o seguinte procedimento: (Incluído pela Lei nº12.896, de 2013)

I - quando de interesse do poder público, o agente promoverá o contato necessário com o idoso em sua residência; ou

II - Quando de interesse do próprio idoso, este se fará representar por procurador legalmente constituído;

i) É assegurado ao idoso enfermo o atendimento domiciliar pela perícia médica do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, pelo serviço público de saúde ou pelo serviço privado de saúde, contratado ou conveniado, que integre o Sistema Único de Saúde - SUS, para expedição do laudo de saúde necessário ao exercício de seus direitos sociais e de isenção tributária; (Incluído pela Lei nº 12.896, de 2013);

j) Os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra o idoso serão obrigatoriamente comunicados pelos profissionais de saúde a, pelo menos, um dos seguintes órgãos: Polícia Civil ou Militar, Ministério Público, Conselho Nacional do Idoso, Conselho Estadual ou Municipal do Idoso.

2.1.6 O Direito à profissionalização e ao trabalho:

a) O idoso tem direito ao exercício de atividade profissional, respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas;

b) Na admissão do idoso, em qualquer trabalho ou emprego, é vedada a discriminação e a fixação de limite máximo de idade, inclusive para concursos, ressalvados os casos em que a natureza do cargo o exigir;

c) O primeiro critério de desempate em concurso público será a idade, dando-se preferência ao de idade mais elevada;

O Poder Público criará e estimulará programas de profissionalização especializada para os idosos, aproveitando seus potenciais e habilidades para atividades regulares e remuneradas; preparação dos trabalhadores para a aposentadoria, com antecedência mínima de 01 (um) ano, por meio de estímulo a novos projetos sociais, conforme seus interesses, e de esclarecimento sobre os direitos sociais e de cidadania; estímulo às empresas privadas para admissão de idosos ao trabalho.

2.1.7 O Direito à previdência social:

a) Os benefícios de aposentadoria e pensão do Regime Geral da Previdência Social observarão, na sua concessão, critérios de cálculo que preservem o valor real dos salários sobre os quais incidiram contribuição, nos termos da legislação vigente;

b) Os valores dos benefícios em manutenção serão reajustados na mesma data de reajuste do salário-mínimo, de acordo com suas respectivas datas de início ou do seu último reajustamento;

c) A perda da condição de segurado não será considerada para a concessão da aposentadoria por idade, desde que a pessoa conte com, no mínimo, o tempo de contribuição correspondente ao exigido para efeito de carência na data de requerimento do benefício;

d) O Dia Mundial do Trabalho, 1º de Maio, é a data-base dos aposentados e pensionistas;

e) O idoso com deficiência moderada ou grave terá direito a auxílio-inclusão, nos termos da lei, que:

I - Receba o benefício de prestação continuada previsto no art. 20 da Lei no 8.742, de 7 de dezembro de 1993, e que passe a exercer atividade remunerada que a enquadre como segurado obrigatório do RGPS;

II - Tenha recebido, nos últimos 5 (cinco) anos, o benefício de prestação continuada previsto no art. 20 da Lei no 8.742, de 7 de dezembro de 1993, e que exerça atividade remunerada que a enquadre como segurado obrigatório do RGPS.

2.1.8 O Direito à assistência social:

a) Aos idosos, a partir de 65 (sessenta e cinco) anos, que não possuam meios para prover sua subsistência, nem de tê-la provida por sua família, é assegurado o benefício mensal de 01 (um) salário-mínimo, nos termos da Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS;

b) Entidades não públicas de longa permanência para idosos devem firmar contrato de serviços com a pessoa idosa abrigada ou se este for incapaz, o contrato será celebrado com seu representante legal;

c) O idoso poderá contribuir com o custeio da entidade de longa permanência com, no máximo, 70% (setenta por cento) de qualquer benefício previdenciário ou de assistência social, na forma estabelecida pelo Conselho Municipal do Idoso ou pelo Conselho Municipal de Assistência Social;

d) O acolhimento de idosos em situação de risco social, por adulto ou núcleo familiar, caracteriza a dependência econômica, para os efeitos legais, como por exemplo, para fins tributários.

2.1.9 O Direito à habitação:

a) O idoso terá direito à moradia digna, no seio da família natural ou substituta, ou desacompanhado de seus familiares, quando assim o desejar, ou, ainda, em instituição pública ou privada;

- b)** O atendimento familiar ao idoso deve ser sempre priorizado, em detrimento de o atendimento asilar.
- c)** Só deve ser encaminhado a abrigo o idoso que não possuir vínculo familiar, estiver abandono ou carente de recursos financeiros próprios ou da família;
- d)** Toda instituição dedicada ao atendimento ao idoso fica obrigada a manter identificação externa visível (Placas), sob pena de interdição, além de atender toda a legislação pertinente.
- e)** As instituições que abrigarem idosos deve manter padrões de habitação compatíveis com as necessidades deles, bem como, oferecer alimentação regular e higiene, sob as penas da lei;
- f)** Nos programas habitacionais, públicos ou subsidiados com recursos públicos, o idoso tem prioridade na aquisição de imóvel para moradia própria, observada a reserva de pelo menos 3% (três por cento) das unidades residenciais para atendimento aos idosos, implantação de equipamentos urbanos comunitários voltados ao idoso, eliminação de barreiras arquitetônicas e urbanísticas, para garantia de acessibilidade ao idoso, critérios de financiamento compatíveis com os rendimentos de aposentadoria e pensão;
- g)** As unidades residenciais em programas habitacionais reservadas para atendimento a idosos devem situar-se, preferencialmente, no pavimento térreo.

Todos sabem que nossa sociedade ainda não é inclusiva, por isso existem grupos de pessoas discriminadas até mesmo nas denominações que recebem: inválido, excepcional, deficiente, mongol, down, manco, ceguinho, aleijado, demente...

Algumas dessas palavras revelam preconceito. Por intermédio delas estamos dizendo que certas pessoas precisam mudar para que possam conviver na sociedade. O problema é do surdo, que não entende o que é dito na TV, e não da

emissora, que não coloca a legenda; é do cego, por não saber das novas leis, e não do Poder Público, que não as divulga oralmente ou em braile; é do deficiente físico, que não pode subir escadas, e não de quem aprovou uma construção sem rampas. Assim, dizemos que é responsabilidade da pessoa com deficiência a sua integração à sociedade.

Diferentemente, o termo inclusão indica que a sociedade, e não a pessoa, é que deve mudar. Para isso, até as palavras e expressões para designar as diferenças devem ressaltar os aspectos positivos e, assim, promover mudança de atitudes em relação a essas diferenças.

Diante de tantas mudanças que hoje vemos eclodir na evolução da sociedade, surge um novo movimento, o da inclusão, consequência da visão de um mundo democrático, no qual pretendemos respeitar direitos e deveres. À limitação da pessoa não diminui seus direitos: é cidadã e faz parte da sociedade como qualquer outra. Chegou o momento de a sociedade se preparar para lidar com a diversidade humana.

Todas as pessoas devem ser respeitadas, não importa o sexo, a idade, as origens étnicas, a opção sexual ou as deficiências.

Uma sociedade aberta a todos, que estimula a participação de cada um, aprecia as diferentes experiências humanas e reconhece o potencial de todo cidadão.

A sociedade inclusiva tem como objetivo principal oferecer oportunidades iguais para que cada pessoa seja autônoma e auto determinada, dessa forma, a sociedade inclusiva é democrática, reconhece todos os seres humanos como livres, e com direito a exercer sua cidadania.

Ela é, portanto, fraterna: busca todas as camadas sociais, atinge todas as pessoas, sem exceção, respeitando-as em sua dignidade, e para que uma

sociedade se torne inclusiva, é preciso cooperar no esforço coletivo de sujeitos que dialogam em busca do respeito, da liberdade e da igualdade.

É nosso dever fornecer mecanismos para que todos possam ser incluídos.

CAPÍTULO III IDOSO UNIVERSITÁRIO

3.1 Questionamentos educacionais do idoso

A importância educacional para esses idosos que um dia será eu ou você, trouxe essa busca incessante de conhecimentos e de união de forças para que a entrada futura seja mais sensata. Se somos incapazes ou não de aprofundarmos num universo educacional, só cabe a cada um se sentir desafiado, independente da idade de continuar a procurar por uma vivência de conhecimentos infinitos.

A educação como meio para vencer os desafios impostos aos idosos pela idade e pela sociedade, propicia o aprendizado de novos conhecimentos e oportunidades para buscar seu bem-estar físico e emocional. Os programas educacionais para idosos vêm procurando atender a essas necessidades, trabalhando com diversos procedimentos pedagógicos, a fim de despertar a consciência crítica para a busca do envelhecimento bem-sucedido. Por meio da educação continuada, esses programas têm possibilitado ao idoso, atualização, aquisição de conhecimentos e participação em atividades culturais, sociais, políticas e de lazer.

O processo ensino-aprendizagem deve possibilitar aos idosos, reflexões em torno do seu ambiente, das suas vivências cotidianas, da sua realidade mais próxima. Essas reflexões conjuntas aumentam o nível de consciência dos problemas que afetam o coletivo. Isto ajuda a promover o sujeito, não ajustá-lo a realidades pré-programadas. A aprendizagem deve situar-se diretamente a partir da experiência, pois nenhuma necessidade é mais humana do que a de perceber o significado da própria vida. A elaboração e o desenvolvimento do conhecimento estão ligados ao processo de conscientização que “é sempre inacabado, contínuo e progressivo; é uma aproximação crítica da realidade que vai desde as formas de consciência mais primitiva até a mais crítica e, conseqüentemente, criadora”

Nesse sentido, é preciso considerar qual ação pedagógica deve ser implementada para esse novo velho ato social. A aprendizagem passa a ser algo necessário e prazeroso, sendo desnecessário resistir na aprendizagem, são

questões importantes que questionam sempre fatos sobre estes personagens em estudo e os programas universitários do Brasil estão dentro desses assuntos.

As universidades ampliam sua função social, “buscando integrar aqueles que se encontram à margem do processo de desenvolvimento” (Oliveira, 1999, p.288).

Os diferentes programas oferecidos pelas Instituições de Ensino Superior são formas alternativas de atendimento ao idoso, visando além da valorização dessa clientela, maior conscientização da sociedade em geral a respeito do processo de envelhecimento da população do nosso país que é uma realidade (Both, 2003, p.188).

Com a inserção do idoso na comunidade universitária, a integração entre gerações ocorre necessariamente, fomentando debates sobre as questões que envolvam essa faixa etária, analisando preconceitos e discriminações ora sustentados socialmente, e que se apresentam sem fundamentação científica.

O próprio idoso, ao se conscientizar de seu espaço na sociedade, terá de si mesmo uma visão mais otimista, considerando-se produtivo, útil, capaz de muito ainda colaborar para a sociedade na qual está inserido.

Com base em todo esse conhecimento no nosso Brasil existe universidades que englobam os idosos com seu respectivo respeito, e venho aqui mostrar pesquisa feita sobre o estudo em questão que é da “inclusão da pessoa idosa nas universidades do Pará no município de Belém” A Universidade Federal do Pará (UFPA) realiza o Projeto Universidade da Terceira Idade (Uniterci). É uma oportunidade para quem tem mais de 55 anos entrar na universidade.

Criado em 1991 pela Faculdade de Serviço Social, o Uniterci busca atualizar as pessoas idosas sobre seus direitos, discutir questões sociais que fazem parte do cotidiano desses idosos, compreenderem o processo de envelhecimento para que eles sejam sujeitos de direitos e possam lutar por uma velhice digna.

O Uniterci funciona com quatro projetos. O primeiro deles é a Atualização Cultural na Terceira Idade, que é a porta de entrada para o programa. Ele funciona duas vezes na semana, de março a dezembro, com palestras, oficinas e atividades práticas sobre diversas temáticas que concernem aos idosos, tais como aspectos da legislação, processo de envelhecimento, nutrição etc.

Com a apresentação a vários programas adotados no Brasil para assegurar uma educação melhor ao idoso foi criado “O Projeto de Extensão Inclusão Social da Pessoa Idosa da Faculdade Integral Diferencial (FACID)”, implantado em 2009, objetiva possibilitar a inclusão social da pessoa idosa no contexto acadêmico de forma a contribuir com a garantia plena de direitos, mediante ações educativas e de inclusão social em direção ao exercício de seu protagonismo por meio de educação gerontológica.

Eles são jovens de mais de 60 anos com um sonho na cabeça: manter o prazer de viver durante a velhice. A realização deste sonho é proporcionada hoje á idosos que estão matriculados na categoria Aluno Especiais. Entre as disciplinas mais procuradas pelos idosos, estão ás relacionadas ao direito e à medicina. O interesse resulta respectivamente da vontade do idoso em fazer valer os seus direitos e do zelo pela sua saúde e pela de seus companheiros de geração. No entanto, o interesse não é ditado apenas pela necessidade, mas também pelo prazer e pela curiosidade, como indica a grande procura também pelas disciplinas das artes e da educação física.

Todo esse projeto tem como público-alvo a pessoa idosa com idade igual ou superior a 60 anos em situação de vulnerabilidade social, e pela assistência em função deste projeto, esta sendo ofertada de forma gratuita. Atualmente o projeto conta com mais de 70 pessoas idosas inscritas, porém apenas 60 delas participam ativamente. O projeto funciona duas vezes por semana compreendendo a aulas de informática (básica e avançada), aulas de dança de salão, oficinas de cidadania, autoestima, qualidade de vida dentre outras. No entanto, 95% dos integrantes são constituídos por mulheres, constatando-se que a mulher tem mais interesse em

participar de ações desenvolvidas através de projetos dessa natureza e é, e o que ele pode ser.

A Educação permanecia distante dos problemas sociais e os idosos, ou seja, aqueles que sobreviviam a tantas mazelas eram percentualmente poucos e contavam com a família extensa para tudo o que necessitassem, mas com o passar do tempo começaram a existir mudanças profundas que afetaram essas configurações sócias históricas. A queda nas taxas, tanto de mortalidade quanto de natalidade, alterou aquela pirâmide demográfica, que, aos poucos, foi perdendo sua forma piramidal, e fez surgir maior expectativa de longevidade para toda a população brasileira.

Assim, a esperança de vida, que girava em torno de 60 anos, nos anos 80 do século passado, ultrapassou os 70 anos, já nos anos 2000, e a população acima de 65 anos mais que dobrou sua participação no total da população brasileira na segunda metade do século XX passando de 2,4% em 1990 para 5,8% em 2001 com projeções para 15% em 2020 (CNBB, 2002).

Entre um grande elenco de preconceitos contra os idosos, o mais disseminado é aquele que os apresenta como desmemoriados. No entanto, paradoxalmente, os idosos têm mais memória do que os jovens, e por uma razão muito simples: viveram mais e, portanto, armazenaram mais fatos e acontecimentos em seus escaninhos mentais, cujas lembranças eles cultivam nostalgicamente e as expressam de boa vontade, quando convidados a falar.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) idoso, é todo indivíduo com 60 e 70 anos ou mais. Todavia, para efeito de formulação de políticas públicas, esse limite mínimo pode variar segundo as condições de cada país. A própria OMS reconhece que, qualquer que seja o limite mínimo adotado, é importante considerar que a idade cronológica não é um marcador preciso para as alterações que acompanham o envelhecimento, podendo haver grandes variações quanto à condição de saúde que esta vinculado as outras condições de vida que os levam a formalizar um futuro melhor relacionado a educação.

A política nacional do idoso (PNI), Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, e o estatuto do idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, define idoso pessoas com 60 anos ou mais. Já a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2002) define o idoso a partir da idade cronológica, portanto, idoso é aquela pessoa com 60 anos ou mais, em países em desenvolvimento e com 65 anos ou mais em países desenvolvidos. É importante reconhecer que a idade cronológica não é um marcador preciso para as mudanças que acompanham o envelhecimento. Existem diferenças significativas relacionadas ao estado de saúde, participação e níveis de independência entre pessoas que possuem a mesma idade.

Embora exista a Lei 8842/94 que define a Política Nacional do idoso, pouco foi feito efetivamente para a implementação da referida Lei.

Segundo Fernandes (1999, p. 30) se a sociedade brasileira proporcionasse aos cidadãos mais velhos um tratamento e a consideração dispensada aos adultos, eliminaríamos os estatutos especiais para os idosos. Deste modo, segundo o autor, tornou-se necessária a criação do Estatuto do Idoso, sancionado em 2003, que veio resgatar os princípios constitucionais que garantem aos cidadãos idosos direitos que preservem a dignidade da pessoa humana, sem discriminação de origem, raça, sexo, cor e idade.

Há falta de vontade política, acusação feita por estudiosos e profissionais responsáveis quanto aos 20 anos de expectativas de atitudes governamentais em favor do público idoso, sendo colocado como prioridade por alguns apenas em suas campanhas eleitorais, segundo Fernandes (1999, p.236).

3.2 Inclusão do idoso na educação

A inclusão é um movimento educacional, mas também social e político que vem defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceitos e respeitados naquilo que os diferencia dos outros. No contexto educacional, vem, também, defender o direito de todos os alunos desenvolverem e concretizarem as suas

potencialidades, bem como de apropriarem as competências que lhes permitam exercer o seu direito de cidadania, através de uma educação de qualidade, que foi talhada tendo em conta as suas necessidades, interesses e características.

A inclusão possibilita aos que são discriminados pela deficiência, pela classe social ou pela cor que, por direito, ocupem o seu espaço na sociedade. Se isso não ocorrer, essas pessoas serão sempre dependentes e terão uma vida cidadã pela metade, não podemos ter um lugar no mundo sem considerar o do outro, valorizando o que dele por direito.

A inclusão social é temática, bastante ampla e complexa. Relaciona-se á questão da proteção social e do lugar social ocupado pela população em nosso país. Destaca-se que vivemos em uma sociedade onde os direitos sociais são identificados como favor, como tutela, como um benefício e não prerrogativa para o estabelecimento de uma vida social digna e de qualidade.

Mesmo estabelecidos em lei, a direção dada pelos responsáveis pela garantia dos direitos nem sempre é direcionada para sua efetivação. O caminho da inclusão social corre paralelo à discussão do direito e da proteção social. Por proteção social entende-se o conjunto de ações que visam prevenir riscos, reduzir impactos que podem causar malefícios à vida das pessoas e, conseqüentemente, à vida em sociedade, riscos estes que direcionam a exclusão social.

A exclusão social ocorre quando um determinado grupo, ou parcela da sociedade é de alguma forma excluída dos seus direitos, ou ainda, tem seu acesso negado por ausência de informação, por estar fora do mercado de trabalho, entre outras coisas. A inclusão, portanto, significa fazer parte, se sentir pertencente, ser compreendido em sua condição da vida e humanidade. É se sentir pertencente como pessoa humana, singular e ao mesmo tempo coletiva.

Para que a escola consiga desenvolver cidadãos com competências complexas, que lhes permitam participar na sociedade de que fazem parte e que revelem atitudes de tolerância e respeito para com todos os outros cidadãos, ela não

pode permanecer inalterada. No caso daqueles alunos com maiores dificuldades em se adaptar à escola e em enfrentar suas exigências, a história tem mostrado que segregar, permanecendo o seu cerne inalterado, não é solução (Clark et al., 1997; Felgueiras, 1994; unesco, 2003b, p. 5-20).

É de referir o estigma e os preconceitos face àqueles que são mais diferentes e as experiências acadêmicas e sociais mais empobrecidas, que tornam mais difícil o desenvolvimento das potencialidades de cada um e a apropriação de competências complexas, remetendo os mais diferentes para uma situação de cidadania de segunda ou, nalguns casos mesmo, para uma situação de exclusão educacional e social. Como referem Ainscow e Ferreira (2003):

O não acesso à educação, o acesso a serviços educacionais pobres, a educação em contextos segregados, a discriminação educacional, o fracasso acadêmico, as barreiras para ter acesso aos conteúdos curriculares, a evasão e absentismo constituem algumas das características dos sistemas educacionais no mundo, os quais excluem as crianças de oportunidades educacionais e violam seus direitos de serem sistemática e formalmente educados. Já existe um consenso e reconhecimento de que qualquer pessoa que experimenta exclusão educacional encontrará menos oportunidades para participar dos vários segmentos da sociedade assim como aumenta a probabilidade de esta pessoa experimentar situações de discriminação e problemas financeiros na vida de adulto. (p. 113)

A inclusão, enquanto forma de flexibilizar a resposta educativa de modo a fornecer uma educação básica de qualidade a todos os alunos, tem sido apontada como uma solução para o problema da exclusão educacional. Mas, não obstante os esforços legislativos persistem algumas barreiras que dificultam o desenvolvimento de uma educação inclusiva (Ainscow, 2005; Ainscow & César, 2006; Forlin, 2006, p.5-20).

A inclusão como um direito fundamental. Para os defensores do movimento inclusivo, a inclusão é uma questão de direitos que assiste a todas as crianças, independentemente do gênero, classe social, grupo social ou outras características

individuais e/ou sociais. Tal como vem afirmado na Declaração (unesco, 1994), “cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem”.

O desenvolvimento de uma educação inclusiva obriga a grandes mudanças organizacionais e funcionais em diferentes níveis do sistema educativo, a mudanças na articulação dos diferentes agentes educativos, a mudanças na gestão da sala de aula e do currículo e a mudanças do próprio processo de ensino-aprendizagem e, por isso mesmo, pode também originar resistências e medos, que inibam a ocorrência dessas mudanças. Mas para além das resistências naturais em face de uma situação de mudança (Fullan, 2001), há a referir, ainda, as atitudes e crenças dos diferentes agentes educacionais, por vezes, opostas aos princípios que se pretendem implementar, a falta de formação e de competências que facilitem a implementação desses mesmos princípios e os constrangimentos curriculares, organizacionais e, mesmo, legais. (Freire & César, 2002, 2003; César & Oliveira, 2005), que constituem verdadeiras barreiras ao desenvolvimento de sistemas inclusivos.

A Educação Inclusiva é comumente apresentada como uma evolução da escola integrativa. Na verdade, ela não é uma evolução, mas uma ruptura, um corte, com os valores da educação tradicional. A Educação Inclusiva assume-se como respeitadora das culturas, das capacidades e das possibilidades de evolução de todos os alunos. A Educação Inclusiva aposta na escola como comunidade educativa defende um ambiente de aprendizagem diferenciado e de qualidade para todos os alunos. É uma escola que reconhece as diferenças, trabalha com elas para o desenvolvimento e dá-lhe um sentido, uma dignidade e uma funcionalidade (Rodrigues 2000, p. 10).

Inclusão e proteção social estão intrinsecamente relacionadas aos direitos sociais. Os direitos estabelecidos no Estatuto do Idoso que indicam e fortalecem a inclusão social do idoso, são:

- **1º direito à vida:** viver com dignidade, com acesso aos bens e serviços socialmente produzidos;

- **2º direito** à informação: ter conhecimento, trocar idéias, perguntar, questionar, compreender. A informação caminha por dois níveis que se complementam: o primeiro refere-se à vida cotidiana – ter acesso à tecnologia, à informática, à senha bancária, aos eletroeletrônicos, as notícias, entre outras; o segundo refere-se à garantia dos direitos – como funcionam os serviços prestados por meio da política social, como funciona a rede de atendimento social, os conselhos, a gestão pública, como o poder público emprega o dinheiro na área do envelhecimento.

- **3º direito** à vida familiar, à convivência social e comunitária: receber apoio e apoiar a família, preservar laços e vínculos familiares, trocar experiência de vida; receber suporte social, psicológico e emocional.

- **4º direito** ao respeito: às diferenças, às limitações, ao modo de entender o mundo, ao modo de viver neste mundo.

- **5º direito** à preservação da autonomia: ter preservada a capacidade de realizar algumas tarefas sozinhas ou com auxílio; ter preservada a privacidade; ter preservada a capacidade de realizar as atividades de vida diária e de vida prática.

- **6º direito** de acessar serviços que garantam condições de vida: acesso aos serviços de saúde, educação, moradia, lazer, entre outros.

- **7º direito** de participar, opinar e decidir sobre sua própria vida: conhecer e participar dos conselhos, de atividades recreativas e de convivência.

Com todos esses direitos estabelecidos a inclusão social, como o próprio nome sugere, é a busca por oportunidades iguais, tratamento respeitoso e acesso a bens e serviços para todos, independente das condições financeiras, deficiências, escolaridade, sexo ou idade.

Por falar em idade, quanto mais ela avança, maior é a necessidade de lutar por inclusão social e igualdade de direitos. Os idosos, por exemplo, geralmente sofrem para se inserir na sociedade.

Longe do mercado de trabalho e já aposentados, até mesmo o direito de ir e vir, na terceira idade, por vezes é cessado. Não é uma regra, mas trata-se de uma realidade comum a muitas pessoas com idade avançada.

3.3 Universidades senior

3.3.1- Origem

Segundo Marques (2009), foi na Bretanha, nas décadas de 70 e 80, quando as alterações ao padrão demográfico social começaram a ser alvo de preocupação devido ao aumento da esperança de vida, que os educadores de adultos começaram a pensar que seria importante desenvolver atividades educacionais ou de ocupação dos tempos livres para os idosos.

Na Europa a primeira Universidade da Terceira Idade surgiu em 1972 na Universidade de Toulouse, em França. Segundo Marques (2009), esta universidade foi aberta a pessoas reformadas durante o período de férias de verão, de modo a encorajá-las a envolverem-se em grupos ativos. Paralelamente surge um movimento semelhante no Reino Unido, na Universidade de Cambridge e de Londres, nos finais da década de 70, inícios da década de 80.

De acordo com Marques (2009), a primeira Universidade da Terceira Idade em Portugal surgiu em 1976, na cidade de Lisboa, com o nome de Universidade Internacional da Terceira Idade, sob a coordenação do Dr. Herberto Miranda. O modelo seguido no nosso país pelas Universidades da Terceira Idade é o modelo inglês, pelo que estas instituições funcionam num regime de ensino não formal, sem fins de certificação e no contexto de formação ao longo da vida.

Para Marques (2009), as Universidades da Terceira Idade têm como objetivos principais rever os estereótipos e preconceitos associados à velhice, promover a auto-estima e o resgate da cidadania, incentivar a autonomia, a independência, a auto expressão e a reinserção social em busca de uma velhice bem-sucedida.

Da mesma forma, Irigaray e Schneider (2008), defendem a idéia de que as Universidades da Terceira Idade visam a valorização pessoal, a convivência em grupo, a formação de um cidadão consciente das suas responsabilidades e direitos, promovendo a sua autonomia e a sua qualidade de vida.

3.3.2 Portugal

As Universidades da Terceira Idade (UTI) são o modelo de formação de adultos com mais sucesso no mundo e em Portugal, sendo a resposta social, onde se criam e dinamizam atividades sociais, culturais, educacionais e de convívio, para e pelos maiores de cinquenta anos. Existem atualmente milhares de UTI no mundo inteiro, com base no exemplo francês ou no exemplo inglês, e apesar da primeira UTI ter surgido em Portugal em 1976, só nos últimos cinco anos é que este modelo se implantou realmente com o nascimento de dezenas de novas UTI.

No modelo francês as UTI são criadas pelas universidades tradicionais, têm professores remunerados, garantem certificação e seguem um modelo mais formal. No modelo inglês, que Portugal segue, as UTI nascem no seio de organizações sem fins lucrativos, os professores são voluntários e não garantem certificação.

Em Portugal, foi criada a RUTIS (Associação Rede de Universidades da Terceira idade), que é uma instituição de Utilidade Pública de âmbito nacional, de apoio à família, à comunidade e aos seniores e representativa das Universidades Sénior portuguesas. Foi fundada a 21 de novembro de 2005 e viu os seus primeiros estatutos serem publicados em Diário da República a 16 de janeiro de 2006.

O nome “Universidade Sénior” é uma marca coletiva registada e apenas as que estão associadas à RUTIS podem utilizar esta denominação. No distrito de Setúbal existem 10 Universidades da Terceira Idade inscritas na RUTIS: Uniseti – Polo do Montijo; Projeto Sénior de Artes e Saberes de Sines; Universidade da Terceira idade do Barreiro; Universidade Sénior de Alcácer do Sal; Universidade Sénior de Almada; Universidade Sénior de Grândola; Universidade Sénior do

Laranjeiro; Universidade Sénior do Pinhal Novo; Universidade Sénior do Seixal e Universidade Setubalense da Terceira Idade.

A RUTIS é membro de diversas associações internacionais e já esteve representada em três encontros da ONU. Tem como visão “Criar novos projetos de vida para os seniores” e como *missão* “*Promover o envelhecimento ativo; defender, representar e dinamizar as Universidades Sénior e incentivar a participação social dos mais velhos*”

A 2 de abril de 2005 são aprovados em assembléia geral os primeiros estatutos da RUTIS e a 7 do mesmo mês é assinado o protocolo que dá origem à RUTIS.

A 24 de novembro de 2005, o Presidente da República Dr. Jorge Sampaio escolhe a RUTIS e as UTI para encerrar as suas jornadas dedicadas ao “Envelhecimento e autonomia”. Na sua intervenção Jorge Sampaio enalteceu o papel deste projeto na “ativação da esperança das pessoas idosas” que não se limita a “proporcionar um espaço de entretenimento” ou ocupar o tempo, mas contribui para “o conhecimento da sociedade e dos seus problemas”. Este evento marca o verdadeiro início das atividades da RUTIS.

Em maio de 2006 a RUTIS é declarada oficialmente como Instituição Particular de Solidariedade Social e a 25 de outubro de 2007 é assinado com o Ministério do Trabalho e Segurança Social um protocolo para a promoção do envelhecimento ativo durante o 1º Congresso Mundial do Envelhecimento Ativo realizado em Fátima.

Em 2008 a RUTIS faz o registo no Instituto de Propriedade Industrial da marca coletiva de certificação “Universidade Sénior” e em 2008 é criado o NIEA (Núcleo de Investigação do Envelhecimento Ativo) que se destina a apoiar e promover a investigação científica e académica sobre o envelhecimento. A 16 de outubro de 2010 é inaugurada a nova sede social da RUTIS em Almeirim.

Para além de ajudar a criar novas UTI, a RUTIS desenvolve várias atividades para as UTI como os Festivais de Teatro, de Música, de Dança, etc. e atualmente representa 190 Universidades Seniores.

Em fevereiro de 2012 a RUTIS foi admitida no Conselho Económico e Social e pela Resolução do Conselho de Ministros nº 61/2012 integra a Comissão Nacional de Acompanhamento das atividades do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade Entre Gerações, em Portugal.

Estas comemorações têm por objetivo:

- Promover a RUTIS e as UTI, a nível nacional e europeu.
- Divulgar ideias para o envelhecimento ativo entre a população mais velha.
- Promover atividades inter-geracionais.

O programa das comemorações baseia-se em 12 ideias para o envelhecimento ativo:

1. Seja um empreendedor e/ou continue a trabalhar.
2. Vigie a sua saúde física e mental e exercite-se.
3. Descubra a informática e utilize a internet.
4. Seja avô/avó e anime a sua família.
5. Viaje, passeie e conviva.
6. Seja um artista e frequentes atividades culturais.
7. Namore.

8. Seja um cidadão ativo e voluntário.
9. Promova a gastronomia nacional e regional.
10. Pratique a jardinagem ou a agricultura auto sustentável.
11. Desenvolva-se pessoalmente e preocupe-se com a sua imagem.
12. Estude e aprenda.

Em representação do presidente executivo da Portugal Telecom, os administradores PT, Abílio Martins e Francisco Nunes, partilharam algumas iniciativas desenvolvidas pela empresa – entre soluções, tecnologias e programas – que promovem a infoinclusão da população sênior.

Em novembro de 2006, foi assinado um protocolo entre a PT, a SIC Esperança e a RUTIS com o objetivo de fornecer acesso a banda larga, durante um ano, a várias Universidades da Terceira Idade em Portugal.

O evento teve lugar a 16 de novembro, no Fórum Telecom em Lisboa, tendo sido celebrado um protocolo de cooperação entre a Fundação PT e a RUTIS, que prevê a realização de formação na área das TIC, contribuindo para que o público sênior esteja permanentemente envolvido na Sociedade do Conhecimento e da Informação.

No âmbito da parceria entre a Fundação PT e a RUTIS, serão lecionadas nas Universidades da Terceira Idade ações relacionadas com as tecnologias de comunicação e informação. A responsabilidade da Fundação PT passa pela formação de formadores e pela disponibilização do espaço para a realização da primeira pós-graduação sênior.

3.3.3 Projetos de inclusão para terceira idade

Para Bulla, Santos e Padilha, (2003, p. 179) a participação em atividades coletivas pode contribuir para mudar significativamente a vida dos idosos no que diz respeito a aspetos ligados ao fortalecimento da auto estima, da identidade, do desenvolvimento das potencialidades, da autonomia e da superação de problemas físicos, emocionais e sociais.

3.3.3.1 Inclusão digital para os alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade(UNATI) – Universidade Estadual Paulista (UNESP)/Marília

Com a intenção de proporcionar ambientes de inclusão social pela partilha de experiências e conhecimentos, a Universidade Estadual Paulista (UNESP) criou o projeto de extensão universitária - Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) - oferecendo atividades e cursos para idosos. São destacados os cursos de informática oferecidos pela UNATI – UNESP – Marília, os quais promovem o ensino das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como proposta de inclusão dos alunos idosos na Sociedade da Informação. Tais cursos pretendem incluir os alunos no mundo digital por meio do uso das tecnologias e do acesso às informações relevantes, de acordo com suas necessidades atuais.

As aulas de informáticas oferecidas pela UNATI – UNESP/Marília possibilitaram aos alunos a aprendizagem das TIC. Os alunos, em geral, sentiram-se satisfeitos pelo contato com computadores. O uso da Internet e dos seus recursos facilitou a comunicação com filhos e netos, contribuindo para uma vida ativa, estimulando-os a aprender sempre mais.

3.3.3.2 O programa da Universidade Aberta da Terceira Idade(UNATI) na Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE/Campus de Toledo.

O objetivo do Programa UNATI foi o de criar espaços de inserção da população adulta e/ou idosa para formação política, social, econômica e cultural. Tais espaços proporcionaram aos idosos o desenvolvimento das suas potencialidades, para que, tendo consciência de si e de sua cidadania, atuem e interajam no contexto familiar e comunitário, promovendo a conquista de uma maior participação social e política, melhorando a sua qualidade de vida.

Segundo Vitória Kachar (2003, p.150), quando a tecnologia é utilizada/transmitida de forma correta, diminui distâncias e aproxima as pessoas, tornando-se um meio prático e rápido para comunicar.

Após ingressarem na oficina, os idosos demonstraram uma forte tendência em estarem conectados com o mundo digital, ganharam estímulo para comprar o seu próprio computador, utilizando-o na comunicação com amigos e familiares. Registrou-se também uma significativa ampliação do leque de contatos e amizades do idoso, aumentando a sua autoestima, melhorando as suas relações familiares. Tornou-se mais frequente a comunicação com os filhos, netos e outros membros da família.

3.3.3.3 O projeto da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), da Universidade Católica de Goiás- UCG.

Foi implantado oficialmente com uma aula inaugural realizada em 14 de setembro de 1992, tendo como convidada a doutora em Serviço Social, coordenadora da Universidade da Terceira Idade da Pontifícia Universidade Católica de Campinas- PUC-Campinas, professora Jeanete Liasch Martins de Sá, que proferiu uma brilhante palestra sobre a terceira idade: *“Cidadania, Educação Continuada e Convivência”*.

Nesta palestra realçou-se a importância da integração do idoso no seio da comunidade acadêmica e a importância do seu papel na sociedade, como elemento gerador de equilíbrio.

Consciencializou-se a comunidade acadêmica jovem da importância da experiência do idoso, como forma de enriquecimento e valorização da vida. Deu-se ênfase ao papel social da universidade como elo entre o idoso, as instituições e os serviços para ele voltado.

O Projeto teve como objetivos:

- Possibilitar às pessoas adultas e idosas (50 anos ou mais) o acesso à Universidade, numa perspectiva de educação ao longo da vida;
- Contribuir para a construção de políticas públicas em relação ao idoso;
- Despertar nos alunos a responsabilidade social, motivando-os a assumir uma presença efetiva nas organizações da sociedade civil e movimentos sociais;
- Resgate da cidadania e do desenvolvimento do espírito de convivência;
- Estimular o envelhecimento ativo e saudável;
- Proporcionar vínculos/parcerias interinstitucionais intra-institucionais entre departamentos, proporcionando a participação docente e discente por meio do ensino, pesquisa e extensão;
- Constituir um foco de investigação científica na área do envelhecimento e qualidade de vida;
- Socializar conhecimentos produzidos na área da Gerontologia;
- Praticar ações de consultoria e assessoria frente à comunidade, às Instituições de Ensino Superior e às entidades envolvidas com a temática do idoso.

3.3.3.4 A influência da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia no processo de viver e envelhecer dos idosos estudantes/integrantes

Constatou-se que a Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, contribuiu para a melhoria da qualidade de vida dos idosos, no que respeita a aspetos do viver e envelhecer que foram traduzidos nas seguintes categorias: aumento da autoestima, melhoria da saúde, promoção da interação social, diminuição do estigma, estímulo à aprendizagem e resgate da autonomia/independência.

Os relatos dos participantes demonstraram que a UATI/UESB contribuiu para o autoconhecimento do idoso como pessoa e cidadão inserido no mundo, com o mundo e para o mundo, despertando-o para a conquista da sua dignidade e respeito enquanto parte integrante da sociedade.

3.4 Opinião das pessoas idosas sobre a inclusão na educação

O modelo educacional mostra sinais de esgotamento e, no vazio de suas idéias, surge o momento oportuno para as transformações. Esse momento é propício para se questionar a exclusão educacional imposta desde os primeiros passos da formação escolar e que prossegue nos níveis de ensino mais graduados.

A revira volta educacional que propomos por meio da inclusão tem como eixos o convívio, o reconhecimento e o questionamento da diferença e a aprendizagem como experiência relacional, participativa e significativa para o aluno.

Do ponto de vista institucional, a inclusão exige a extinção das categorizações e das oposições binárias entre alunos: iguais/diferentes; especiais/normais; sadios/doentes; pobres/ricos; brancos/negros, com graus leves/graves de comprometimentos, etc. No plano pessoal, a inclusão provoca articulação,

flexibilidade, interdependência entre as partes que se conflitam em nossos pensamentos, ações e sentimentos, ao nos depararmos com o Outro.

O essencialismo e toda a generalização, que se originam da compreensão de que as identidades são fixas e definitivamente estabelecidas, não cabem no quadro de revisão dos nossos propósitos educacionais inclusivos. Nesse quadro se consideram as identidades móveis e a diferença dos seres humanos, sujeitas a diferenciações infinitas, tanto internas como externamente.

Na gramática da inclusão, não deveria existir, “diferença entre” surdos, negros, brancos, inteligentes, pessoas com deficiência... Há diferentes surdos, negros, brancos etc., que estão diferindo sempre, sempre e sempre.

Os caminhos pedagógicos da inclusão se fundamentam, portanto, na diferença dos seres humanos, na singularidade de cada um de nós e nas possibilidades que o caráter multiplicativo e transformador da diferença nos confere, seja para melhor ou para pior. As situações de deficiência que todos experimentamos dependem do meio em que vivemos. Mudamos para mais ou para menos, conforme o meio nos solicita nos desafia /ou nos limita, espontânea ou naturalmente.

As situações de deficiência são vividas por todo e qualquer aluno; trata-se de um problema do meio escolar e não do aluno com deficiência. Nosso papel de familiar e, de professores para solucioná-lo é o de tornar a escola comum um ambiente estimulador da capacidade de cada aprendiz e não uma instituição niveladora da aprendizagem e promotora da exclusão.

Nesse contexto de compreensão, a inclusão tem a ver com o acesso de todos os alunos e não apenas de alguns estudantes a um mesmo mundo e sugere mudanças nos espaços físicos, nas atitudes e relações sociais. Nosso significado de acesso de todos à escola remete, pois, ao nosso entendimento de uma deficiência.

“Historicamente,” a deficiência foi por muito tempo entendida, do ponto de vista exclusivamente médico, como sinônimo de anormalidade do “portador” dessa deficiência. Esse modelo de deficiência promove a acomodação da anormalidade da pessoa e a encerra na sua incapacidade de viver, em um mundo social e físico que não mudam, escolas especiais, confinamento na própria casa, família, limitações de todo nível, expectativa muito baixa para o futuro, solidão, tutela por incapacidade.

O desafio da inclusão na escola e no mundo se origina de um quadro situacional que nos coloca em crise, pois é novo e implica em um reposicionamento de nossas idéias, de nosso comportamento diante da deficiência e da diferença. Antes de percebermos esse desafio, estávamos todos, de certo modo, resignados diante da deficiência, tratando-a segundo as formas mais excludentes de atuação e considerando a diferença como imutável, definitiva, sem alternativas. Tinha sentido, então, tratarmos “pessoas diferentes” diferentemente.

No pensamento inclusivo, a deficiência é sinônima de “diferença” e tem a ver com o reconhecimento de que somos seres que encerram possibilidades, as quais não são definidas, a priori, por diagnósticos de desenvolvimento, porque a diferença é sempre a de vir. O “remédio” está na mudança nas interações e na atualização das possibilidades latentes em todos nós. Toda pessoa ou artefato e todo o ambiente, que afete essas interações para melhor, propiciam transformações e são considerados agentes do processo de inclusão de pessoas com e sem deficiência.

O modelo social da deficiência e, mais recentemente, o modelo de interpretação da deficiência com base nos Direitos Humanos (Convenção da ONU, 2006) indicam grandes avanços e incluem artefatos de pensamento e planos de ação inclusivos que atingem a todos, pois não temos o direito de diferenciar pessoas pela sua deficiência. Inspirados pela evolução dos modelos de interpretação da deficiência é que exigimos que seja assegurado a pessoas com deficiência o direito à educação em ambientes escolares inclusivos.

Por tudo isso nos surpreendeu com o fato de que ainda existam pessoas que admitem que deva ser negado a alguns cidadãos o direito de estarem e de se

formarem com os pares de sua geração e de crescerem em um único ambiente, afinal, o que queremos deixar como legado educacional para as novas gerações?

E porque não perguntar: ***“quando a Inclusão escolar será uma questão de tempo”?***

Muitas pessoas não devem ter conhecimento do avanço que significou a realização, em 2010, da primeira Conferência Nacional de Educação (Conae). Segundo o site do próprio Ministério da Educação, a Conferência “é um espaço democrático aberto pelo Poder Público para que todos possam participar do desenvolvimento da Educação Nacional”. E assim aconteceu. O evento reuniu centenas de delegados, oriundos de todas as partes do Brasil, que foram eleitos em conferências nos âmbitos municipal, regional e estadual. Esses delegados, legitimamente eleitos, discutiram os rumos que deveriam ser dados à educação no país, da educação infantil à pós-graduação.

Em consonância com as lutas históricas em âmbito mundial pelos direitos das pessoas com deficiência, os participantes da Conae propuseram educação inclusiva ampla e irrestrita. O texto da Conae previa: Universalizar para a população de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos, o atendimento escolar aos estudantes com deficiência, e aos adultos com mais de 60 considerados idosos o direito a educação em igualdade de conhecimento, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superlotação, na rede regular de ensino.

Hoje, achamos odiosa a idéia de separar ambientes para negros e brancos. Mas isso já foi natural um dia. A Apartheid foi algo instituído e vivido como uma condição contra a qual nada se podia fazer. O Holocausto surgiu da idéia de que uma diferença (a de ser judeu) justificava crueldade e o extermínio de um povo. As mulheres, por sua vez, sofreram abusos e repressões de toda ordem – e ainda sofrem. Aqui no Brasil, no século passado (ontem, na história da humanidade), elas não podiam estudar tão pouco votar.

Hoje, consideramos tais práticas e as idéias estapafúrdias. E o são. É uma questão de tempo para que a segregação escolar de pessoas com deficiência seja restrita ao passado, e seja classificada também como algo desumano e inconcebível. Estamos falando de uma simples questão de tempo.

E não se trata de algo fruto de sexto sentido, simples desejo-sonho-utopia ou torcida de tolos “radicais”. A concepção social e teórica sobre a questão vem sendo revista, a escola tem passado por profundas transformações e a sociedade já pode testemunhar o resultado dessa mudança de paradigma. Deixar a visão assistencialista e baseada na incapacidade do sujeito e passar a encarar o assunto como uma questão de direito humano e de respeito à diferença é o caminho que tem levado o Brasil a oferecer condições de igualdade de oportunidade e vida digna a uma parcela da população historicamente discriminada.

Portanto, o pleito de brasileiros conscientes e isentos de qualquer outro objetivo que não os avanços e o reconhecimento dos benefícios de uma educação inclusiva é que se assegure o direito de os alunos da educação especial serem escolarizados com os demais colegas, na escola comum.

É preciso lembrar que as escolas especiais não deixaram nenhum legado importante para os alunos nelas matriculados, especialmente aqueles que têm deficiência intelectual, pois os alunos egressos dessas escolas não chegaram a níveis de ensino mais avançados – diferentemente dos alunos que frequentam e frequentaram o ensino comum.

.As escolas especiais e as oficinas abrigadas produzem e produziram pessoas sem condições de inclusão social por falta de instrução e preparo para o trabalho, ficando à mercê da assistência e da benemerência social na vida adulta improdutiva e na velhice.

As instituições que são contrárias à inclusão, especialmente à inclusão escolar, deveriam celebrar a inclusão e continuar seus trabalhos em outras áreas direcionadas: à preservação dos direitos de seus assistidos, apoiando os familiares

para perceberem as suas possibilidades e garantir-lhes o direito de terem essas potencialidades reconhecidas nos ambientes educacionais comuns e na vida social; e ao atendimento especializado em medicina, fisioterapia, fonoaudiologia, psicologia, assistência social e outros, no âmbito dos serviços terapêuticos, onde já adquiriram expertises.

Seguimos firmes na luta pelo direito incondicional ao acesso, à permanência e ao ensino de qualidade, em todos os níveis e em todas as modalidades de ensino. Educação Inclusiva é um direito humano. E direitos humanos não se negociam.

Dada à importância da inclusão do idoso, esta investigação pretende-se compreender as motivações pessoais e as expectativas dos seniores na procura de cursos de TIC para a terceira idade, nas Universidades Sênior, e a forma como os referidos cursos poderão contribuir para uma inclusão digital de qualidade.

3.5 Ferramentas para melhorar a qualidade de vida do idoso na educação

A liberdade de expressão para refletir sobre o direito ao acesso e permanência na educação para as pessoas com deficiência, fazendo parecer, inclusive, que o direito vem sendo exercido apenas por ser politicamente correto.

Talvez possamos analisar que a educação é direito central e fundamental para o exercício dos demais direitos, inclusive dos direitos políticos. É direito de que não se pode dispor e, de acordo com a Constituição Federal, é dever do Estado, da família e da sociedade. Artigo 8º e a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência têm o mesmo entendimento, sendo possível afirmar que, além de crime, é mesmo politicamente incorreto o não exercício do direito ou a criação de obstáculos para que ele seja exercido.

À parte disso, são muitos os dados que evidenciam os benefícios da educação inclusiva para pessoas com e sem deficiência e são muitas as políticas

públicas implementadas com sucesso para garantir exercício do direito. Mas a reflexão agora é sobre a liberdade de expressão, que fere o direito do outro, principalmente quando se trata de criança e adolescente e idoso. É sobre a utilização de meios de comunicação para expor opiniões que levam à exclusão social e ao aumento do preconceito e da discriminação, inclusive de classe. Não se trata de politicamente correto ou de batalhas maniqueístas. Falamos de pessoas, com todas as suas particularidades; de gente, de seres humanos que podem ser prejudicados por reflexões inconsequentes.

É com muita dor que os idosos lidam com o fato de não serem aceitos em muitas universidades por conta da idade, e; é com a dor de quem sofre discriminação e preconceito, dor que muitas vezes passa a pautar a própria vida. A instituição precisa saber que dói, e que a políticas públicas são de direito, porque é esse o paradigma. E, principalmente, por que foram conquistadas por pessoas que sofreram a dor do preconceito e da discriminação; seja a política de cotas raciais ou as políticas públicas de inclusão educacional, elas nada mais são do que a obrigação do poder público para com aqueles historicamente discriminados.

Esperamos que os diretores de universidades públicas e privadas levem a sério a certeza de que negar ou fazer cessar matrículas por motivo de deficiência é crime (está na Lei 7853/89 – Artigo 8º). Mas espero que possam refletir sobre os seus conceitos e o seu direito de expô-los quando isso pode afetar diretamente a vida de milhões de pessoas.

É preciso saber que o Brasil tem 45 milhões de pessoas com deficiência (Censo 2012/IBGE) e pessoas com deficiência não são pessoas com doença mental, muito embora a discriminação continuada e a exclusão de cada dia possam levar a isso. Não sei o que se entende por demência, mas o fato é que a grande maioria dos crimes não é cometida por “dementes”, outro engano, que faz parecer que cada um no seu quadrado resolveria o “problema” na escola e em toda a sociedade.

Lógico que as pessoas precisam do atendimento adequado de saúde, educação, assistência social e de todos os setores, mesmo porque direitos humanos são inegociáveis. Aproveito para informar que o Plano Nacional dos Direitos das Pessoas com deficiência “Viver Sem Limites” é outra conquista que envolve 15 ministérios, porque, de verdade, estamos avançando. E podemos avançar mais se o conservadorismo deixar de lado a sua intolerância e o inconformismo com a ascensão social de milhões de brasileiros, dentre eles pessoas com deficiência. Como, no meu entendimento, o conservadorismo que pretende deixar pessoas com deficiência em um quadrado é o mesmo que não demonstra indignação diante das atrocidades ditas e cometidas contra homossexuais, devemos unir forças para combater essa onda que há muito já deveria ter passado.

Os motivos no qual a inclusão educacional se transforma em uma conquista, uma realidade, e, principalmente, um direito que não pode ser violado. À parte disso, reafirmo que os números evidenciam avanços que eu presenciei em redes públicas e universidades que acreditaram e mudaram o paradigma, garantindo acesso e permanência, com todos os recursos necessários para todas as pessoas com deficiência, se a velhice for considerada assim.

3.5.1 Motivações

De acordo com Neto (2002, p. 298) «numa perspectiva ideal, a reforma seria de encarar como um processo gradual ligado ao envelhecimento de modo livre». A própria expressão reforma sugere um novo ciclo de mudanças que visa o aperfeiçoamento de algo. Para alguns dos entrevistados, o período inicial da reforma revestiu-se de «preocupação», «stress» e «choque». Com efeito, «parar é um choque muito grande», sendo que parar pode estar revestido de, pelo menos, duas significações: acabar/cessar definitivamente com uma vida ativa, ou descansar durante algum tempo para refletir e repensar qual o caminho a adotar nesta nova etapa. Na verdade, é fundamental que o papel profissional e as gratificações asseguradas por ele possam «ser substituídas ou compensadas através do desempenho de outros papéis ou da participação noutra tipo de ambientes sejam eles recreativos, cívicos e/ou culturais»

Neste sentido, as universidades seniores poderão desempenhar um papel importante na complexa adaptação a uma nova etapa da vida. Inicialmente, foram identificados alguns dos motivos pelos quais um número cada vez mais significativo de pessoas decide frequentar esses espaços. A maioria dos entrevistados justificou a sua escolha com o interesse pela atualização de conhecimentos e aquisição de novos saberes («aprender novas coisas»; «ampliar» os seus conhecimentos; «exercitar a mente») nos domínios histórico-culturais, linguístico, informático e artístico. Com efeito, alguns seniores decidiram frequentar atividades relacionadas com as artes plásticas para explorarem as suas potencialidades: «Sempre tive certa aptidão para trabalhos manuais (...)». «Depois, o bichinho começou a entranhar-se em mim». A expressão sempre se evidencia nesta e em outras citações, uma vez que, ao fim de várias décadas dedicados ao mundo laboral, chegou finalmente a oportunidade de se dedicarem àquilo que mais apreciam, revelando um interesse permanente pelas aprendizagens adquiridas ao longo da vida. A fase da reforma não é aqui vivida como um fim, mas antes como um início, «um tempo de oportunidade(s)», o que confirma «a possibilidade e a necessidade de construção de projetos vocacionais em todas as idades» (Nascimento, 2009, p. 129-139).

Para alguns dos entrevistados, o prazer que advém de «ouvir as pessoas», de «conviver» e de «fazer amigos» também constitui um estímulo para frequentar este tipo de instituições, bem como a necessidade de alcançar o bem-estar, entendido como a satisfação das necessidades do ser humano e «o valor que cada pessoa atribui às coisas da vida: a um fenómeno, a uma situação ou à própria vida humana» (Petriz & Tamer, 2007, p.196).

O bem-estar de alguns idosos relaciona-se não só com aspectos do desenvolvimento físico, para não ficar «perro», por exemplo, mas também do foco emocional, como se de uma terapia psicológica os tratasse. Os seniores sentem que podem fazer investimento nas atividades da Academia para obter, bem-estar, sem esquecer que a própria palavra investimento está associada a um processo de troca, de dar para receber, evidenciando assim um processo de partilha e de apoio mútuos entre as atividades das universidades seniores e aqueles que as frequentam. A

importância destes espaços destaca a seguinte afirmação: «*Eu venho porque, no fundo, isto é a minha vida, preciso disto para viver, foi um novo sentido que eu quis dar à minha vida*». Desta forma, idosos necessitam frequentar as universidades para atribuir novo(s) sentido(s) à vida e melhorar a sua qualidade.

Todavia um elevado número de mulheres nas universidades seniores (que se opõe à reduzida participação masculina) concebeu estas instituições como um «refúgio» e um «escape» face às suas rotinas e «obrigações» (familiares, domésticas e profissionais) que sempre tiveram ao longo da vida e que ainda continuam a desempenhar. Assim, nesta fase específica da vida, estas mulheres deixam de ser apenas mães, avós, esposas, profissionais e «donas de casa», para se dedicarem a outras atividades. Neste sentido, o processo educativo desenvolvido pelas universidades seniores poderá objetivar a emancipação daqueles (sobretudo daquelas) que as frequentam.

Por outro lado, os idosos precisam da necessidade de ter horários para cumprir uma motivação mencionada, por exemplo: «*Eu sentia que precisava de me impor um horário*»; «*Era preciso ter horários, com obrigações*»; «*Eu em casa não consigo fazer nada, me disperso, naquelas três horas sei o que tenho a fazer*». Ressalta-se a hiperatividade presente nas expressões «*precisar*», «*impor*», «*ter de*» e «*obrigações*», que conferem um caráter de obrigatoriedade não com sentido pejorativo, mas antes como forma de gerir, ocupar e desfrutar melhor o tempo livre.

Por muito tempo o idoso necessitou de ser aproveitado e rentabilizado da melhor forma, fixando em determinadas rotinas. Contudo, nesta nova etapa das suas vidas, a percepção do tempo já não é a mesma: a rotina é estar desocupado, aparentemente sem nada para fazer. O tempo parece sobrar, em vez de escassear; daí a importância de preencher e de aproveitar os momentos «*vazios*» através de atividades que contribuam para o desenvolvimento e o bem-estar cognitivo, físico, emocional e psicossocial, bem como para aprendizagens significativas, não se limitando a atividades de lazer e assistenciais.

De acordo com Nascimento (2009, p. 129-139). Torna-se fundamental *“apoiar o indivíduo na conceptualização da perspectiva temporal levando-o a ver o futuro como o tempo que sobra e não como o tempo que lhe resta”*

A necessidade de cumprir horários e ocupar o tempo com atividades pré-estabelecidas evidencia, portanto, a tentativa de escapar a um certo «vazio», destacando-se assim o papel fundamental da Academia e do Instituto na promoção do desenvolvimento e da realização pessoal e social dos seus alunos. Tal como refere Pinto (2007), *“o ex-trabalhador ou depressa renova a sua agenda de compromissos ou rapidamente enceta um processo irreversível de entropia”* ou seja, corre o risco de se isolar e desestruturar socialmente. Compete à nossa sociedade, *“criar as oportunidades de escolha livre para que as pessoas possam utilizar o tempo da terceira idade da forma mais satisfatória possível”* (Martín, Guedes, Gonçalves, & Pinto, 2007,p. 223).

O convívio e as relações de amizade estabelecido nas universidades foram uma das conseqüências mais destacadas pelos idosos. Graças a estes espaços eles, estabeleceram uma nova rede de amizades e, conseqüentemente, acederam a novas percepções da realidade, a novos conhecimentos e saberes, visto que o ser humano não aprende sozinho.

Com efeito segundo Charlot (2000,p.37), aprende-se para se construir enquanto Homem *“hominização”*, ser individual *“singularização”* e membro de uma comunidade («socialização»), da qual se partilham valores semelhantes e na qual se ocupa um lugar. De acordo com os seniores, as relações interpessoais desempenham um papel mais relevante nesta etapa específica da vida, acrescentando-lhe novos sentidos, alegrias e a sensação de estar «vivo», de aproveitar e encarar a vida de maneira positiva. A perda das ligações com os ex-colegas de trabalho e até com os filhos (que, na maioria dos casos, já saíram do lar materno/paterno) potencia a criação de uma «outra família». Desta forma, as universidades seniores permitem afastar os seus alunos do isolamento e da solidão, integrando-os positivamente na sociedade e promovendo a «sociabilidade através do lazer» (Lima, 2001, p.25-30).

A permanência dos idosos nas instituições educativas também contribui para o seu bem-estar (físico, psicológico, emocional e cognitivo-mental), bem como para a realização pessoal, que se associa “” (Pinto, 2007, p.112).

A inatividade inerente ao fato de já não exercer uma profissão, de fazer poucos movimentos e de já não exercitar o corpo (e também a mente) poderá perturbar o equilíbrio funcional de qualquer pessoa. Como defende Nunes (1999, p.76), “*a manutenção física proporciona uma maior longevidade, uma maior capacidade funcional e a continuação de uma vida independente*”. O fato de se deslocar a pé até à uma universidade constitui, por si só, um benéfico exercício físico.

As universidades seniores permitem manter e incentivar a atividade intelectual dos alunos idosos, contribuindo para a ginástica mental, que evita a deterioração das atividades cognitivas. O papel da universidade na recuperação deste desregulamento que, provavelmente, alterou o modo de ser, estar, pensar e encarar a sua própria vida. Como destaca Nascimento (2009, p.96-100), “*pode mesmo instalar-se um sentido de perda de identidade, o que requer que o indivíduo reformado reconstrua o seu autoconceito*”, por isso os seus interesses, motivações e valores necessitam de ser repensados.

A liberdade de se equiparar o direito à educação ao politicamente correto gera revolta legítima e é preciso que as pessoas transformem a sua indignação em ação, e que continuem fazendo acontecer cada vez mais.

Quando a promoção da manutenção da invisibilidade social, do preconceito e da discriminação está sempre a serviço de interesses, mesmo que pessoais, é preciso que os meios de comunicação pensem em suas consequências e que, no mínimo, abram espaço para o contraponto.

Estamos falando sobre seres humanos, pessoas que compõem a diversidade humana e que integram o imenso “quebra-cabeça” da humanidade. Não se trata de

politicamente correto: pessoas idosas existem, são gente! Pessoas idosas têm direitos humanos!

A principal razão para incluir os idosos na sociedade é o fato de que o país está envelhecendo. De acordo com dados recentes do IBGE, a população na terceira idade vai quadruplicar até 2060.

Isso se deve aos avanços da medicina e ao conseqüente aumento na expectativa de vida dos idosos. Esse, por si só, é um motivo para acolher e integrar esse grupo tão representativo da sociedade.

Os idosos também merecem acesso aos bens e direitos por toda contribuição que já deram durante a vida. Para completar, são seres humanos dignos de receber carinho e respeito, exatamente como uma criança, um jovem ou adulto.

Os idosos ainda são vistos como uma população que muito consome e pouco produzem. Como, então, incluir pessoas da terceira idade, efetivamente na sociedade? Pode ser desafiador, mas é plenamente possível.

Nesse contexto, vale ressaltar a participação da família, que tem a função de amar e inserir o idoso, primeiramente, no seio familiar. Afinal, se ele não se sente parte da família, como estará seguro e preparado para fazer parte da sociedade?

Outro passo essencial é possibilitar que o idoso interaja e conviva com pessoas de diferentes faixas etárias. Por fim e não menos importante, é estimular o desenvolvimento da autonomia do idoso.

O fato de ser mais velho não impede que ele more sozinho, faça suas compras, viaje, participe de terapias ocupacionais, se exercite, namore, vote, saia para passear. Tudo isso promove a inclusão, a felicidade e bem-estar do idoso.

É claro que, por conta das limitações físicas da idade, é necessário prover uma maior segurança para as pessoas na terceira idade. Nessa situação, uma pulseira e aplicativo de monitoramento e cuidados à distância podem ser grandes aliados, por exemplo.

E quando falamos de inclusão, estamos incluindo os idosos, por isso falamos de acessibilidade, Acessibilidade é a condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida (art. 8º do Decreto 5.296/04).

Tudo na vida tem começo, meio e fim. E a vida não se encerra aos 50 anos. Esse é um momento para alcançar a clareza, ressignificar tudo o que foi aprendido e até mesmo renascer com muita alegria e disposição, realizando sonhos. Quem sabe até aqueles que foram deixados para trás. Psicólogos idosos, afirmam que a nossa sociedade alimenta uma tendência de exclusão contra quem tem mais de 50. Mas, os efeitos dessas crenças limitantes podem ser revertidos através de novas experiências de vida.

Abaixo a transcrição segundo artigo publicado pelo Centro Inkiri Piracanga em agosto de 2017 na página: <http://piracanga.com/idade-da-sabedoria-vida-recomeca-aos-50-anos>:

Para romper com os programas mentais que sustentam o sentimento de ‘estou esperando a morte chegar’ é necessário reeducar o nosso próprio cérebro. É reconhecer-se na Idade da Sabedoria – período quando começam a nascer sensações na vida que estão relacionadas a como ajudar as pessoas a viver”. E lembra que a expectativa de vida do brasileiro hoje pode passar dos 80 anos e que não é possível considerar o período que se inicia aos 50 como um fim.

CAPITULO IV- PROCESSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A metodologia é uma parte fundamental que o estudo deve seguir, tendo como premissa um caminho sistematizado, com passos bem definidos, por conseguinte, tentar responder às dúvidas que levaram à realização desse estudo. Dessa forma, é pertinente ordenar as etapas de investigação do fenômeno pesquisado, delineando-as da seguinte maneira: tipo de pesquisa, Participantes do estudo, A intervenção-ação, Instrumentos para coleta de dados.

Colabora para esse entendimento Sampieri et al. (2006), ao afirmar que a pesquisa é um conjunto de procedimentos racionais e sistemáticos, baseados no raciocínio lógico, que tem por objetivo proporcionar respostas aos problemas propostos. Objetiva fundamentalmente contribuir para a evolução do conhecimento humano, em todos os setores. Parte de um problema e, com a utilização do método científico, busca solucioná-lo

Em Lakatos & Marconi (1991, p.66), a metodologia é uma arma de busca, caçada aos problemas e destruição de erros, que possibilita detectar e eliminar o erro, dando assim condições de elaborar críticas às teorias e às opiniões alheias e, ao mesmo tempo, as nossas próprias. Essa é a função da metodologia científica que, enquanto investigação planejada e desenvolvida de acordo com normas aprovadas e ratificadas, possibilita a leitura do fenômeno de forma científica.

Este item tem como propósito descrever a metodologia que norteou a pesquisa, percorrendo as técnicas empregadas que possibilitaram chegar à compreensão e análise dos fatos que suscitaram a investigação, produzindo, assim, conhecimento científico acerca do problema determinado pelo estudo (Gil, 2007).

A opção pela realização de uma pesquisa pode ser motivada pela busca de novos conhecimentos diante de um problema a ser investigado. A pesquisa constitui busca, ilimitada e sem preconceitos, da sistematização do conhecimento em qualquer área, ordenada por meio de abordagens planejadas, objetivos definidos,

hipóteses e teorias que devem ser articuladas para explicar os fatos. A aproximação qualitativa da pesquisa envolve o cotidiano dos indivíduos, pois sempre há uma realidade a ser desvendada, seja por mitos, experiências, ciências ou estudos, considerando que respostas e proposições precisam constantemente ser articuladas à trajetória humana (Minayo, 1994).

O processo metodológico refere-se ao estudo dos caminhos, dos instrumentos empregados para se fazer pesquisa científica, os quais respondem ao modo de conduzir a pesquisa, objetivando fazê-la de forma eficiente para orientar o pesquisador a estruturar seu estudo, para “captar e processar informações e resolver diversas categorias de problemas teóricos e práticos da investigação” (Thiollent, 2004, p. 25).

Nesse sentido, a influência da inclusão Social reconhece a importância dos indicativos que os processos investigativos podem desvendar para que sua intervenção tenha fundamentação coerente e lógica, conforme a realidade que se apresenta.

4.1 Tipo de Pesquisa

Buscando uma análise crítica da realidade que os sujeitos pesquisados podem revelar, deu-se maior ênfase à análise dos dados da pesquisa qualitativa, de tipo descritiva, levando-se em conta que “os estudos descritivos exigem do pesquisador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar” (Triviños, 1987, p. 110), considerando as trajetórias de vidas e as experiências sociais como essenciais ao caráter inovador, que se apresentam como uma construção coletiva, complementares de ações investigativas (Martinelli, 1999). Assim, o envolvimento do pesquisador torna-se vital, pois esse tipo de pesquisa:

[...]tem por objetivo trazer à tona o que os participantes pensam a respeito do que está sendo pesquisado, não é só a minha visão de pesquisador em relação ao problema, mas é também o que o sujeito tem a me dizer a respeito (Martinelli, 1999, p. 21).

A pesquisa descritiva usa padrões textuais como, questionários e formulários para identificação do conhecimento e observação sistemática. Como pesquisa descritiva define-se as que têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis; “os estudos descritivos exigem do pesquisador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar” (Triviños, 1987, p. 110).

Segundo Minayo a pesquisa se fundamenta no método dialético-crítico, empregando a abordagem qualitativa. A abordagem quantitativa é usada somente para complementar e dar representatividade aos dados qualitativos, sendo caracterizada pela objetividade e pelos dados concretos, servindo de sistematização e fundamentação ao conhecimento produzido pela abordagem qualitativa, ou seja, os dados quantitativos e qualitativos se complementam (Minayo, 1994). Enquanto para Martinelli (1999, p.38), a abordagem qualitativa busca significados, interpretações, sujeitos e suas histórias.

Ainda transcrevendo Minayo:

A abordagem qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis [...] a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível não captável em equações, média e estatística. (Minayo, 1994, p. 21).

Spink (2000,p.73) segue a mesma direção de Martinelli no trabalho com os dados, dando ênfase aos aspectos qualitativos. Esses autores afirmam que a interpretação é concebida como um processo de produção de sentidos, que tem como atividade o diálogo com as informações coletadas no trabalho de campo e como atividade-fim à explicitação dos sentidos encontrados a partir da interpretação.

Para tanto, Spink (2000, p. 105) apresenta algumas técnicas de visibilização, que se configuram como estratégias visando rigor na pesquisa entendido “como a objetividade possível no âmbito da intersubjetividade”.

O fato de a pesquisa qualitativa primar pela fala do sujeito, não significa que esse tipo de pesquisa não abranja uma sistematização lógica de investigação. Gil (2007, p.56) apresenta pressupostos importantes da pesquisa qualitativa com enfoque dialético, considerando que a realidade é analisada de forma complexa, em que se considera a estrutura e a superestrutura na qual o sujeito está inserido. Ou seja, há uma análise da vivência cotidiana do investigado em relação ao que a conjuntura, seja política, social ou cultural, apresenta, cabendo ao pesquisador articular essas relações.

A pesquisa qualitativa deve primar pela abordagem descritiva dos fatos, pois estes possuem significados com uma totalidade de expressões que interagem no contexto pesquisado. Dessa forma, o pesquisador preocupa-se com o processo investigatório e não somente com os resultados obtidos, pois os dados coletados são concretos e devem ser relacionados a um suporte teórico, para não desvendar apenas significados expressos de forma verbal. Este tipo de pesquisa possibilita a discussão de facetas distintas dos fenômenos apresentados, retornando às raízes que deram sustentação à realidade apresentada (Haguete, 2000,p.88). O papel do pesquisador é essencial, pois preconceitos e opiniões preestabelecidos podem comprometer a compreensão do cotidiano estudado, correlacionando de forma clara as categorias da Historicidade, Totalidade e Contradição, indispensáveis ao método concebido neste estudo, o dialético-crítico.

4.1.1 Quanto à natureza

Quanto a sua natureza, a investigação se classifica como pesquisa aplicada seguindo a determinação de Gil (2009, p.38), ao explicar que:

[...] a pesquisa é aplicada quando é caracterizada em abranger estudos que tenha a finalidade de equacionar as dificuldades identificadas no âmbito em que os pesquisadores estão. É também explicativa, pois tem a finalidade de esclarecer a razão e o porquê das coisas. Pois se

verifica uma grande aflição em apresentar dados que venha contribui com os fatores dos acontecimentos. (Gil, 2009, p. 38)

4.1.2 Quanto aos objetivos

Quanto aos seus objetivos, a pesquisa inicial terá o caráter exploratório respaldado no que define Gil (2010, p. 56), quando descreve que essa tem como objetivo familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado, pois segundo o autor, ao final de uma pesquisa exploratória, poderá se conhecer mais sobre determinado assunto, ao afirmar que esse tipo de pesquisa objetiva proporcionar familiaridade com o problema, elevando ao máximo o conhecimento do pesquisador em relação ao objeto investigado. E Collis e Hussey (2005, p. 87) afirmam que, via de regra esse é o primeiro passo que o investigador dá para se aproximar do objeto de estudo, pois não se tem conhecimento sobre ele.

Num segundo momento, a pesquisa assume o caráter descritivo, cujo foco não consiste na abordagem, mas sim no processo e seu significado, ou seja, o principal objetivo é a interpretação do fenômeno objeto do estudo (Silva; Menezes, 2005, p. 88). Corroborando Sampieri et. al (1991, p. 45) quando determina que a pesquisa descritiva traz ao estudo dimensões ou componentes do objeto investigado. Em um estudo descritivo, seleciona-se uma série de questões e mede-se cada uma delas independentemente, para assim, descrever o que se investiga. A junção desses dois modelos encontra respaldo em Sampieri, (1991, p. 55), que declaram que as pesquisas exploratórias visam examinar um tema pouco estudado, enquanto a pesquisa descritiva busca especificar propriedades e características importantes do fenômeno analisado.

A pesquisa descritiva usa padrões textuais como, questionários e formulários para identificação do conhecimento e observação sistemática. Como pesquisa descritiva define-se as que têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis; “os estudos descritivos exigem do pesquisador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar” (Triviños, 1987, p. 110).

4.1.3 Quanto à abordagem

A abordagem pretendida é a qualitativa pois, mesmo que ao longo do estudo apareçam dados mensurais, a tese não pretende quantificar o problema, mas sim apresentar uma reestruturação ao objeto estudado, abordagem defendida em Vieira e Zouain (2006, p.18), quando apontam:

[...] importante característica da pesquisa qualitativa é que ela geralmente oferece descrições ricas e bem fundamentadas, além de explicações sobre processos em contextos locais identificáveis. Além disso, ela ajuda o pesquisador a avançar em relação às concepções iniciais ou a revisar sua estrutura teórica. Mesmo tendo uma natureza mais subjetiva, a pesquisa qualitativa oferece um maior grau de flexibilidade ao pesquisador para a adequação da estrutura teórica ao estudo do fenômeno administrativo e organizacional que deseja. (Vieira; Zouain, 2006, p. 18)

4.1.4 Quanto aos procedimentos técnicos

A classificação metodológica assumida nesta pesquisa, quanto aos procedimentos técnicos, corresponderá aos princípios da Pesquisa por Levantamento de Dados. Esse tipo de pesquisa servirá como uma proposta de análise das situações vividas pelo grupo pesquisado.

As pesquisas desse tipo caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas, cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, faz-se a coleta de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise qualitativa, responder ao problema aqui levantado. Para GIL (2002, p. 96), as vantagens desse tipo de pesquisa compreendem o conhecimento direto da realidade, os custos se tornam relativamente baixos, a coleta de dados ocorre em um curto espaço de tempo.

4.1.5 Quanto á natureza dos dados

A pesquisa, quanto à natureza dos dados, fez uso dos dados secundários para atender à necessidade exposta em seus objetivos, em que as técnicas de coleta de dados são um conjunto de regras ou processos utilizados por uma ciência, ou seja, corresponde à parte prática da coleta de dados (Lakatos & Marconi, 2001, p. 105) Durante a coleta de dados, diferentes técnicas podem ser empregadas, sendo mais utilizados: a entrevista, o questionário, a observação e a pesquisa de diário de campo..

4.1.6 Quanto ao seu modelo

A pesquisa se enquadra no modelo não experimental descrita em Sampieri, Callado e Lucio(2006, p. 223), definida como “que se realiza se manipular deliberadamente as variáveis, ou seja, trata-se da pesquisa em que não fazemos variar intencionalmente as variáveis independente”, na op. cit. (2006, p. 224)o autor cita Kerlinger (2000, p. 420) que explica que no modelo “não experimental não é possível manipular as variáveis ou distribuir aleatoriamente os participantes ou tratamento”.

4.2 Participantes do estudo

Na universidade em questão (UNAMA- Universidade da Amazônia), atualmente atende 237 idosos com uma média de idade de 65 anos. As características dessa população pesquisada auxiliaram na amostra utilizada de 10 idosos, a qual deveria estar de acordo com a pluralidade dos fatores.

É importante destacar que a pesquisa foi realizada selecionando pessoas de vários cursos, sendo que a partir desses cursos foram escolhidas as pessoas para participarem das entrevistas, o único critério foi ser aluno da UNAMA e ter idade igual ou superior aos 60 anos. Para os entrevistados, os critérios de inclusão foram: grupo etário, sexo, participação nos encontros.

Quanto ao grupo etário, os participantes do estudo deveriam ter idade igual ou superior a 60 anos e pertencer a um dos grupos etários: 60 e 69 anos, 70 e 79 anos, 80 anos ou mais. Este critério foi definido para procurar abranger as pessoas nascidas em diferentes décadas, possibilitando uma maior heterogeneidade. Não foi estabelecido um número fixo de participantes por grupo etário, no entanto, foi realizada uma distribuição igualitária entre os dois grupos.

Quanto ao sexo, ficou em aberto para homens e mulheres e o percentual de homens é consideravelmente inferior que o de mulheres, assim procurou ter uma participação de acordo com as características do programa. e selecionado 05 homens e 05 mulheres para pesquisa final.

Quanto à participação nos encontros propostos na pesquisa, foram convidados aqueles idosos acima citados, em uma frequência de quatro encontros Os encontros citados foram abordados como importantes para a pesquisa por estarem relacionados diretamente à temática que foi a inclusão do idoso nas universidades e sua qualidade de vida dentre essa questão.

Tabela 1: Informações dos participantes.

PARTICIPANTE	IDADE	SEXO	CURSO	TURNO	SEMESTRE	INSTITUIÇÃO
Participante 1	58	Masculino	Ciências Contábeis	NOITE	5°	UNAMA
Participante 2	68	Masculino	Ciências Contábeis	NOITE	5°	UNAMA
Participante 3	60	Masculino	Administração	MANHÃ	7°	UNAMA

Participante 4	59	Masculino	Administração	MANHÃ	7°	UNAMA
Participante 5	50	Masculino	Economia	MANHÃ	5°	UNAMA
Participante 6	56	Feminino	Moda	NOITE	8°	UNAMA
Participante 7	57	Feminino	Moda	NOITE	8°	UNAMA
Participante 8	57	Feminino	Administração	MANHÃ	4°	UNAMA
Participante 9	60	Feminino	Direito	NOITE	8°	UNAMA
Participante 10	61	Feminino	Administração	MANHÃ	4°	UNAMA

Fonte: Dados do estudo (2018)

4.3 Instrumentos para coleta de dados

Num primeiro momento da pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica sobre as categorias teóricas: inclusão social, envelhecimento, qualidade de vida.

Num segundo momento, foram analisadas as determinações do Estatuto do Idoso. Foram coletados dados quanto ao atendimento prestado ao idoso, principalmente quanto ao seu nível de gestão, pois essas questões são determinantes para indicar se os municípios vêm ampliando seus serviços sócios assistenciais nas universidades. Analisaram-se especificamente os serviços prestados aos idosos nas universidades do município de Belém do Pará.

A coleta de dados, por meio de entrevistas, permite uma liberdade ao entrevistado para desenvolver o assunto investigado. É possível sim, explorar amplamente uma questão. Para Laville e Dionne (1999, p.188), a entrevista semiestruturada é uma “série de perguntas, feitas abertamente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimentos”. Geralmente as perguntas são abertas, podendo ser respondidas por meio de uma conversa informal, com o objetivo de coletar as informações desejadas, aplicou-se um formulário nas entrevistas quando foi mantido contato direto entre o entrevistador e os entrevistados, empregou-se um roteiro de perguntas preenchido pelo condutor da entrevista para uma maior flexibilidade, pois assim ele pode alterar a ordem das perguntas e ter ampla liberdade para fazer intervenções de acordo com o andamento desta. Considerando que “numa entrevista, as perguntas tendem a focalizar um ou mais temas que, para os entrevistados, talvez nunca tenham sido alvo de reflexão, [...] as pesquisas, convidam os participantes à produção de sentidos” (Spink, 2000, p. 45).

O diário de campo foi elaborado durante as entrevistas ao longo dos encontros de grupo de idosos. É caracterizado como um documento íntimo e pessoal que, de forma geral, pode ser entendido como os registros dos acontecimentos, impressões e confissões do cotidiano, contendo juízos e comentários sobre o que foi observado.

Dessa forma se considera o diário de campo uma forma de complementação das informações sobre o cenário onde a pesquisa se desenvolve e onde estão envolvidos os sujeitos, a partir do registro de todas as informações que não sejam aquelas coletadas em contatos e entrevistas formais, em aplicação de questionários, formulários. As anotações realizadas no diário de campo, sejam elas referentes à pesquisa ou a processos de intervenção, podem ser entendidas como todo o processo de coleta e análise de informações, isto é, compreenderiam descrições de fenômenos sociais, explicações levantadas sobre os mesmos e a compreensão da totalidade da situação em estudo ou em um atendimento.

O diário de campo foi relacionado conjunto às entrevistas, além das sensações e percepções da pesquisa. O diário de campo foi organizado em tópicos considerados importantes, contendo relatos das percepções da pesquisadora a respeito do processo de pesquisa como um todo. Para melhor organizar o material, todos os encontros foram gravados e, posteriormente, descritos na íntegra para integrarem o diário de campo, organizado de acordo com os dias. A gravação foi um método para melhor organizar o material, ou seja, todos os encontros foram gravados e, posteriormente, descritos na íntegra para integrarem o diário de campo, organizado de acordo com os dias dos encontros.

Nessa pesquisa os entrevistados foram compostos por 10 idosos sendo 05 mulheres e 05 homens como já foi dito, que participaram da intervenção e que estavam dentro dos critérios de inclusão. A pesquisa realizada nos encontros tinha duração máxima de uns 50 minutos e seguiu as perguntas que se encontram no anexo I.

4.4. Dinamica da pesquisa

A pesquisa ocorreu com cinco encontros semanais oferecidos aos participantes da UNAMA com objetivo de analisar, discutir e relacionar a Política da inclusão no envelhecimento. O plano de coleta de dados envolveu a realização desses discursos, onde os dados foram registrados a partir da gravação e das anotações em diários de campo. Após seu término, foi formado grupos masculino e feminino separadamente, de acordo com os critérios de seleção de amostras individuais.

A pesquisa foi estruturada como descrito acima em cinco encontros, os quais ocorreram uma vez por semana com tempo máximo de sessenta minutos de duração, em uma sala de aula cedida por professores. Os participantes foram convidados a participar de forma individual no qual colocariam suas necessidades expostas na universidade para que fossem esclarecidas, a partir de cartazes e

anúncios nas atividades da UNAMA. Todos os encontros ocorreram no primeiro semestre de 2017. O grupo se reuniu em uma sala, sentados em cadeiras em forma de um semicírculo, para dialogar sobre temas relacionados aos objetivos em questão.

A seguir é apresentada a descrição metodológica simplificada dos diálogos para um melhor entendimento sobre o assunto de inclusão com os objetivos, conteúdo e como os participantes dentro dos encontros foram conduzidos:

- Em um primeiro encontro com os entrevistados iniciamos em Conhecer a proposta de trabalho, relacionando com a vivência na UNAMA e a percepção sobre envelhecimento e suas aceitações ou exclusão na universidade e na vida pessoal, houve também a apresentação dos participantes entre si para um melhor entrosamento para os próximos encontros.
- Em um segundo encontro procurou-se identificar as políticas sobre envelhecimento humano e saúde, contextualizando a evolução de cada corpo e mente ao longo do tempo.
- Terceiro encontro com os participantes identificou-se que os estudos escolhidos são de certa forma uma válvula de escape para resolução de muitos problemas do momento, são os pressupostos teóricos do envelhecimento ativo.
- No quarto encontro com os participantes interagiram a relação da UNAMA com os idosos ativos que frequentam a universidade, encontrando barreiras para expor suas análises de possíveis relações negativas ou positivas.
- Em um quinto encontro dos mesmos participantes convidados Analisar e sugerir resoluções das questões propostas sobre o tema da inclusão do idoso nas universidades, em específico na UNAMA, qualificando suas ações a partir das necessidades dos seus participantes.

CAPITULO V. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A metodologia adotada para a análise dos dados obtidos através dos instrumentos de abordagem foi a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), assim definida:

[...] um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2011, p. 31).

Para Bardin (2011, p.54), quanto a esse processo de análise, são propostas três fases: **a)** a pré-análise composta por leitura flutuante, escolha dos documentos, formação das hipóteses e objetivos, análise documental, referenciação dos índices e a elaboração dos indicadores; **b)** a exploração do material; **c)** o tratamento dos resultados, a inferência e interpretação.

Seguindo os procedimentos descritos por Bardin (2011, p.68), a análise partiu da organização do material, através das transcrições do diário de campo e da entrevista em grupo e individual. Na fase de pré-análise, foi realizada uma primeira leitura, seguida de outra a partir da retomada dos objetivos do trabalho. Após este passo, iniciou-se a marcação dos pontos mais relevantes e, finalmente, a categorização dos resultados. Foram realizados cruzamentos entre os conteúdos do diário de campo e as gravações para as entrevistas, assim ambos foram analisados em conjunto.

De acordo com Minayo (1996, p. 70) categoria “se refere a um conjunto que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si”. Para Bardin (2011, p.76), na pesquisa qualitativa, prefere-se definir as categorias não antes, mas depois de coletar os dados (categorização a posteriori). O desafio para o pesquisador é maior, porém os resultados podem ser mais relevantes para o progresso de pesquisa, quando não se põe limites ao que pode ser encontrado. A categorização a posteriori é essencialmente um processo de redução de dados brutos em dados classificados. Diante dos dados coletados, é necessário,

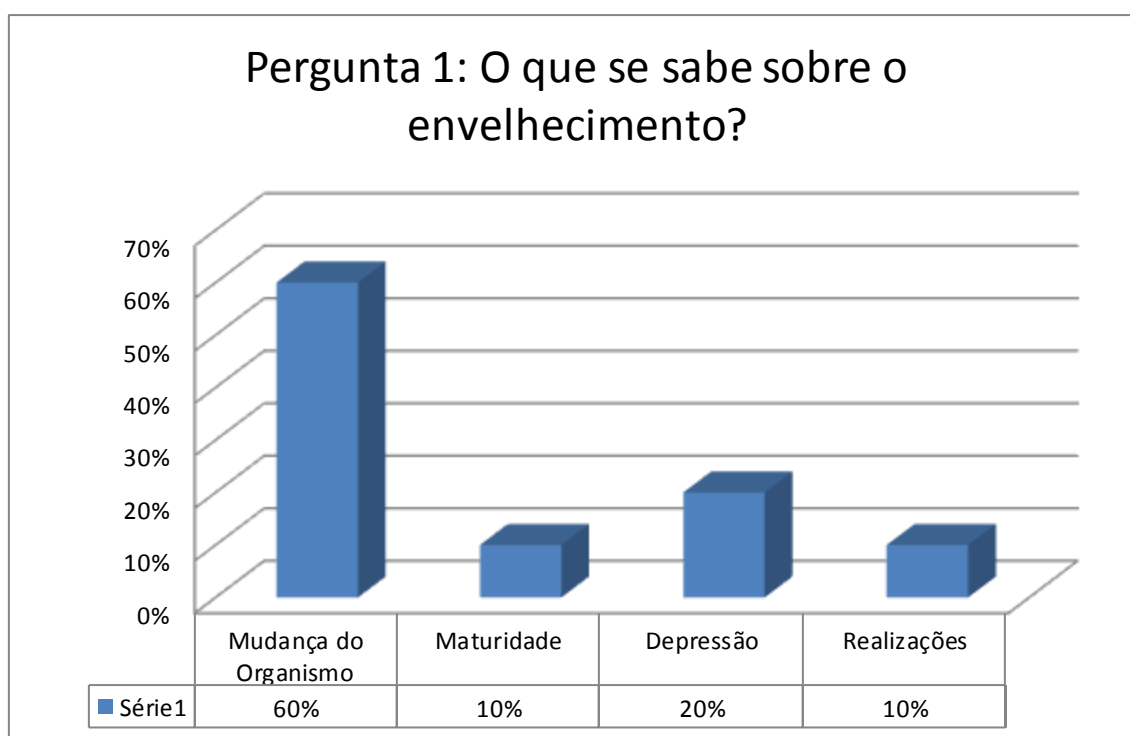
portanto, usar um processo de seleção, focalização, simplificação e sumarização, separando os dados em blocos com conteúdo semelhante: as categorias.

Partindo desses pressupostos, a análise do material parte da seguinte lógica.

5.1 Dados das entrevistas

Conforme as entrevistas coletadas acima sobre esses idosos da UNAMA, o processo de envelhecimento está associado com aspectos positivos e negativos que refletem diretamente nos significados, expectativas e atitudes, em negar ou aceitar esse processo. As perdas decorrentes de modificações biológicas e psicológicas tornaram-se mais evidentes ao longo do tempo e são percebidas na realização das atividades do cotidiano. Alguns desses aspectos foram mencionados pelos participantes do estudo respondendo as perguntas e respostas acima citadas no anexo, com isso identificado nos gráficos abaixo com suas respectivas porcentagens referente às dificuldades e limitações.

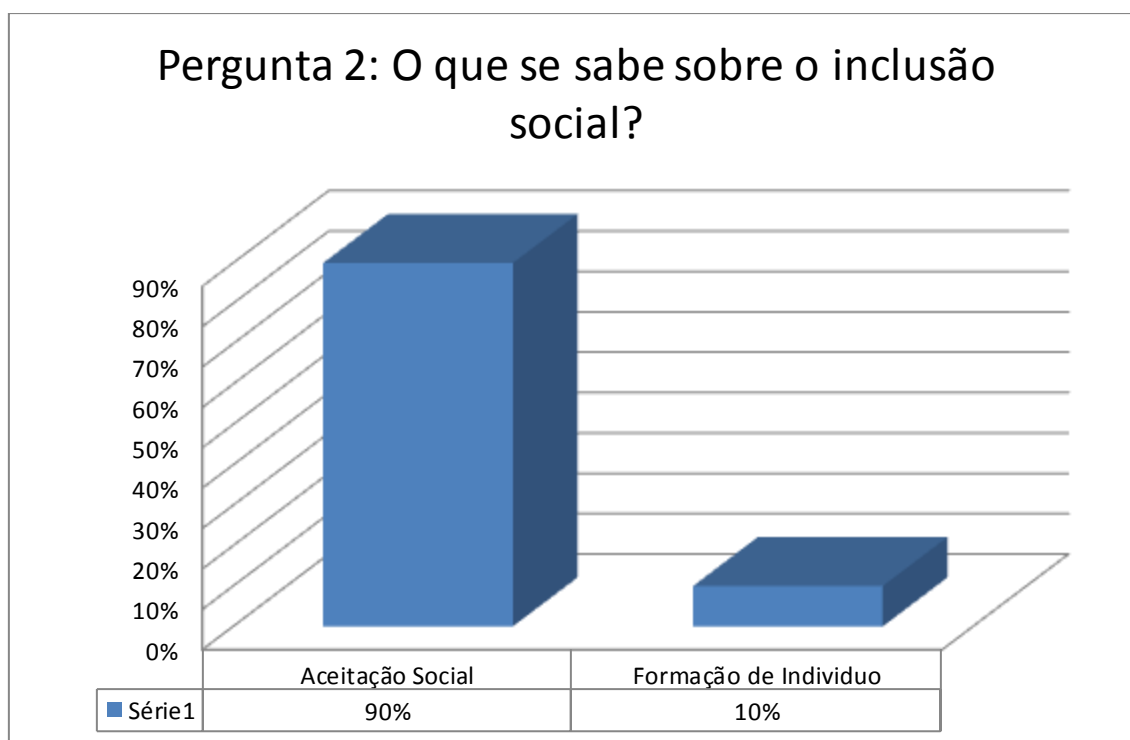
Abaixo seguem os gráficos com as descrições e interpretações dos entrevistados: Figura 4



Fonte:Elaboração própria

Conforme a representação acima sobre o que os entrevistados sabem sobre o envelhecimento obtivemos o resultado de que 60 % (sessenta) por cento dos idosos relatam que está relacionado a mudanças do organismo, em segundo lugar vem 20 % (vinte) por cento esta relacionado com a depressão e estão empatados em terceiro lugar onde 10 % (dez) por cento relacionado a maturidade e 10 % (dez) por cento relacionado com realizações.

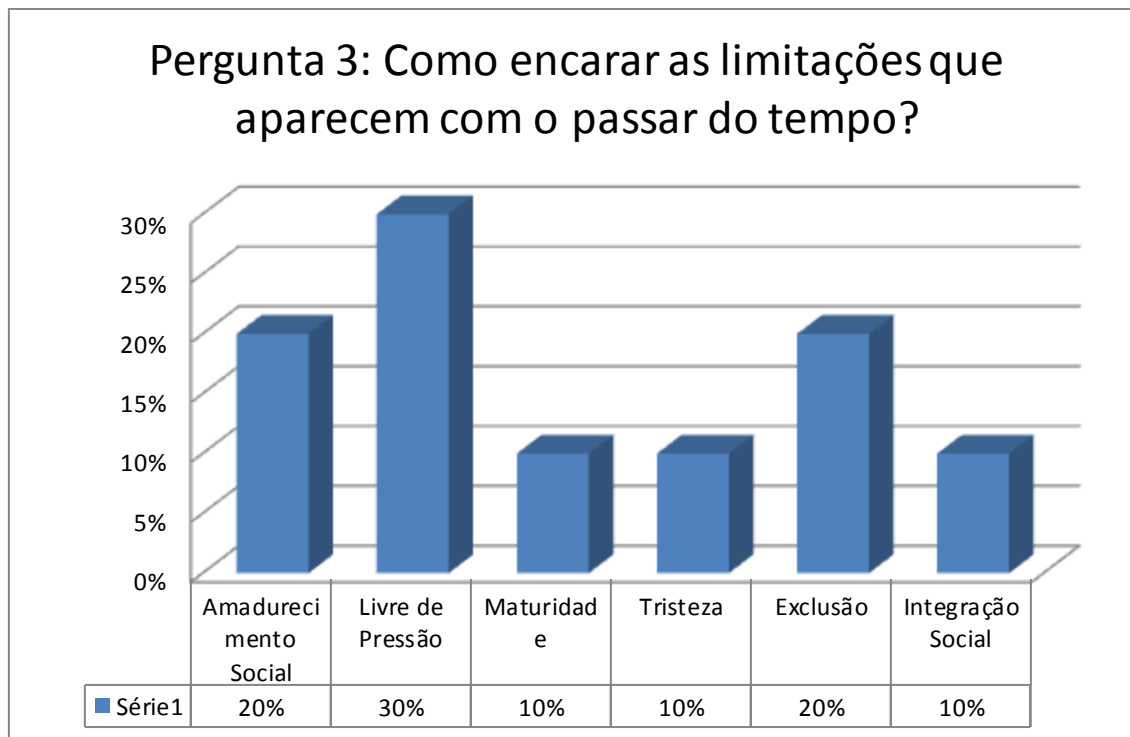
Figura 5



Fonte: Elaboração própria

Conforme a representação do gráfico 2 acima sobre o que os entrevistados sabem sobre a inclusão social, obtivemos o resultado de que 90 % (noventa) por cento dos idosos obtiveram uma aceitação social elevada e que em relação a formação do individuo resultado obtido foi de 10 % (dez) por cento

Figura 6:

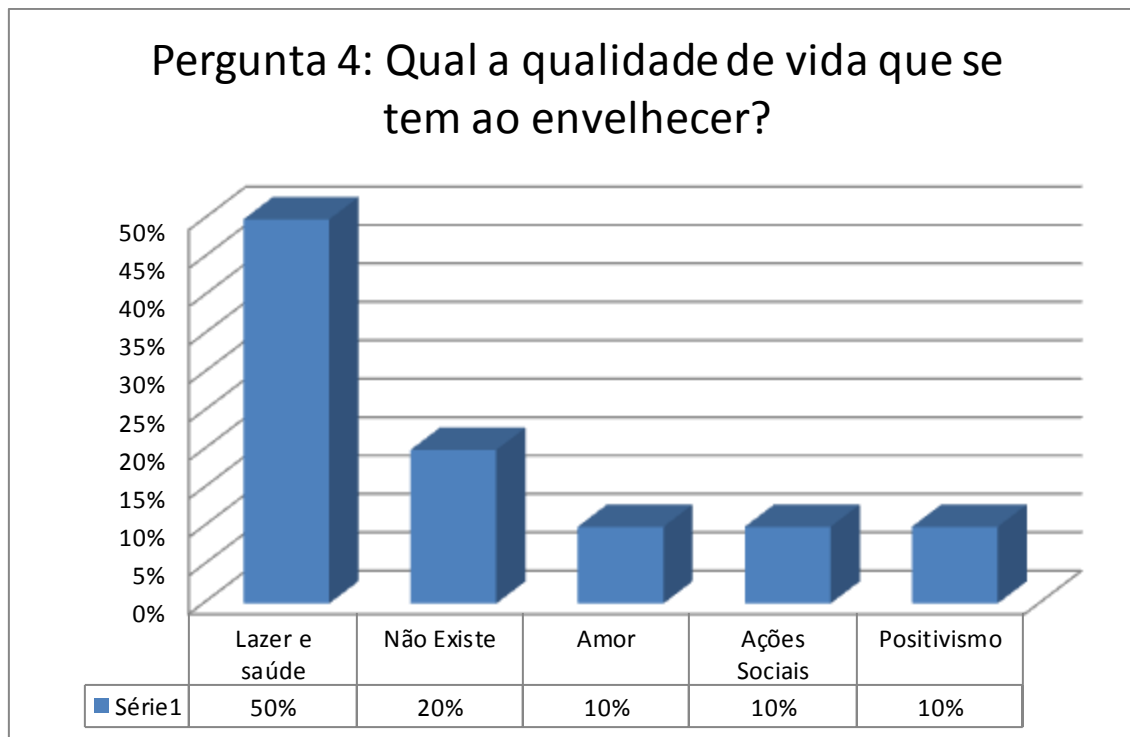


Fonte:

Elaboração própria

Conforme a representação acima sobre o que os entrevistados relataram sobre como encarar as limitações que aparecem com o passar do tempo e obtivemos os seguintes resultados de que 20 % (vinte) por cento dos idosos relatam sobre o amadurecimento social, 30%(trinta) por cento sobre a livre pressão, 10% (dez) por cento sobre maturidade, 10% (dez) por cento sobre tristeza , 20%(vinte) por cento sobre exclusão, 10% (dez) por cento sobre integração social.

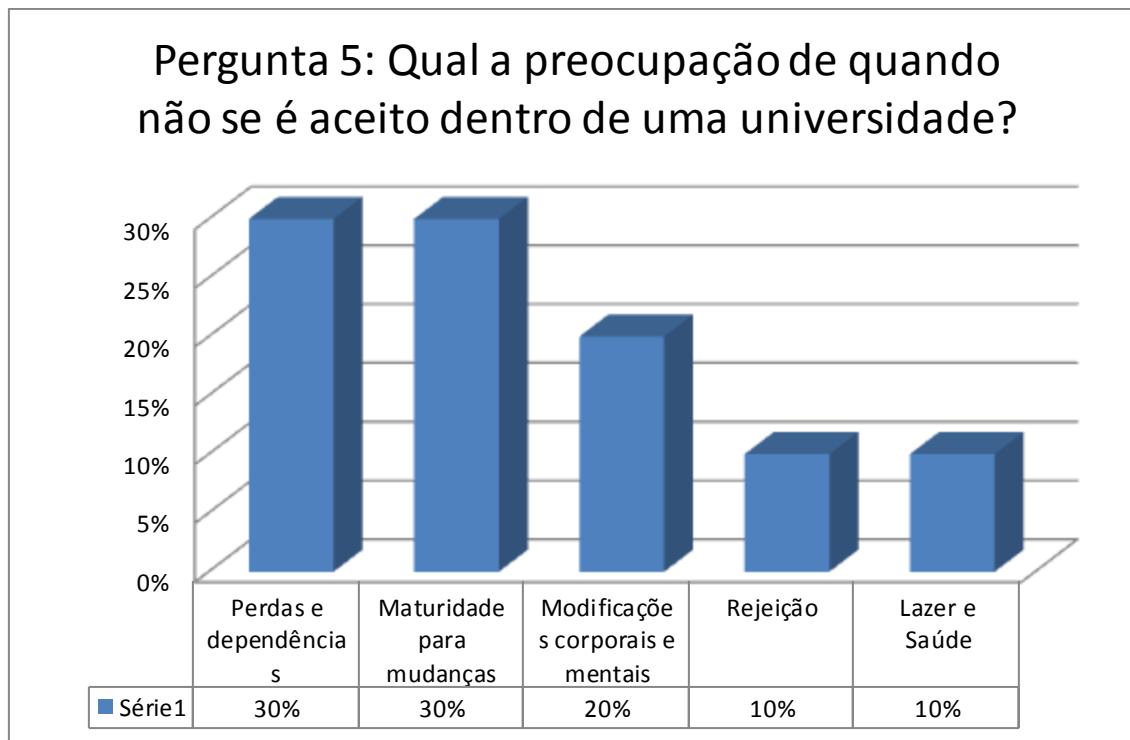
Figura 7:



Fonte: Elaboração própria

Conforme a representação do gráfico acima que mostra sobre o que os entrevistados sabem em relação a qualidade de vida que se tem ao envelhecer, relataram que o lazer e saúde se enquadram em 50% (cinquenta) por cento, 20% (vinte) por cento não existem, 10% (dez) por cento relataram sobre o amor, 10% (dez) por cento sobre ações sociais e 10% (dez) por cento relataram sobre o positivismo.

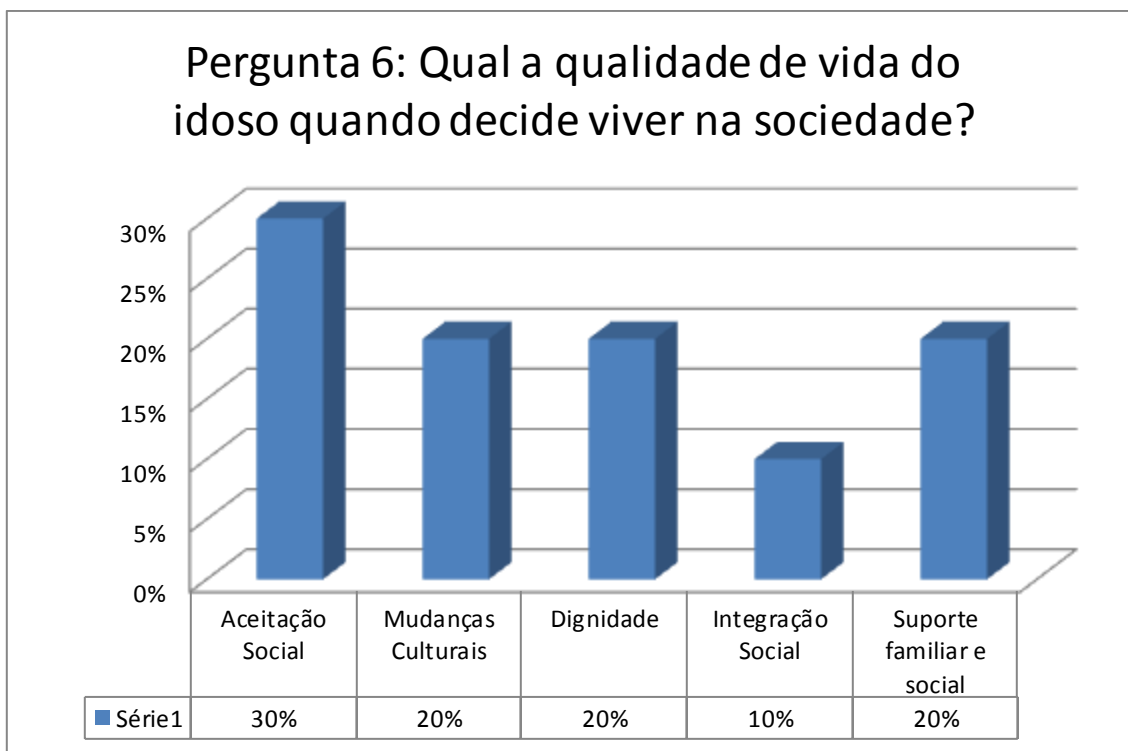
Figura 8:



Fonte: Elaboração própria

Conforme a representação do gráfico acima em que os entrevistados sabem sobre qual a preocupação de quando não se é aceito dentro de uma universidade, o resultado obtido foi de que 30 % (trinta) por cento dos idosos relatam sobre as perdas e dependências, 30 % (trinta) por cento está relacionado com a maturidade para mudanças, 20 % (vinte) por cento está relacionado com modificações corporais e mentais, 10 % (dez) por cento relacionados com rejeição e 10% (dez) por cento com lazer e saúde.

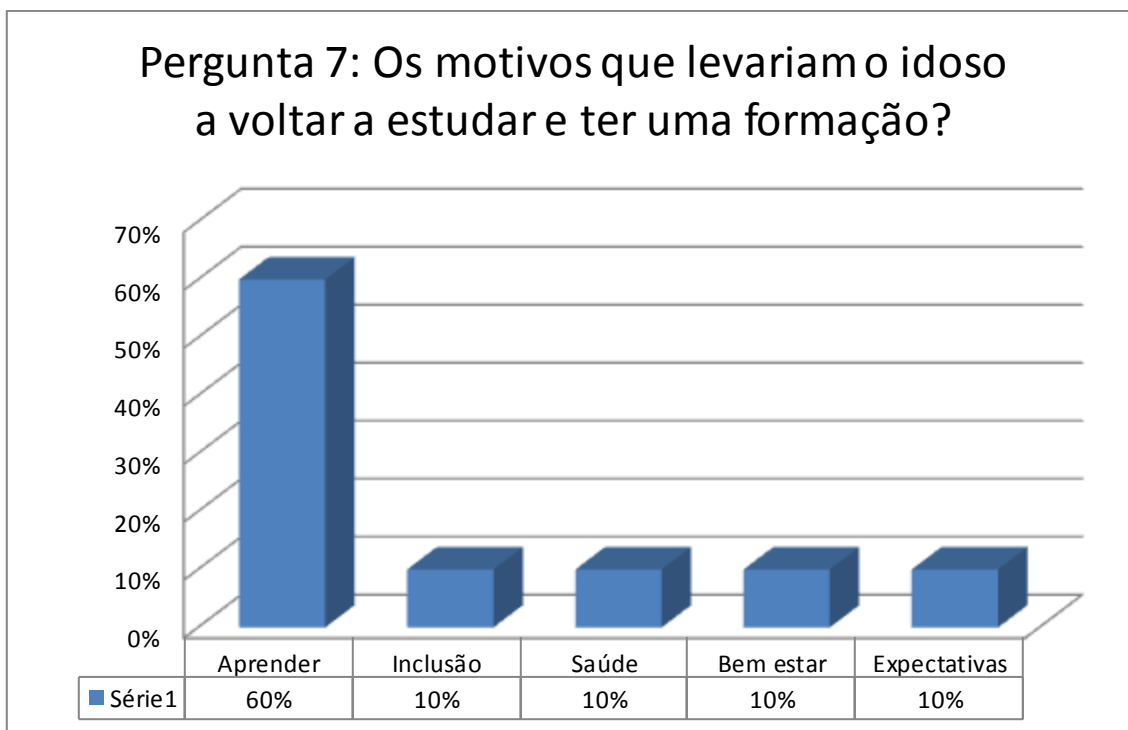
Figura 9



Fonte: Elaboração própria

Conforme a representação do gráfico acima em que os entrevistados sabem sobre qual a qualidade de vida do idoso quando decide viver na sociedade, 30 % (trinta) por cento dos idosos relatam que este relacionado à aceitação social, em segundo lugar vem 20 % (vinte) por cento, está relacionado com as mudanças culturais, 20% (vinte) por cento estão relacionados á dignidade, 10 % (dez) por cento relacionados à integração social e 20 % (vinte) por cento relacionados com suporte familiar e social.

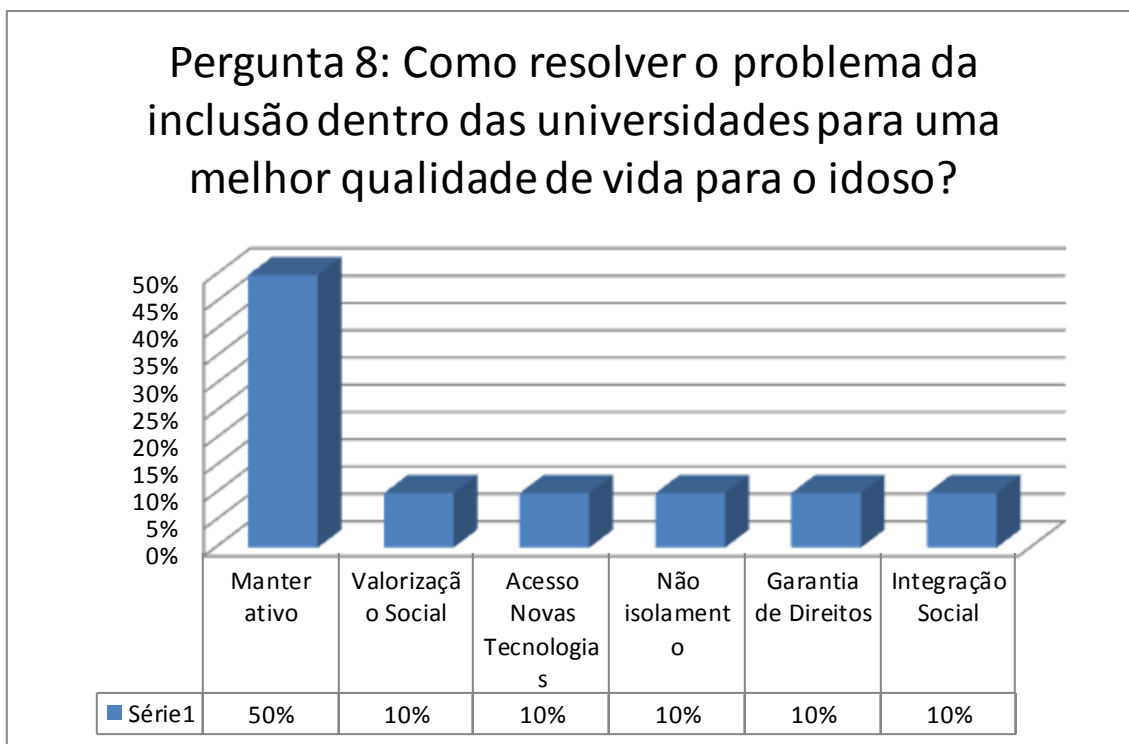
Figura 10



Fonte: Elaboração própria

Conforme a representação gráfica acima em que os entrevistados sabem sobre os motivos que levariam o idoso a voltar a estudar e ter uma formação, obteve-se o resultado de que 60 % (sessenta) por cento dos idosos que aprender seria um desses motivos, que 10 % (dez) por cento esta relacionado com a inclusão, que a saúde veio em terceiro lugar com 10% (dez) por cento, onde 10 % (dez) por cento seria também relacionado ao bem estar e 10 % (dez) por cento relacionado com expectativas.

Figura 11:



Fonte: Elaboração própria

Conforme a representação gráfica acima em o que os entrevistados sabem sobre como resolver o problema da inclusão dentro das universidades para uma melhor qualidade de vida para o idoso, obtivemos o resultado de que 50 % (cinquenta) por cento dos idosos relatam que manter-se ativo está relacionado a esta pesquisa, que 10% (dez) por cento está relacionados com a valorização social, 10% (dez) por cento estão em terceiro lugar com o acesso a novas tecnologias, onde 10 % (dez) por cento relacionado ao não isolamento e 10 % (dez) por cento á integração social.

Ressalta-se a ênfase na análise qualitativa, pois se busca não só os fatos em si, mas os seus significados para os sujeitos; “a preocupação se dirige para aquilo que os sujeitos da pesquisa vivenciam como um caso concreto do fenômeno investigado”.

5.2 Entrevistas

Conforme a representação anteriormente apresentada sobre o que os entrevistados sabem sobre o envelhecimento obteve o resultado onde a maior parcela entende que está relacionada a mudanças do organismo, e que os próximos pontos na ordem de sequência esta relacionada à depressão, a maturidade e as realizações feitas, já no tópico sobre a inclusão social, obtivemos o resultado expressivo de que obtiveram uma aceitação social elevada e que uma pequena parte se refere a formação do indivíduo. Seguindo com o questionamento sobre como encarar as limitações que aparecem com o passar do tempo o resultado foi dividido em seis pontos onde se destacou a ideia de estar livre de pressão em primeiro lugar e dividindo o segundo posto ficou o amadurecimento social e a exclusão, já no terceiro tópico citado ficaram maturidade, tristeza e integração social.

Também elencado nas representações gráficas estão às informações sobre o que os entrevistados sabem em relação a qualidade de vida que se tem ao envelhecer, e ficou dividido em cinco tópicos onde o primeiro lugar se destacaram o lazer e a saúde, o relato de que não existem em segundo lugar e empatados em terceiro lugar ficaram o positivismo as ações sociais e o amor. Já sobre qual a preocupação de quando não se é aceito dentro de uma universidade, o resultado obtido ficou dividido em cinco pontos em primeiro lugar divididos ficaram as perdas e dependências com a maturidade para mudanças, seguido das modificações corporais e mentais, e os últimos dois itens pontuados foram à rejeição e, lazer e saúde.

Seguindo nossos questionamentos o que os entrevistados sabem sobre qual a qualidade de vida do idoso quando decide viver na sociedade, ponderamos cinco itens em ordem de preferência nas respostas com a aceitação social, mudanças culturais, dignidade, integração social e suporte familiar e social. Também na pergunta relacionada sobre os motivos que levariam o idoso a voltar a estudar e ter uma formação obteve-se em primeiro lugar aprender, seguindo por uma divisão entre a inclusão, a saúde e suas expectativas.

Em nosso último questionamento os idosos entrevistados responderam sobre como resolver o problema da inclusão dentro das universidades, em específico na UNAMA, para uma melhor qualidade de vida, e obtivemos da maioria que manter-se ativo está relacionado a esta pesquisa, já em segundo ponto ficou dividido entre valorização social, acesso a novas tecnologias, ao não isolamento e á integração social.

Neste contexto faremos abaixo a descrição das perguntas e as respostas dos entrevistados analisando cada informação recebida e debatida pelos idosos. Transcreveremos todas as entrevistas por ordem de perguntas para que possamos gerar uma análise:

Iniciaremos com as perguntas que foram realizadas aos 10 idosos do sexo masculino e feminino que respectivamente seguidas das respostas da pesquisa, no qual serão explicadas segundo os dados obtidos nas gravações e anotações feitas em diário de campo e mostrados exemplos referenciais para melhor entendimento.

1) O que se sabe sobre o envelhecimento?

Entrevistado.1: A perda gradativa do nosso organismo

Entrevistado.2: Experiência de vida ou maturidade

Entrevistado 3: Das perdas e as mudanças do corpo

Entrevistado.4: Desligar os motores e se preparar para a morte.

Entrevistado 5: É a última fase da vida.

Entrevistado 6: Aparentar velhice ou antiguidade.

Entrevistado 7: Ação natural do tempo que faz com que todo ser vivo envelheça, alterando sua aparência física, bem como as funcionalidades do seu corpo que passam a ser mais precárias.

Entrevistado 8: Processo de diminuição orgânica e funcional, não decorrente de doença, e que acontece inevitavelmente com o passar do tempo.

Entrevistado 9: Processo de diminuição orgânica e funcional, não decorrente de doença, e que acontece inevitavelmente com o passar do tempo.

Entrevistado 10: Alterações morfológicas e funcionais do organismo à medida que o tempo passa.

Segundo os relatos obtidos entre os entrevistados acima que falam sobre as perdas do corpo, não é possível frear o envelhecimento e impedir as mudanças que ocorrem com a idade, mas é possível evitar males maiores. Não há como evitar as perdas decorrentes do processo de envelhecimento, mas é possível aumentar a eficiência da parte que sobrevive a cada ano.

Para além das perdas e limitações que podem advir com o envelhecimento, este sim é também visto como uma fase de maior maturidade e experiência de vida. É, no entanto com o envelhecimento patológico que aspectos negativos tendem a surgir, como a incapacidade, a dependência, imaturidade e tristeza.

As perdas e as mudanças do corpo, processo de diminuição orgânica e funcional, alterações morfológicas e outras se tornam mais difícil, ano após ano, por exemplo, de varar a noite estudando ou enfrentar uma maratona de trabalho. Na juventude, essas coisas são menos desgastantes. Mas por que isso acontece? Ele se pergunta Qual a razão biológica para envelhecer? A resposta é que não há razão. Envelhecemos porque, pela lógica da seleção natural, que é como “pensa” a natureza, o que acontece com o indivíduo depois que ele gerou descendentes não faz diferença para o futuro da espécie. Assim, a perda das reservas – aquele “algo mais” para atravessar momentos difíceis – após a idade reprodutiva não prejudica a espécie. Em alguns casos, pelo contrário, a beneficia. Em ambientes onde falta alimento, quem já passou da idade fértil representa uma competição extra. Aos poucos, portanto, a natureza privilegiou as espécies cujos integrantes deixavam o palco assim que seu papel acabasse.

Apesar de o processo de envelhecimento comportar sempre determinadas perdas, durante o envelhecimento denominado normal, tais perdas vão sendo integradas no funcionamento individual, não provocando uma perda na qualidade de vida do idoso, ao contrário das consequências de um envelhecimento patológico que

podem ser bastante prejudiciais ao bem-estar do indivíduo, conferindo ao envelhecimento um carácter pouco gratificante (Santos, 2006, p. 28).

Falando um pouco sobre as causas que podem levar o idoso à institucionalização, encontram-se a idade avançada do idoso, o morar sozinho, a existência de doenças, limitações ao nível das atividades da vida diária, ausência de suporte social ou pobreza. Também a viuvez, a existência de deficiências físicas ou mentais e dificuldades económicas são apontadas como possíveis causas da institucionalização. Assim, as causas podem ser variada ordem, sendo que dificilmente se encontram de forma isolada (Almeida, 2008,p. 37).

Segundo Custódio (2008, p.65), o idoso institucionalizado tende a sentir-se triste, só e abandonado, com dificuldades de adaptação a este processo de institucionalização, e mesmo aqueles que parecem integrados, quase sempre manifestam a preferência de permanecer na sua casa. O próprio ambiente institucional desempenha um papel importante.

Ainda seguindo as estatísticas colhidas nas entrevistas a experiência de vida ou maturidade, simplifica que ainda é comum que a maioria das pessoas mais velhas resista a ser chamada de velha, pois, existe um processo marcado por alterações de nível biológico, psicológico e social, que podem refletir ao nível do comportamento do idoso, no tipo de atividades que mantém, bem como nas interações sociais. O envelhecimento é ainda um processo que ocorre ao longo do tempo, de forma progressiva, e que varia de indivíduo para indivíduo, pois se sabe que as pessoas não envelhecem todas da mesma forma.

Segundo Ferreira (2000, p.95), a palavra “velho” significa muito idoso, antigo, gasto pelo tempo, experimentado, veterano, que há muito tempo exerce uma profissão ou tem certa qualidade, desusado, obsoleto. Nesta breve definição, percebem-se os vários sentidos negativos da palavra velhos como algo já ultrapassado, descartado e fora de moda.

Quando alguns dos entrevistados definem que a última fase da vida ou desligar os motores e se preparar para a morte como estando marcados pela diminuição das capacidades biológicas e funcionais, e que não são consequência de doenças ou acidentes, ocorrendo inevitavelmente com o passar do tempo e de forma progressiva, limitando a adaptação do sujeito ao meio ambiente em que se encontra. As capacidades e resistências físicas vão diminuindo gradualmente, com um aumento da fragilidade e vulnerabilidade, aumentando a probabilidade de morte

O conceito de velhice no geral é negativo, tanto pela ótica individual quanto social, significa de modo geral, declínio, solidão, doença e fardo pesado para a sociedade. Solução para o envelhecimento não há, é irreversível, mas seu processo pode ser retardado, controlado, parte de seus males pode ser corrigida, existem tratamentos de última geração, mas ainda longe de ser acessível à maioria das pessoas. E para a grande maioria dos males da velhice podem e devem ser prevenidos por um adequado estilo de vida, que inclui cuidados, atividade, otimismo e disposição pessoal. (Neri, 2003, p. 67)

2) O que se sabe sobre a inclusão social?

Entrevistado 1: Meios e ações que combatem a exclusão aos benefícios da vida em sociedade.

Entrevistado. 2: É oferecer oportunidades iguais de acesso a bens e serviços a todos.

Entrevistado. 3: Pode ser chamada também de integração, reunião ou união e inserção ao meio social.

Entrevistado 4: Ato é fazer com que o indivíduo inserido adapte-se aos costumes e adquira postura e comportamento semelhantes aos demais do convívio.

Entrevistado .5: Participação de pessoas em atividades nas quais muitos acham que elas não têm condições de participar.

Entrevistado .6: O processo de incluir pessoas e ou famílias em atividades, processos que para a grande maioria é tida como normal e natural e para as pessoas excluídas requer grande esforço e condições para participar dessas atividades.

Entrevistado 7: Inserir essas pessoas ao meio, á coletividade, não formar grupos somente de pessoas com síndrome de daw, de negros e de brancos, etc.

Entrevistado 8: Conjunto de ações que garante a participação igualitária de todos na sociedade, independente da classe social, da condição física, da educação, do gênero, da orientação sexual, da etnia, entre outros aspectos.

Entrevistado 9: Conjunto de ações que garante a participação igualitária de todos na sociedade, independente da classe social, da condição física, da educação, do gênero, da orientação sexual, da etnia, entre outros aspectos.

Entrevistado 10: Ações inclusivas tomadas no âmbito de uma instituição de ensino, espaço este que deve ser parte primordial para a formação do ser humano como um cidadão.

A inclusão está ligada a todas as pessoas e segundo alguns dos nossos entrevistados acham que os idosos não têm as mesmas oportunidades dentro da sociedade, um dos entrevistados diz que o ato é fazer com que o individuo inserido adapte-se aos costumes e adquira postura e comportamento semelhantes aos demais do convívio. Mas os excluídos socialmente são também os que não possuem condições financeiras dentro dos padrões impostos pela sociedade, além dos idosos, os negros e os portadores de deficiências físicas, como cadeirantes, deficientes visuais, auditivos e mentais.

Para os nossos entrevistados a maneira eficiente de fazer a inclusão social seria através da execução de políticas públicas. As políticas são projetos, medidas e leis que são discutidas pela sociedade para que sejam decididas quais as prioridades de investimento do governo, como citou o entrevistado 1, para que os meios e ações que combatem a exclusão aos benefícios da vida em sociedade funcionem , é preciso que sejam conhecidas as principais diferenças e dificuldades das minorias que são dos idosos como deficientes. Assim é possível discutir e decidir quais medidas devem ser prioridades.

As necessidades desses entrevistados idosos dentro das pesquisas podem ser chamadas também de integração, reunião ou união e inserção ao meio social.

Que a inclusão existe quando uma sociedade tem entre seus cidadãos pessoas que não usufruem de direitos que seriam devidos a todos.

A inclusão social na educação é fundamental para a diminuição da desigualdade e da exclusão social. É relacionada com o acesso à educação, que também deve ser garantida a todos e a deficiência em sua maioria são associadas a condições preexistentes, tais como: síndromes, sequelas, causas pré, peri, pós-natais, transtornos específicos e apresentam como consequência, uma limitação, funcional, motora, sensorial ou intelectual, tendo seu desempenho diretamente relacionado aos fatores adversos ou facilitadores do seu contexto de vida.

Rabelo (1999, p. 20). Destaca:

O grande desafio é a elaboração de uma política educacional voltada para o estabelecimento de uma escola realmente inclusiva, acessível a todos, independente das diferenças que apresentam, dando-lhes as mesmas possibilidades de realização humana e social.

3) Como encarar as limitações que aparecem com o passar do tempo?

Entrevistado1: Um processo de amadurecimento da vida adulta, onde notamos claramente as mudanças físicas.

Entrevistado2: Comum os idosos reagirem com alívio e leveza, com este fechamento de obrigações sociais da vida e se perceberem mais "livres" das pressões.

Entrevistado3: A religião, as tradições ou filosofias de vida tem forte impacto e podem até mesmo ser determinantes nesta análise sobre si mesmo e sua história.

Entrevistado 4: Uma ideia de boa morte, normalmente está ligada a ideia de uma boa vida.

Entrevistado 5: Com o fim destas pressões sociais.

Entrevistado 6: Visto como uma fase de maior maturidade e experiência de vida.

Entrevistado 7: Como a incapacidade, a dependência, imaturidade e tristeza

Entrevistado 8: Decadência física e pela ausência de papéis sociais, onde não é dado o devido valor ao idoso.

Entrevistado 9: Decadência física e pela ausência de papéis sociais, onde não é dado o devido valor ao idoso.

Entrevistado 10: Adaptação a uma nova situação, novas rotinas, novos contatos e interações com pessoas que não conhece.

Desenvolvendo uma resposta em conjunto dos entrevistados acima sobre a pergunta das “limitações que aparecem com o passar do tempo”, no qual uns dizem que aparecem com o amadurecimento da vida adulta uns relatam que a religião, as tradições ou filosofias de vida tem forte impacto e podem até mesmo ser determinantes nesta análise sobre si mesmo e sua história, outros dizem que uma ideia de boa morte, normalmente está ligada a ideia de uma boa vida., com isso os fatos de os seres humanos como um todo sempre se preocupou com o envelhecimento, encarando-o de formas diferentes.. Alguns disseram que houve a diminuição geral das capacidades da vida diária, outros consideram como um período de crescente vulnerabilidade e de cada vez maior dependência no seio familiar. Outros, ainda, veneram a velhice como o ponto mais alto da sabedoria, bom senso e serenidade. Cada uma destas atitudes corresponde a uma verdade parcial, mas nenhuma representa a verdade total.

Dando continuação aos dados dessa pesquisa direcionados as limitações dos idosos, inclui-se a perda da massa muscular associada à idade, contribui para outras alterações, destacando-se a diminuição da densidade óssea, a menor sensibilidade à insulina menor capacidade aeróbia, menor taxa de metabolismo basal, menor força muscular, menores níveis de atividades físicas diárias.

Para Paschoal (1999, p.77), não se pode definir o envelhecimento no idoso apenas pelo critério cronológico, pois se deve considerar as condições funcionais, físicas, mentais e de saúde que estes apresentam, porquanto o processo de envelhecimento é individual, verificando que se pode observar diferentes condições biológicas em indivíduos situados na mesma faixa cronológica de idade., ao

destacar a idade cronológica como sendo perceptível e variando de indivíduo para indivíduo. Paschoal(1999, p.77) assegura que, quando a análise passa da esfera cronológica para a fisiológica, há uma variação nas interpretações da idade, sendo quase impossível aferi-la.

Os entrevistados apontam as limitações corporais e a consciência da temporalidade como problemáticas fundamentais no processo de envelhecimento, aparecendo de forma reiterada no discurso dos mesmos idosos, embora possam adquirir diferentes nuances e intensidades dependendo da sua situação social e da sua própria estrutura psíquica. Corpo e tempo se entrecruzam no devir do envelhecimento, e das formas desse entrecruzamento nascerão as múltiplas velhices. Mas não podemos deixar de considerar que esta articulação ocorre em um determinado contexto social e político que a influencia e determina nosso particular modo de abordagem

Descrevendo todas as respostas em um pensamento comunitário, já que são personagens dentro de um único contexto na nossa cultura;. Mas fundamentalmente, através de todos eles falamos do velho que temos dentro de cada um de nós, do velho de nossa família, daquele que entrou muito cedo na nossa história e que direciona nosso olhar para todos os outros. Falando de todas as velhices (dos outros) sempre falamos de uma velhice (a nossa) e dos muitos velhos que poderemos chegar a ser. Da velhice que desejamos e da que tememos. Mas se cada sujeito tem sua velhice singular, as velhices são incontáveis.

4) Qual a qualidade de vida que se tem ao envelhecer?

Entrevistado 1: Qualidade de vida na atualidade surge do fato de que a sociedade na qual vivemos não assegura os direitos da maioria dos idosos, apesar da existência de leis destinadas a esse fim como o Estatuto do Idoso e a Política Nacional do Idoso.

Entrevistado 2: Ações e projetos inovadores, a fim de aprimorar o atendimento dispensado a essas pessoas.

Entrevistado 3: Fatores como condições de vida, acesso aos bens e serviços, cobertura da rede de proteção e as condições de atendimento social.

Entrevistado 4: Bem-estar físico e psicológico, nível de independência, relações sociais, ambiente de trabalho e lazer, religiosidade, entre outros.

Entrevistados 5: Significa estar satisfeito com a vida atual e ter expectativas positivas em relação ao futuro.

Entrevistado. 6: A qualidade de vida pode ser mantida com criatividade e lazer, sem dispensar os cuidados com a saúde.

Entrevistado 7: Quem entra na terceira idade possui necessidades fundamentalmente iguais a de outros grupos etários, tais como: segurança física, financeira e emocional.

Entrevistado 8: A necessidade de amor e afeto deve ser considerada como indicador de qualidade de vida.

Entrevistado 9: A necessidade de amor e afeto deve ser considerada como indicador de qualidade de vida.

Entrevistado 10: Alto nível de qualidade de vida parece ser um convívio social positivo, próximo e estável. O lazer associado a atividades físicas e mentais estão diretamente relacionadas ao favorecimento da qualidade de vida.

É possível envelhecer com qualidade de vida? Sim, é possível! Responderam os entrevistados E não precisamos nos esforçar muito para que isso aconteça. A qualidade de vida é um termo multidimensional, que é quantificado de forma subjetiva, cada um qualifica de acordo com aquilo que acha mais relevante para o seu bem-estar.

Segundo autores, a felicidade é a sensação de gosto pela vida, de prazer de viver, que tem a ver com o estado de satisfação da pessoa, com condições subjetivas e de paz interior, assim QV como felicidade é algo que depende das expectativas e do plano de vida de cada um, de forma individual e subjetiva, significando QV diferente para cada um que a percebe.

Um exemplo maior desta subjetividade e de desvinculação de que QV pode ter com o funcionamento do corpo e questões objetivas, nos é dado pelo físico inglês Stephen Raking, autor do livro Uma Breve História do Tempo. Como sabem, ele é um homem preso a uma cadeira de rodas. Expressa-se somente com o auxílio do computador, mas ainda assim, consegue produzir, criar e concretizar suas aspirações. (Silva, 1997, pg. 27).

Para que se obtenha qualidade de vida na terceira idade, é importante considerarmos diversos fatores: de bem-estar físico e psicológico, nível de independência, relações sociais, ambiente de trabalho e lazer, religiosidade, entre outros. De modo geral envelhecer com qualidade significa estar satisfeito com a vida atual e ter expectativas positivas em relação ao futuro.

Em vista disso, a boa qualidade de vida entre os entrevistados é possível também na vida madura, mas é válido lembrar que quem mantém um padrão de boa qualidade de vida durante o ciclo de vida tem uma probabilidade maior de perceber uma qualidade de vida melhor na terceira idade segundo um dos entrevistados abaixo que relatou o seguinte:

“Todos nós podemos envelhecer com qualidade, a receita é simples: cultive seus amigos e familiares, faça atividade física regularmente, cuide da sua saúde, estimule sua memória e preze sempre por sua felicidade!”

Não é desejável, por exemplo, que se infantilize o idoso, isso não é o que o idoso precisa, ele precisa de respeito, carinho e suporte sócio-familiar. A pesquisa indica que há a questão da supervalorização do idoso, como sinônimo de sabedoria citada acima, ou ainda a afirmação de que se tem a idade que se quer, nem sempre traz benefícios aos idosos, visto que alguns podem sentir-se diminuídos, menosprezados por acharem que são exceção à regra disseminada, geralmente pela mídia, haja vista não se sentirem capazes de agir ou perceber essa sabedoria adquirida com a idade ou a capacidade de viver bem na idade em que se encontra, pela situação econômica, psicológica ou situacional entre outros fatores.

Qualidade de Vida significa muitas coisas, diz respeito a como as pessoas vivem, sentem e compreendem seu cotidiano. Envolve saúde, educação, transporte, moradia, trabalho, atividade física e participação nas decisões que lhe dizem respeito e determinam como vive uma população. Compreende situações variadas, como escolaridade, atendimento digno, conforto, alimentação adequada e até posses materiais, bem como, a própria cidadanização, que inclui além de tudo, o acompanhamento da administração de bens estatais, privados e públicos, como escolas, produtos de consumo pessoal, pavimentação e conservação de ruas e locais coletivos para o lazer, ou seja o exercício democrático da cobrança da transparência das medidas e procedimentos dos governantes e dirigentes. (Gonçalves 2004, p. 137).

Mesmo com a presença da doença, ainda assim com atividades multiprofissionais entre eles a psicologia educacional e comunitária, enfermagem, terapia ocupacional, fonoaudiologia, fisioterapia, dentre outras, estas áreas podem oferecer ajuda e cuidado aos idosos, inclusive nos casos de dependência física e cognitiva, para que possam viver com mais dignidade e com certa qualidade de vida. (Neri, 2004, p.45).

5) Qual a preocupação de quando não se é aceito dentro de uma universidade?

Entrevistado 1: O avanço da idade dar-se-ia como um processo contínuo de perdas e de dependência.

Entrevistado 2: Preconceito contra os idosos.

Entrevistado 3: Pessoas idosas tendem a ter um status muito mais baixo, pois, atualmente, é o jovem que frequentemente tem maiores habilidades e um conhecimento mais amplo em determinadas áreas da vida.

Entrevistado .4: Modificações corporais e mentais que ocorrem ao longo do processo de desenvolvimento.

Entrevistado 5: O início de uma vida social prazerosa, composta por atividades e lazer.

Entrevistado 6: As habilidades adaptativas dos indivíduos para se adequarem às exigências do meio.

Entrevistado 7: Capacidade de se adaptar a novas situações.

Entrevistado 8: Rejeição por conta da decadência de memória e da fragilidade.

Entrevistado 9: Rejeição por conta da decadência de memória e da fragilidade.

Entrevista 10: Promover a autoestima e o resgate da cidadania, incentivar a autonomia, independência, auto expressão e reinserção social, em busca de uma velhice bem-sucedida.

Entende-se a educação como uma maneira pela qual o idoso pode vencer os desafios impostos pela idade, uma vez que possibilita não só a aquisição de conhecimentos e habilidades, mas também a ampliação dos laços sociais. Os programas sociais voltados aos idosos, apesar de terem denominações e currículos diversos, possuem propósitos comuns, como o de rever os estereótipos e preconceitos com relação à velhice, promover a autoestima e o resgate da cidadania, incentivar a autonomia, independência, auto expressão e reinserção social, em busca de uma velhice bem-sucedida. Tais programas estão presentes em grande parte das universidades públicas e particulares e se mostram fundamentais no redimensionamento do processo de envelhecer. Cabe destacar que, com o crescimento destes programas, as Universidades da Terceira Idade também constituíram espaços privilegiados de estudo e pesquisa sobre o envelhecimento e sobre as atividades laborais e educacionais nessa fase (Neri, 2004, p.69).

A sensação de abandono dos idosos nas instituições é apenas uma continuidade de sensação de abandono no ambiente familiar. De modo geral, o idoso já estava abandonado na sua própria casa. Com a família perdendo a característica histórica de ambiente cuidador, se torna natural o crescimento da busca do idoso por uma Instituição de Longa Permanência de Idoso para cumprir essa função.

Embora exista o Estatuto do Idoso para garantir seus direitos como cidadãos, a terceira idade ainda é discriminada e vista como uma parcela inútil da população. Em geral, as limitações físicas e psicológicas desses indivíduos dificultam sua atuação ativa na sociedade e eles acabam por depender da família e do Estado para suprir suas necessidades cotidianas. Dessa forma, muitas vezes, o idoso é tido como um peso, tanto para a família que não o acolhe com a devida atenção, como para o Estado que passa a sustentar essa camada que pouco produz e muito consome.

Contudo, a inclusão do idoso na sociedade torna-se uma tarefa mais difícil, visto que o modelo de vida adquirido por ele ao longo de sua trajetória não condiz com os avanços do mundo contemporâneo, principalmente, no campo tecnológico. Diante disso, a terceira idade se vê excluída da sociedade e tende a ter mais dificuldade para relacionar-se com indivíduos de outras faixas etárias. Além disso, a falta de consciência da juventude e suas atitudes desrespeitosas criam uma barreira ainda maior no relacionamento entre os diferentes, pois, principalmente, nos transportes públicos é comum presenciar idosos viajando em pé, enquanto jovens permanecem sentados ouvindo música. A escola, por sua vez, deve promover reflexões sobre esse estágio da vida, por qual todos vão passar, e disseminar valores como a compreensão, a paciência e o respeito, a fim de tornar possível a boa convivência entre todas as faixas etárias no meio social.

Uma pessoa que não produz renda, que remete à finitude do ser humano e pode representar tudo aquilo considerado ultrapassado, não deveria desfrutar dos mesmos “privilégios” que os jovens e adultos possuem, portanto o velho deveria ser substituído por um jovem ou até mesmo ser descartado, pois o velho significava tudo aquilo que os mais jovens não queriam se tornar. Uma sociedade idealizada para receber o novo, agora tratava de excluir o velho.

São novos valores que configuram uma nova visão de mundo, de sociedade, de um novo período histórico que se constrói globalmente. O processo de globalização, impulsionado pela revolução tecnológica (com suporte nas tecnologias microeletrônicas e da era cibernética), é

marcado pela instantaneidade e descartabilidade favorecendo o culto da juventude, da beleza, da virilidade e da força física em detrimento da idade madura e da velhice que são associadas à improdutividade e decadência. Há até quem fale em “ideologia da juventude”. (Rodrigues; Soares, 2006 p. 5)

Esses trabalhos poderiam constar da rotina escolar como sendo atividades extracurriculares, inclusive para estudantes universitários. Para uma valorização do ser idoso não é necessário que algum dos lados precise ser excluído, cada qual pode e deve ter o seu espaço sem que isto gere exclusão. Claro que na última década houve alguns avanços em políticas públicas para os idosos, mas ainda há muito que se fazer para uma real inclusão do idoso na sociedade.

Devemos estimular, como espectadores críticos e ativos, os meios de comunicação de massa a promoverem imagens que destaque a sabedoria, os pontos fortes, as contribuições, o valor e criatividade de mulheres e de homens idosos, inclusive daqueles idosos com incapacidades. (Santana, 2003, p. 5)

Esta imposição de costumes da sociedade de não aceitar o idoso nas universidades, nem sempre é detectada facilmente, na modernidade as relações de poder são fluidas ao ponto de não serem percebidas. É o poder disciplinar cujas garras são invisíveis, mas sentidas por nós todos os dias. Nesse sentido, o poder não será expresso por um organismo ou governo, não possuirá sede física, será descentralizado, mas estará marcando presença em todos os lugares.

O poder disciplinar se caracteriza pela descentralização, invisibilidade e onipresença e implica num controle total do tempo, do corpo e da vida das pessoas. Não tem necessidade de cerimônias e marcas que restaurem a descontinuidade. Ele é contínuo e refere-se ao futuro, onde tudo irá por si mesmo. A disciplina enquanto hábito, exercício, cria saberes/verdades que não apenas a justifiquem, mas apontem se o indivíduo se conduz ou não conforme as regras instituídas. (Neves, 1997, p. 85).

6) Qual a qualidade de vida do idoso quando decide viver na sociedade?

Entrevistado 1 : Reflete mudanças culturais e avanços obtidos em relação à saúde e às condições de vida.

Entrevistado 2: Mudanças comportamentais e emocionais.

Entrevistado 3: Cuidar ou ser cuidado.

Entrevistado 4: O suporte aos idosos e às idosas seja da responsabilidade da família, do Estado e da sociedade.

Entrevistado 5: Defender sua dignidade, zelar pelo seu bem-estar e garantir o direito à vida.

Entrevistado 6 Apoio que cabe a uma rede de serviços oferecer ao/à idoso/a dependente e aos seus familiares.

Entrevistado 7: Receber em casa visitas periódicas de médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas e demais profissionais afins.

Entrevistado 8: Procurar obter uma vida saudável estando no convívio social.

Entrevistado 9: Procurar obter uma vida saudável estando no convívio social.

Entrevistado 10: De se sentir necessário e sempre ativo dentro das suas possibilidades.

Há, atualmente, a necessidade de proteger e cuidar da população idosa, aquela que já fez tanto para nós, seja criando uma base sólida nos valores da sua família, seja nas conquistas feitas através do seu trabalho realizado durante todos os últimos anos. Por isso, nessa data, ao redor de todo o globo, são realizadas diversas atividades para a população idosa, como palestras, sessões de atividades físicas, aulas de artes manuais e muitas outras.

É importante salientar que a OMS (2005) associa o termo “ativo” não somente à capacidade de estar fisicamente ativo. Assim, o envelhecimento ativo tem como objetivo “aumentar a expectativa de uma vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas” que se encontram neste processo (OMS, 2005, p. 13).

Por isso, a OMS (2005) advoga que os projetos de envelhecimento ativo, os programas e as políticas que promovam a saúde mental e relações sociais são tão importantes como as atividades que melhoram as condições físicas de saúde. O envelhecimento ativo também preconiza que as pessoas idosas participem na sociedade de acordo com as suas necessidades, desejos e capacidades. Para, além disto, também propicia proteção, segurança e cuidados adequados quando necessários (OMS, 2005, p, 18).

De acordo com Neri (2008, p. 82), “a principal característica do envelhecimento saudável é a capacidade de aceitação das mudanças fisiológicas decorrentes da idade”. Assim, o envelhecimento deve ser compreendido na sua totalidade e nas suas diversas dimensões, pois essas transformações afetam direta ou indiretamente as inter-relações do sujeito com o seu contexto social, comprometendo a qualidade de vida, ou seja, seu bem-estar biopsicossocial, interferindo no envelhecimento saudável.

Segundo alguns dos entrevistados, esclarecem que a colaboração para com o idoso nessa fase da vida é essencial, pois a primeira pessoa que deve entender que suas capacidades cognitivas não são mais as mesmas é ela mesma. Assim, com a aceitação, a postura será modificada e também o diferencial para ter uma qualidade de vida melhor dali pra frente. Envelhecer não quer dizer que a pessoa deve se excluir da sociedade; muito pelo contrário, envelhecer significa que é tempo de se atualizar e de aprender coisas novas que irão estimular a concentração e o equilíbrio, logo melhorar a qualidade de vida.

O trabalho foi feito, o amor foi dado, a dor foi sofrida - e tudo continua ali, no rosto, nas mãos, nas atitudes, permanecendo viva a voz do ancião. Essa foi uma realização que construiu a si própria, graças a uma aceitação, constantemente renovada, daquilo que não pode ser mudado; graças à bondade, que sabe que o outro também existe e procura tornar-lhe fáceis as coisas, ao entendimento de que mais vale o perdão do que a obstinação; e mais a paciência que a violência, e de que o mais profundo da vida se encontra no silêncio, não na palavra (Guardini, 2012, p. 86)

Para que a visão sobre o idoso e a velhice possa ser diferenciada, é preciso que uma educação seja feita a eles como uma oportunidade de ação. Como já dito, para que várias coisas possam ser melhoradas, os próprios idosos precisam correr atrás dessas melhorias. Esse processo de mudança é dado através de um longo caminho, mas, para que isso seja concretizado, o primeiro passo precisa ser dado, que no caso, é o da educação. Essa educação para o idoso serve para duas coisas:

- Para a sociedade conhecer e aprender a respeitar o idoso;
- Para o idoso ter novas condições de se abrir ao mundo que o cerca, conhecendo os seus direitos e vivenciando novas experiências.

Não é de hoje que somos vistos como pessoas que tem muito a ensinar aos mais novos, dizia um entrevistado, mas, com essa educação que está se tornando cada vez mais comum, temos muito a aprender. A educação não é mais voltada a um meio de assistencialismo, segundo o idoso, mas sim, para fazer com que essas pessoas entendam que, além de precisarem de atividades recreativas que ocupem o seu tempo, elas também precisam de espaço para crescer cada vez mais.

7) Os motivos que levariam o idoso a voltar a estudar e ter uma formação?

Entrevistado 1: O bem-estar socioemocional, em que o indivíduo se permite criar novas associações.

Entrevistado 2: Maior expectativa e qualidade de vida.

Entrevistado 3: Continuar aprendendo.

Entrevistado 4: Reduzir a ansiedade e aprimorar a atenção.

Entrevistado 5: A educação para o idoso favorece os aspectos biológicos, psíquicos e sociais.

Entrevistado 6: Melhor desenvolvimento profissional para os que ainda trabalham.

Entrevistado 7: Desenvolvimento intelectual.

Entrevistado 8: Aquisição de conhecimentos, a participação em atividades de lazer e culturais e também ser um meio de inclusão social.

Entrevistado 9: Aquisição de conhecimentos, a participação em atividades de lazer e culturais e também ser um meio de inclusão social.

Entrevistado 10: Manter a mente ativa para garantir a qualidade de vida

Os idosos possuem grande capacidade de aprender a partir do momento que são incentivados, independente de sua idade. Estudiosos afirmam que para que eles possuam uma aprendizagem efetiva, é necessário que uma motivação adequada seja feita, além de ceder o tempo necessário a eles para que a assimilação seja feita. A educação é capaz de transformar a relação do idoso, não apenas com a sua família, mas também com os amigos e com a sociedade, além de transformá-lo semelhante àqueles que constituem o seu universo.

Após essa transformação, isto é, após o idoso ser considerado como um sujeito capaz de desenvolver e praticar determinadas atividades, a visão sobre a velhice é alterada e, nela, o idoso passa a ser um novo agente social em seu grupo de convívio. E é justamente esse novo agente social que está aprendendo a lutar pelos seus direitos e descobrindo a força da união, já que é a partir do convívio social e da troca de ideias e informações que novas motivações são criadas.

Atualmente, uma série de grupos que se voltam à convivência de pessoas de terceira idade está sendo criada, e esses grupos podem ser formados espontaneamente por moradores do bairro, sindicatos ou por iniciativa do governo. Esses grupos tem como objetivo a satisfação do idoso através de atividades como dança, teatro, viagens ou até mesmo a aprendizagem de uma nova profissão ou de um novo idioma. Isso faz com que ele se sinta em crescimento, mesmo que, num primeiro momento, pareça ser sem sentido e aplicabilidade.

Outra maneira encontrada pelas pessoas de terceira idade para se sociabilizarem foi fazer uso da tecnologia – sejam eles através de computadores, celulares, tabletes, etc. Ao contrário do que muitas pessoas dizem aparelhos eletrônicos não se limitam apenas ao contato pessoa-máquina ou máquina-máquina, mas também pessoa-pessoa. O diálogo entre dois ou mais indivíduos é essencial

para a vida de qualquer um e isso é suprido através de forma que facilitem e concretizem essa ação. Os adultos idosos possuem a opção de usar ou não uma ferramenta tecnológica, porém, diante da realidade de não mais morar próximo a todos que gostaria, acabam utilizando-a para se comunicarem e se sentirem parte da vida de quem está distante.

Segundo os entrevistados, a humanidade vem superando obstáculos e evoluiu para uma vida mais saudável e longa. Esse aumento da expectativa de vida está forçando a quebra de paradigmas. O primeiro deles, pilar para a construção dessa sociedade mais inclusiva, é o de moradia. Nós idosos do mundo todo queremos independência da família para tomar nossas próprias decisões de morar sozinhos ou em grupos e voltar a estudar para um melhor entendimento e conhecimento.

A família, como a comunidade, tem um lugar de destaque na criação de uma estrutura que estimula novos caminhos para o idoso, bem como proporciona efetivas opções àqueles que decidem ou são compelidos a deixar o serviço ativo e se incluir novamente ou iniciando os estudos.

O idoso necessita estar engajado em atividades que o façam sentir-se útil. Mesmo quando possuem boas condições financeiras, o idoso deve estar envolvido em atividades ou ocupações que lhe proporcionem prazer e felicidade. A atividade em grupo é uma forma de manter o indivíduo engajado socialmente, onde a relação com outras pessoas contribui de forma significativa em sua qualidade de vida. O idoso precisa ter vontade de participar para que assim possa usufruir dele, aspectos estes, que ajudam a melhorar e tornar mais satisfatória sua vida

8) Como resolver o problema da inclusão dentro das universidades para uma melhor qualidade de vida para o idoso?

Entrevistado 1: Preocupação de manter a pessoa idosa ativa inserida em programas de extensão educacional.

Entrevistado 2: Implantação de vários programas de extensão educacional.

Entrevistado 3: Proporciona conhecimentos teóricos e práticos que enfatizam a importância do processo de envelhecimento ativo.

Entrevistado 4: Uma condição individual e grupal de bem-estar físico e social, referenciada aos ideais da sociedade, às condições e aos valores existentes.

Entrevistado 5: Conhecimentos relativos ao processo de envelhecimento, onde seus anseios e desejos são respeitados e valorizados não por serem pessoas idosas, mas por serem cidadãos.

Entrevistado 6: Propõe-se observar a necessidade de desenvolver e oportunizar formas alternativas de acesso às novas tecnologias para o público idoso.

Entrevistado 7: Que as necessidades desses idosos sejam atendidas e para que eles não se sintam isolados da sociedade.

Entrevistado 8: Requerer e exercer seus direitos, para garantir que sua voz e vontade sejam ouvidas. Sendo assim, é dever do Estado garantir aos jovens, deficientes e ao adulto idoso o acesso à educação.

Entrevistado 9: Requerer e exercer seus direitos, para garantir que sua voz e vontade sejam ouvidas. Sendo assim, é dever do Estado garantir aos jovens, deficientes e ao adulto idoso o acesso à educação.

Entrevistado 10: Consiste na facilidade de acesso e de uso de ambientes, produtos e serviços por qualquer pessoa e em diferentes contextos

O trabalho de socialização para a terceira idade vem crescendo gradativamente aqui no Brasil. Um grande exemplo disso é o programa criado pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) que, desde os anos 60, desenvolve um trabalho que visa o objetivo de possibilitar oportunidades de convívio social aos idosos

As políticas públicas governamentais têm procurado implementar modalidades de atendimento aos idosos dentro das universidades, com isso proporcionando ao idoso uma não exclusão como, Centros de Convivência – espaço destinado à prática de atividade física, cultural, educativa, social e de lazer, como forma de estimular sua participação no contexto social que se está inserido.

Apesar da criação de novas leis de amparo a velhice, que evidenciam uma preocupação com esta crescente faixa etária, pouco tem sido feito para viabilizar o exercício dos direitos assegurados por estas leis. Ainda é muito pouca a atuação governamental efetiva, voltada para este segmento da população. Sabe-se que até mesmo as iniciativas de caráter privado estão mais direcionadas para o assistencialismo, conduzindo a uma tendência de afastar os idosos de realizar atividades criadoras, favorecendo assim o seu isolamento da sociedade a qual pertence

CONCLUSÃO

O envelhecimento populacional é uma das maiores conquistas da sociedade atual, porém essa conquista precisa também estar contemplada nas políticas públicas direcionadas ao idoso. O objetivo desse estudo foi analisar os pressupostos da Política do Envelhecimento no contexto de um programa de extensão universitária com público idoso.

Se a vida está sendo prolongada e evidentemente ampliado o ciclo de atividade produtiva dos indivíduos, nada mais justo e certo que dilatar o período de formação escolar e profissional, levando então a um idoso mais saudável e mais ativo. As mudanças nas vias de educação para que o idoso se prepare a viver positivamente esta etapa de vida, visando às oportunidades de sua reinserção no processo educacional formal, indicam um eixo norteador para novos aprendizados de ligação entre inclusão, educação e envelhecimento, expressões aparentemente incompatíveis.

A categoria ***“Envelhecimento: processo de aceitação”*** foi composta pela subcategoria ***“educação para o envelhecimento”***. Na primeira, ressaltou a atitude positiva e a satisfação com a vida, demonstrada por meio das falas, nas quais esses idosos se sentiram privilegiados, felizes e gratos pela vida que têm, mesmo com as mudanças biopsicossociais, vinculada ou não às limitações. A subcategoria ***educação para o envelhecimento*** indicou que a preparação para o adequado atendimento a essa população parte da educação de todos. As relações intergeracionais e a educação formal e informal deveriam ter ações estimuladas para atender as expectativas do público idoso, além de preparar as futuras gerações para o seu próprio envelhecimento.

E foi nesse contexto que surgiu a necessidade de alertar para a influência da inclusão do idoso nas universidades, para o acesso ao conhecimento e para prevenir efeitos de exclusão, repensando a educação, pela consciência de que os idosos têm características singulares como grupo social, biológico e psicológico, que

exigirá um novo estilo educativo, com diferentes objetivos, conteúdos e formas de estímulo à motivação.

Aqueles idosos que frequentam as universidades seniores, principalmente da universidade foco da pesquisa (UNAMA) percebem o envelhecimento de forma mais positiva e otimista, e eles têm consciência das suas «fragilidades» (sobretudo físicas), mas também das suas potencialidades e baseado nestes dados que foram retirados os idosos escolhidos para esta pesquisa de exclusão, composto de um grupo de 10 idosos sendo 05 mulheres e 05 homens como já foi dito anteriormente no trabalho, que participaram da intervenção e que estavam dentro dos critérios de inclusão.

Com isso entendeu-se que o envelhecimento pode ser vivenciado com alto nível de estresse, dificultando a realização das tarefas evolutivas. Por isso, deve-se aprender a construir os principais papéis de vida com bastante flexibilidade, de forma que eles sejam compatíveis com a etapa de vida. Isso requer conhecimento mais profundo dos papéis sociais e suas propriedades, especialmente as positivas.

À medida que se envelhece, temos maior necessidade da cultura para compensar perdas e, nessa vertente, observar que a educação pode oferecer instrumentos para aperfeiçoar, compensar e estimular o desenvolvimento e a aquisição de novas habilidades e recursos.

Foi importante compreender, como o idoso na universidade, entende que o processo de ensino e aprendizagem se constrói, na maior parte das vezes, de forma mais lenta. À medida que a idade avança, as pessoas vão se tornando mais vagarosas para andar, escrever, fazer os trabalhos e até pensar. Porém, suas intervenções durante as aulas são ricas quando registram suas experiências e se confrontam com os conceitos. As experiências de vida, que possuem, contribuem para o enriquecimento dos assuntos abordados.

Neste trabalho foi imprescindível descobrir que o aluno idoso também procura uma universidade pelo fato de que necessita angariar confiança e afeto. O aluno

idoso é, em geral, mais carente, por sentir-se solitário com as perdas que a vida lhe proporciona, ou por sofrer fisicamente de algum problema. Dificilmente encontramos idosos que não reclamam de algum modo. Sem dúvida, isto interfere em sua vida familiar e educacional.

A inclusão dos idosos traz á estes a consciência do tempo que já se foi e da finitude à frente, sentindo a necessidade de saírem de seus confinamentos para estudar. E o mais importante é notar que todos têm um projeto de vida, durante e depois de terminar um curso, em curto ou em longo prazo. A grande maioria já não tem mais a preocupação salarial. Há quem já seja voluntário e quem queira ser, contudo, mais especializado. Todas essas pessoas possuem uma vida intensa de trabalhos.

O estudante do ensino superior com mais de 60 anos está em busca de se refazer, reencontrar-se, e, ao recomeçar, sente-se útil e feliz por ter a oportunidade, na sua velhice, de continuar tecendo os fios do tempo de sua vida.

Em toda produção de conhecimento, devemos fazer escolhas, e por elas nos revelamos e desvelamos. De acordo com as concepções de mundo, de sociedade, de cultura, de gênero, de valores e de conhecimento que, como pessoas e profissionais, recebemos e interiorizamos, fazemos nossas opções, consciente ou inconscientemente, pois em um futuro próximo seremos nós.

Conscientizamos que os direitos e os deveres são de livre escolha da cidadania, mais não são suficientes para assegurar que este direito possa ser usufruído. Alguns desses direitos para os idosos que sempre quiseram estudar, muitos não podem fazê-lo porque o preceito de escolher livremente não é uma questão individual. Em muitas situações, eles consideraram a prática da livre escolha fora de seu alcance. Por isso avaliamos vários fatores sobre a velhice e um deles é que envelhecer pode ser um momento especial: com um cabedal de experiências vividas, uma consciência de seus erros e acertos, e uma equilibrada forma de ver a vida, há a possibilidade de o idoso fazer análises mais acertadas a respeito do mundo.

Este trabalho seria impossível sem um olhar interdisciplinar. Não se analisa ou avalia somente com o pensamento, mas com a emoção, com a percepção, com o físico, ou seja, com o ser total. Exige uma espera, uma gestação prolongada e um amadurecimento frente às dúvidas que vão surgindo em meio a toda esta luta, porque as histórias de vida são resgatadas por etapas, por áreas de interesses, por lances de memória que se juntam meio a estes esforços para obter um lugar em qualquer espaço, sem ser excluído por qualquer motivo que seja. Isto propicia e reforça a dúvida e a insegurança contínua por parte do idoso, mas oportuniza sempre novos questionamentos do tipo, será que um dia isso irá acabar? E teremos igualmente uma, responsabilidade, compromisso ético e um novo recomeçar?

Há necessidade de maior aproveitamento para capacitação de homens e mulheres para chegarem ao envelhecimento com mais saúde para desfrutarem de bem-estar pleno. Buscar inclusão social, participação total dos idosos nas sociedades e permitir que eles contribuam com a comunidade para o desenvolvimento da sociedade, tornam-se essenciais. Necessita-se de uma ação pactuada para transformar as oportunidades e a qualidade de vida de homens e mulheres à medida que envelhecem, para assegurar o suprimento de suas necessidades. O potencial dos idosos constitui sólida base para o desenvolvimento futuro. Permite à sociedade recorrer cada vez mais à competência, experiência e sabedoria dos idosos, não só para tomar a iniciativa de sua própria melhoria, mas para garantir relações sociais de qualidade.

A habilitação de idosos e a promoção de sua plena participação são elementos imprescindíveis para um envelhecimento ativo. É preciso oferecer sistemas adequados e sustentáveis de apoio social a pessoas idosas para não perpetuar o sofrimento delas ao longo do envelhecimento, marcado pelo processo de exclusão que esses sofrem por não serem produtivamente ativos. Se as instituições não se prepararem para o atendimento digno às necessidades dos idosos, poderão tornar-se “incipientes no apoio à construção da identidade” (Both, 2000, p. 93).

Independente de qualquer indicação, o fato maior reside no sentido de que ao idoso deve ser garantido seus direitos como o direito à liberdade, respeito e dignidade de sobrevivência, de forma que venha a constituir esse processo de forma prazerosa, sob a perspectiva de afeto e busca incessante de um dos estados mais almejados pelo ser humano: a felicidade e qualidade de vida, por isso foi escolhido estes dados para serem mostrados também, assim como mostram as perguntas e respostas respondidas pelos próprios entrevistados, sobre a influência da inclusão do idoso nas universidades.

O tempo estipulado para conclusão desse trabalho e minhas escolhas determinaram meu olhar e meu aprofundamento em cada temática. Acredito que muitas são as possibilidades de investigação. Nesse sentido, faz-se necessário a realização de novas pesquisas acerca desta temática, a fim de proporcionar subsídios científicos aos profissionais de saúde e a população. Deste modo, os conhecimentos podem ser aprimorados, dando suporte necessário à população idosa de uma vida saudável e digna em um espaço na sociedade escolhido por eles próprios.

REFERÊNCIAS

- Ainscow, M., & Cesar, M. (2006) Inclusive education ten years after Salamanca: setting the agenda. *European Journal of Psychology of Education*, XXI(3), 231-238.
- Ainscow, M., & Ferreira, W. (2003). Compreendendo a educação inclusiva: algumas reflexões sobre experiências internacionais. In D. Rodrigues (Ed.), *Perspectivas sobre inclusão: da educação à sociedade* (p. 103-116). Porto: Porto Editora.
- Bardin, L. (2011) *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa. 3ª Ed.
- Backes, D. S (et all).(2011) Grupo focal como técnica de coleta e análise de dado sem pesquisas qualitativas. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 35, p. 438-442.
- Berger, K. S. (1994). *The developing person through the life span*. New York: Worth Publishers.
- Both, A.; Barbosa, M.H.S.;(2003) *Envelhecimento humano; múltiplos olhares*. Passo fundo: UPF.
- Boemer, M. R.; Zanetti, M. L.; Valle, (1991) Ideia de morte no idoso – uma abordagem compreensiva. In: r. m. s. (Org.). *Da morte: estudos brasileiros*. São Paulo: Papyrus. p. 119-127.
- Birman J. (1995) Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: Veras, r. *Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. p.29-48.
- Bulla, L. C.; Kaefer, K. (2003) Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. *Revista Textos & Contextos*. Porto Alegre, ano II.
- Brasil. (2005). *Organização Pan-Americana da Saúde. Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília-DF.
- Charlot, Bernard (2000). *Da relação com o saber*. Porto Alegre: Artmed.

- Conferência nacional dos bispos do Brasil (CNBB).Fraternidade e pessoas idosas São Paulo: Salesiana, 2002. (Texto-baseda Campanha da Fraternidade em 2003)
- Dias, A.M; (2007). O processo de envelhecimento humano e a saúde do idoso nas práticas curriculares do curso de fisioterapia da UNIVALI campus Itajaí: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado – Universidade do Vale do Itajaí.
- Fernandes, F. S. (1999) As pessoas idosas na legislação brasileira. São Paulo
- Fleck, M. P. A., Chachamovich, E., & Trentini, C. M. (2003). Projeto WHOQOL-OLD: método e resultado de grupos focais no Brasil. *Revista de Saúde Pública*,37 (6), 793-799.
- Freire, S., & César, M. (2002). Evolution of the Portuguese special education system. A deaf child's life in a regular school: is it possible to have hope?. *Educational and Child Psychology*, 19(2), 76-96.
- Flick, U.(2009).Uma introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo.
- Fonseca, A.M.G. (2004). Uma Abordagem Psicológica da “Passagem à Reforma” – Desenvolvimento, Envelhecimento, Transição e Adaptação.Dissertação de Doutorado em Ciências Biomédicas. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar:
- Forlin, C., Douglas, G., & Hattie, J. (1996). Inclusive practices: how accepting are the teachers? *International Journal of Disability, Development and (Ed.,43)*, 119 133.
- Forlin, C. (2006). Inclusive Education in Australia Ten Years after Salamanca. *European Journal of Psychology of Ed.* XXI, 265-277
- Fullan, M. (2001). The new meaning of educational change (3^o ed.). London: Routledge Falmer.
- Gomes, R. (1994). A análise dos dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria,C. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes.
- Gross, F. Cristina Duarte P., Portes, Écio A.(2015) A escola para aluno da terceira idade: “Lugar” de superação das dificuldades, dos medos e do “Pavor” Causado pela matemática escolar. Artigo publicado no site:

<http://www.ufjf.br/emem/files/2015/10/A>

Guardini, R. (2012). *A aceitação de si mesmo: as idades da vida.*(78ª ed.). São Paulo (SP): Palas Athenas.

Haguette, T. M. F.(2000). *Metodologias qualitativas na sociologia.* (ed.7) Petrópolis:Vozes.

Irigaray, T. Quarti & Schneider, Rodolfo H.(2008). Impacto na qualidade de vida e no estado depressivo de idosas participantes de uma universidade da terceira idade. *Estud. psicol. (Campinas)*, vol.25, n.4, pp. 517-525. ISSN 0103-166X.

Jones, R. L. (2006). 'Older people' talking as if they are not older people: positioning theory as an explanation. *Journal of Aging Studies*, 20 (1), 79-91.

Johnson, Allan G. (1997) *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica.* Rio de Janeiro: Zahar.

Kachar, V. (2003). *Terceira Idade e Informática: aprender revelando potencialidades,* São Paulo, Cortez.

Lerner, R.M., Easterbrooks M.A. & Mistry, J. (Eds.). (2003). *Handbook of Psychology: Developmental Psychology (Vol. 6).* New Jersey: John Wiley & Sons

Lima, M. A. (2001). *A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: A UNATI/UERJ.* In Renato Veras (Org.), *Velhice numa perspectiva de futuro saudável* (pp. 33-98). Rio de Janeiro: UnATI, UERJ.

Marques, M. M.(2009). *Bem-Estar Acadêmico em alunos das Universidades da 3ª idade em Portugal.* Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Martinelli, M. L.. (Org).(1999) *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio.* São Paulo: Veras.

Messy J. A (1999). *Pessoa idosa não existe.* (Tradução JSM. Werneck). São Paulo: Aleph.

- Menocchi, L.M.(2009).Representações Sociais de Professores e Alunos sobre o Envelhecimento Humano e Educação em um programa de Universidade Aberta à Terceira Idade.Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Universidade Estadual Paulista: Bauru
- Mendes, M.R.S.S.B.; Gusmão, J.L.; Faro, A.C.M.; Leite, (2005) A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. *Acta Paul Enferm.*; vol.18,no.4.
- Minayo, Maria Cecília de Souza (Org.).(1994) Pesquisa social - teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ; Vozes.
- Moñivas, A. (1998). Representaciones de la vejez (Modelos de Disminución y de recimiento).*Analises de psicologia*, 14(1), 13-25.
- Nascimento, I. (2009). Tempo que falta, tempo que resta, tempo que sobra: Dinâmicas psicológicas da vivência de tempos e ritmos na transição para a reforma. In Joaquim Coimbra, José Manuel Castro, & Avelino Leite (Orgs.), Uma década de trabalho e aprendizagens do X Congresso Internacional de Formação para o Trabalho Norte de Portugal/Galiza (p. 129-139). Porto: Instituto de Emprego e Formação Profissional, Delegação Regional do Norte.
- Netto PM. (2002).O estudo da velhice no séc.XX: histórico, definição do campo termos básicos. In: Freitas E. et al.(Orgs)Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 2-12
- Neri, A. J. F.(1999). Qualidade de vida no adulto maduro: Interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In: *Qualidade de vida e idade madura*. 2 ed. São Paulo: Papyrus, p. 9-47.
- Neri, A. L. (2008).Palavras chave em gerontologia. Campinas: Editora Alínea.(3ª.ed.).
- Neto, F. (1999). As pessoas idosas são pessoas: Aspectos psicossociais do envelhecimento. *Psicologia, Educação e Cultura*, III(2), 297-322.
- Nunes, L. (1999). A prescrição da atividade física. Lisboa: Editora Caminho.Oliveira, Flávia, & Oliveira, Rita (2002).
- Oliveira, R,(1999).Terceira idade: Do repensar dos limites aos sonhos possíveis (1º ed). São Paulo: Ed. Paulinas, 288 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. (1982). Assembléia mundial sobre envelhecimento: resolução 39/125. Viena. Fundamentos psicológicos da educação. livro/livro/livro.chunked/ch09.html#SOUZA98

Paschoal, S. M. P.(2004). *Qualidade de vida do idoso: elaboração de um instrumento que privilegia sua opinião*. São Paulo, 2000. Disponível: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/de09112001162639/publico/tdesero.pdf> Acesso em: 3 mar.

Palacios, J. (1995). Mudança e desenvolvimento durante a idade adulta e a velhice. In: Coll, César; Palacios, Jesús; Marchesi, Álvaro. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas,. p. 371-388.

Peixoto C. (1998). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: Barros MML de. (Org.). *Velhice ou terceira idade?* . (p. 69-84).Rio de Janeiro.

Pinto, F. C. (2007). A terceira idade: Idade da realização. In Agustín Osório & Fernando Cabral Pinto (Orgs.), *As pessoas idosas: Contexto social e intervenção educativa*. Lisboa: Instituto Piaget. p. 75-103.

REVISTA CIÊNCIAS HUMANAS, UNITAU. (2008). Volume 1, número 2,. Disponível em <http://www.unitau.br/revistahumanas>.

Ribeiro, A.P.F. (2007). *Imagens de velhice em profissionais que trabalham com idosos*. Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Geriatria e Gerontologia. Universidade de Aveiro, Secção Autónoma de Ciências da Saúde: Aveiro.

Ribeirinho, C.M.C. (2005). *Concepções e Práticas de Intervenção Social em Cuidados Sociais ao Domicílio*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa: Lisboa

Rosa, I. P. Variáveis cognitivas e afetivas do envelhecimento. *Mudanças*. São Bernardo do Campo, v. 8, p. 159-165, 1993.

Rodrigues, N. C.; Rauth, J. (2006) *Os Desafios do Envelhecimento no Brasil*. In: Freitas, Elisabete Viana et al. (Org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (2ª. ed.) Rio de Janeiro.

- Rodrigues, D. (2000). O paradigma da educação inclusiva: reflexões sobre uma agenda possível. *Inclusão*, 1, 7-13.
- Salgado, M. A., (1980). *Velhice, uma nova questão social*, São Paulo; SESC-CETI.
- Sánchez, A.N. (1982). Imagen y Estereotipos Acerca de los Ancianos en Venezuela. *Revista Latino americana de Psicología*, 14(3), 363-383.
- Setubal, A. A.(1999). Análise de conteúdo: suas implicações nos estudos das comunicações. In: Martinelli, M.L. *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras.
- Silva, L.W.S., Santos, R.G., Scquarcini, C.F.R., Souza, A.L., Azevedo, M.P. & Barbosa, F.N.M. (2011). Perfil do estilo de vida e autoestima da pessoa idosa: perspectivas de um Programa de Treinamento Físico. *Revista Kairós Gerontologia*, 14(3),145-166. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC- SP.
- Spink, M. J. (Org.). (2000). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez.(2ª ed.).
- Tamer, Norma Liliana; PETRIZ, Graciela.(2007) A qualidade de vida dos idosos. In: Osório, Agustín Requejo; PINTO, Fernando Cabral. *As pessoas idosas: contexto social e intervenção educativa*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Thiollent, M.(2011) *Metodologia da Pesquisa-ação*. (13ª. Ed). São Paulo: Cortez.
- Trad L.B. (2009) *Grupos Focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisa de saúde*.. Rio de Janeiro, v. 19, n.3:777-96.
- Triviños, A. N. S.(1987) *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Unesco (1994). *Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais*. Conferência Mundial de Educação Especial. Salamanca, Espanha.
- Unesco (2003) *Open File on Inclusive Education*. Paris: UNESCO.

Unesco (2003). Overcoming exclusion through Inclusive Approaches in Education. Paris: UNESCO

Veloz, M. C. T., Nascimento, S, C. M., & Camargo, B. V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12, 479-501.

Veras, R. (2007). Fórum. Envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos. Introdução. *Cad. Saúde Pública*.

Viorst, J. (1998). Perdas necessárias. São Paulo: Melhoramentos.

Vieira, E. B. (1996). Manual de gerontologia, Rio de Janeiro: Revinter.

Godim, S. M. G. (2003). Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, Salvador, vol. 12, n. 24, p. 149-161.

Sites consultados:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-051-TC.pdf>

<http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>

<https://inclusaoja.com.br/category/opiniao/>

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000601763

<http://site.ufsm.br/noticias/exibir/3800>

<http://producao.virtual.ufpb.br/books/edusant>

<http://piracanga.com/idade-da-sabedoria-vida-recomeca-aos-50-anos/>

ANEXO I

**PESQUISA PARA TESE DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

- 1) *O que se sabe sobre o envelhecimento?*
- 2) *O que se sabe sobre inclusão social?*
- 3) *Como encarar as limitações que aparecem com o passar do tempo?*
- 4) *Qual a qualidade de vida que se tem ao envelhecer?*
- 5) *Qual a preocupação de quando não se é aceito dentro de uma universidade?*
- 6) *Qual a qualidade de vida do idoso quando decide viver na sociedade?*
- 7) *Os motivos que levariam o idoso a voltar a estudar e ter uma formação?*
- 8) *Como resolver o problema da inclusão dentro das universidades para uma melhor qualidade de vida para o idoso?*

Obrigado a todos vocês que espontaneamente decidiram colaborar com o preenchimento deste questionário.

Marilene do Rosário Menezes
Mestranda em Ciências da Educação

ANEXO II

ENTREVISTAS



Entrevista 1

1) O que se sabe sobre o envelhecimento?

É a perda gradativa do nosso organismo.

2) O que se sabe sobre o inclusão social?

Meios e ações que combatem a exclusão aos benefícios da vida em sociedade.

3) Como encarar as limitações que aparecem com o passar do tempo?

Um processo de amadurecimento da vida adulta, onde notamos claramente as mudanças físicas.

4) Qual a qualidade de vida que se tem ao envelhecer?

Qualidade de vida na atualidade surge do fato de que a sociedade na qual vivemos não assegura os direitos da maioria dos idosos, apesar da existência de leis destinadas a esse fim como o Estatuto do Idoso e a Política Nacional do Idoso.

5) Qual a preocupação de quando não se é aceito dentro de uma universidade?

O avanço da idade dar-se-ia como um processo contínuo de perdas e de dependência.

6) Qual a qualidade de vida do idoso quando decide viver na sociedade?

Refletem mudanças culturais e avanços obtidos em relação à saúde e às condições de vida.

7) Os motivos que levariam o idoso a voltar a estudar e ter uma formação?

O bem-estar socioemocional, em que o indivíduo se permite criar novas associações.

8) Como resolver o problema da inclusão dentro das universidades para uma melhor qualidade de vida para o idoso?

Preocupação de manter a pessoa idosa ativa inserida em programas de extensão educacional.



Entrevista 2

1) O que se sabe sobre o envelhecimento?

Significar maturidade, experiência de vida.

2) O que se sabe sobre o inclusão social?

É oferecer oportunidades iguais de acesso a bens e serviços a todos.

3) Como encarar as limitações que aparecem com o passar do tempo?

Comum os idosos reagirem com alívio e leveza, com este fechamento de obrigações sociais da vida e se perceberem mais "livres" das pressões.

4) Qual a qualidade de vida que se tem ao envelhecer?

Ações e projetos inovadores, a fim de aprimorar o atendimento dispensado a essas pessoas.

5) Qual a preocupação de quando não se é aceito dentro de uma universidade?

Preconceito contra os idosos.

6) Qual a qualidade de vida do idoso quando decide viver na sociedade?

Mudanças comportamentais e emocionais.

7) Os motivos que levariam o idoso a voltar a estudar e ter uma formação?

Maior expectativa e qualidade de vida.

8) Como resolver o problema da inclusão dentro das universidades para uma melhor qualidade de vida para o idoso?

Implantação de vários programas de extensão educacional.



Entrevista 3

1) O que se sabe sobre o envelhecimento?

Mudanças e perdas.

2) O que se sabe sobre o inclusão social?

Pode ser chamada também de integração, reunião ou união e inserção ao meio social.

3) Como encarar as limitações que aparecem com o passar do tempo?

A religião, as tradições ou filosofias de vida tem forte impacto e podem até mesmo ser determinantes nesta análise sobre si mesmo e sua história.

4) Qual a qualidade de vida que se tem ao envelhecer?

Fatores como condições de vida, acesso aos bens e serviços, cobertura da rede de proteção e as condições de atendimento social.

5) Qual a preocupação de quando não se é aceito dentro de uma universidade?

Pessoas idosas tendem a ter um status muito mais baixo, pois, atualmente, é o jovem que freqüentemente tem maiores habilidades e um conhecimento mais amplo em determinadas áreas da vida.

6) Qual a qualidade de vida do idoso quando decide viver na sociedade?

Cuidar ou ser cuidado.

7) Os motivos que levariam o idoso a voltar a estudar e ter uma formação?

Continuar aprendendo.

8) Como resolver o problema da inclusão dentro das universidades para uma melhor qualidade de vida para o idoso?

Proporciona conhecimentos teóricos e práticos que enfatizam a importância do processo de envelhecimento ativo.



Entrevista 4

1) O que se sabe sobre o envelhecimento?

Desligar os motores e se preparar para a morte.

2) O que se sabe sobre o inclusão social?

Ato é fazer com que o individuo inserido adapte-se aos costumes e adquira postura e comportamento semelhantes aos demais do convívio.

3) Como encarar as limitações que aparecem com o passar do tempo?

Uma ideia de boa morte, normalmente está ligada a ideia de uma boa vida

4) Qual a qualidade de vida que se tem ao envelhecer?

Bem-estar físico e psicológico, nível de independência, relações sociais, ambiente de trabalho e lazer, religiosidade, entre outros.

5) Qual a preocupação de quando não se é aceito dentro de uma universidade?

Mmodificações corporais e mentais que ocorrem ao longo do processo de desenvolvimento

6) Qual a qualidade de vida do idoso quando decide viver na sociedade?

O suporte aos idosos e às idosas seja da responsabilidade da família, do Estado e da sociedade

7) Os motivos que levariam o idoso a voltar a estudar e ter uma formação?

Reduzir a ansiedade e aprimorar a atenção.

8) Como resolver o problema da inclusão dentro das universidades para uma melhor qualidade de vida para o idoso?

Uma condição individual e grupal de bem-estar físico e social, referenciada aos ideais da sociedade, às condições e aos valores existentes.



Entrevista 5

1) O que se sabe sobre o envelhecimento?

É a última fase da vida.

2) O que se sabe sobre o inclusão social?

Participação de pessoas em atividades nas quais muitos acham que elas não têm condições de participar.

3) Como encarar as limitações que aparecem com o passar do tempo?

Com o fim destas pressões sociais.

4) Qual a qualidade de vida que se tem ao envelhecer?

Significa estar satisfeito com a vida atual e ter expectativas positivas em relação ao futuro.

5) Qual a preocupação de quando não se é aceito dentro de uma universidade?

O início de uma vida social prazerosa, composta por atividades e lazer.

6) Qual a qualidade de vida do idoso quando decide viver na sociedade?

Defender sua dignidade, zelar pelo seu bem-estar e garantir o direito à vida.

7) Os motivos que levariam o idoso a voltar a estudar e ter uma formação?

A educação para o idoso favorece os aspectos biológicos, psíquicos e sociais.

8) Como resolver o problema da inclusão dentro das universidades para uma melhor qualidade de vida para o idoso?

Conhecimentos relativos ao processo de envelhecimento, onde seus anseios e desejos são respeitados e valorizados não por serem pessoas idosas, mas por serem cidadãos.



Entrevista 6

1) O que se sabe sobre o envelhecimento?

Aparentar velhice ou antiguidade.

2) O que se sabe sobre o inclusão social?

O processo de incluir pessoas e ou famílias em atividades, processos que para a grande maioria é tida como normal e natural e para as pessoas excluídas requer grande esforço e condições para participar dessas atividades.

3) Como encarar as limitações que aparecem com o passar do tempo?

Visto como uma fase de maior maturidade e experiência de vida.

4) Qual a qualidade de vida que se tem ao envelhecer?

A qualidade de vida pode ser mantida com criatividade e lazer, sem dispensar os cuidados com a saúde.

5) Qual a preocupação de quando não se é aceito dentro de uma universidade?

As habilidades adaptativas dos indivíduos para se adequarem às exigências do meio.

6) Qual a qualidade de vida do idoso quando decide viver na sociedade?

Apoio que cabe a uma rede de serviços oferecer ao/à idoso/a dependente e aos seus familiares.

7) Os motivos que levariam o idoso a voltar a estudar e ter uma formação?

Melhor desenvolvimento profissional para os que ainda trabalham.

8) Como resolver o problema da inclusão dentro das universidades para uma melhor qualidade de vida para o idoso?

Propõe-se observar a necessidade de desenvolver e oportunizar formas alternativas de acesso às novas tecnologias para o público idoso.



Entrevista 7

1) O que se sabe sobre o envelhecimento?

Ação natural do tempo que faz com que todo ser vivo envelheça, alterando sua aparência física, bem como as funcionalidades do seu corpo que passam a ser mais precárias.

2) O que se sabe sobre o inclusão social?

Inserir essas pessoas ao meio, à coletividade, não formar grupos somente de pessoas com síndrome de daw, de negros e de brancos, etc.

3) Como encarar as limitações que aparecem com o passar do tempo?

Como a incapacidade, a dependência, imaturidade e tristeza

4) Qual a qualidade de vida que se tem ao envelhecer?

Quem entra na terceira idade possui necessidades fundamentalmente iguais a de outros grupos etários, tais como: segurança física, financeira e emocional.

5) Qual a preocupação de quando não se é aceito dentro de uma universidade?

Capacidade de se adaptar a novas situações

6) Qual a qualidade de vida do idoso quando decide viver na sociedade?

Receber em casa visitas periódicas de médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas e demais profissionais afins.

7) Os motivos que levariam o idoso a voltar a estudar e ter uma formação?

Desenvolvimento intelectual

8) Como resolver o problema da inclusão dentro das universidades para uma melhor qualidade de vida para o idoso?

Que as necessidades desses idosos sejam atendidas e para que eles não se sintam isolados da sociedade.



Entrevista 8

1) O que se sabe sobre o envelhecimento?

Processo de diminuição orgânica e funcional, não decorrente de doença, e que acontece inevitavelmente com o passar do tempo.

2) O que se sabe sobre o inclusão social?

Conjunto de ações que garante a participação igualitária de todos na sociedade, independente da classe social, da condição física, da educação, do gênero, da orientação sexual, da etnia, entre outros aspectos.

3) Como encarar as limitações que aparecem com o passar do tempo?

Decadência física e pela ausência de papéis sociais, onde não é dado o devido valor ao idoso.

4) Qual a qualidade de vida que se tem ao envelhecer?

A necessidade de amor e afeto deve ser considerada como indicador de qualidade de vida.

5) Qual a preocupação de quando não se é aceito dentro de uma universidade?

Rejeição por conta da decadência de memória e da fragilidade.

6) Qual a qualidade de vida do idoso quando decide viver na sociedade?

Procurar obter uma vida saudável estando no convívio social.

7) Os motivos que levariam o idoso a voltar a estudar e ter uma formação?

Aquisição de conhecimentos, a participação em atividades de lazer e culturais e também ser um meio de inclusão social.

8) Como resolver o problema da inclusão dentro das universidades para uma melhor qualidade de vida para o idoso?

Requerer e exercer seus direitos, para garantir que sua voz e vontade sejam ouvidas. Sendo assim, é dever do Estado garantir aos jovens, deficientes e ao adulto idoso o acesso à educação.



Entrevista 9

1) O que se sabe sobre o envelhecimento?

Processo de diminuição orgânica e funcional, não decorrente de doença, e que acontece inevitavelmente com o passar do tempo.

2) O que se sabe sobre o inclusão social?

Conjunto de ações que garante a participação igualitária de todos na sociedade, independente da classe social, da condição física, da educação, do gênero, da orientação sexual, da etnia, entre outros aspectos.

3) Como encarar as limitações que aparecem com o passar do tempo?

Decadência física e pela ausência de papéis sociais, onde não é dado o devido valor ao idoso.

4) Qual a qualidade de vida que se tem ao envelhecer?

A necessidade de amor e afeto deve ser considerada como indicador de qualidade de vida.

5) Qual a preocupação de quando não se é aceito dentro de uma universidade?

Rejeição por conta da decadência de memória e da fragilidade.

6) Qual a qualidade de vida do idoso quando decide viver na sociedade?

Procurar obter uma vida saudável estando no convívio social.

7) Os motivos que levariam o idoso a voltar a estudar e ter uma formação?

Aquisição de conhecimentos, a participação em atividades de lazer e culturais e também ser um meio de inclusão social.

8) Como resolver o problema da inclusão dentro das universidades para uma melhor qualidade de vida para o idoso?

Requerer e exercer seus direitos, para garantir que sua voz e vontade sejam ouvidas. Sendo assim, é dever do Estado garantir aos jovens, deficientes e ao adulto idoso o acesso à educação.



Entrevista 10

1) O que se sabe sobre o envelhecimento?

Alterações morfológicas e funcionais do organismo à medida que o tempo passa

2) O que se sabe sobre o inclusão social?

Ações inclusivas tomadas no âmbito de uma instituição de ensino, espaço este que deve ser parte primordial para a formação do ser humano como um cidadão.

3) Como encarar as limitações que aparecem com o passar do tempo?

Adaptação a uma nova situação, novas rotinas, novos contactos e interações com pessoas que não conhece.

4) Qual a qualidade de vida que se tem ao envelhecer?

Alto nível de qualidade de vida parece ser um convívio social positivo, próximo e estável. O lazer associado a atividades físicas e mentais estão diretamente relacionadas ao favorecimento da qualidade de vida.

5) Qual a preocupação de quando não se é aceito dentro de uma universidade?

Promover a autoestima e o resgate da cidadania, incentivar a autonomia, independência, autoexpressão e reinserção social, em busca de uma velhice bem-sucedida.

6) Qual a qualidade de vida do idoso quando decide viver na sociedade?

De se sentir necessário e sempre ativo dentro das suas possibilidades.

7) Os motivos que levariam o idoso a voltar a estudar e ter uma formação?

Manter a mente ativa para garantir a qualidade de vida.

8) Como resolver o problema da inclusão dentro das universidades para uma melhor qualidade de vida para o idoso?

Consiste na facilidade de acesso e de uso de ambientes, produtos e serviços por qualquer pessoa e em diferentes contextos.